

saboroso

Plantas gordas e suculentas guardam a entrada para esse jardim de delícias; cheio de orquídeas exuberantes, orquestradas por beija-flores agitados e marimbondos murmurantes que voam ao seu redor. Flores primorosas crescem livremente, abraçando exuberantes árvores floríferas como um colar em um pescoço delgado. Também aparecem em retalhos de tecidos adoráveis, quase não vestindo a forma humana voluptuosa. As gramíneas ondulam com a brisa e convidam pessoas de todos os tipos e cores a usá-las em artefatos raros e ornamentais, para cobrir telhados, pisos e o corpo; o corpo divino com sua nudez picante e cachos sublimes de cabelo que se tornaram a marca registrada do Brasil, representando as raízes de sua cultura.

As raízes foram descobertas e recuperadas para dar à comida cor e energia locais. A palmeira prolífica divide o seu coração com todos nós, oferecendo pratos saborosos inacreditáveis diretamente do forno, inspirando formas improvisadas de cozinhar para o nosso futuro exuberante. A música característica vem também da floresta, com tambores e flautas e vozes xamanísticas que, com uma doçura ambrosíaca, narram a origem do planeta e o nascimento do homem. Pássaros raros e opulentos cantam o seu próprio refrão, descrevendo com um fervor alto o seu meio ambiente de dar água na boca.

Frutas deliciosas de todas as formas e tamanhos fazem parte de um ritual diário de limonadas e sucos apetitosos. A floresta tropical é famosa por abrigar milhares de espécies desconhecidas de plantas, ainda a serem descobertas para a nossa saúde e prazer. Macacos dourados raros podem ser considerados ícones dos tesouros encontrados nessa terra: o petróleo rico, o milho doce, o abacaxi saboroso, o mel xaroposo e o próprio metal raro, fazendo desse país uma verdadeira terra onde corre leite e mel – agora também produzindo sorvetes.

Uma destinação como um destino inevitável.

As flores exibicionistas que desenham a paisagem brasileira são abraçadas por palatáveis criaturas do mar que podem ser pescadas no litoral de sete mil e quinhentos quilômetros de extensão. A bela e a fera são unidos para imaginar a terra saborosa da Amazônia; a ousadia de sua cor, a insolência de sua forma, a emoção de seu abraço suntuoso. Matando-me suavemente.

Lidewij Edelkoort



Bloom Brasil
saboroso
Lidewij Edelkoort

abril 2014
primeira edição
Totalcom Comunicação e Eventos



cabaças com folhas recortadas de lata, da região de Bichinho, Minas Gerais, **Oficina de Agosto**

01 bem-vindos

DIRETOR DE ARTE Sergio Machado FOTOGRAFIA Rogerio Cavalcanti TEXTO Lidewij Edelkoort
 PRODUÇÃO Lucius Vilar e Virginia Lamarco ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA Jorge Escudeiro TRATAMENTO
 DE IMAGEM Factory Retouch CABELO E MAQUIAGEM Raul Melo MODELOS Lilian Franklin, Jorge Escudeiro,
 Carmelita, William Hilgemann, Kelie Santos, Evelin Weber, Gabriel Gomieri, Lucas Rufino,
 Suki Ohana, João Zavaski, Amanda Lopes, Raquel Radiske, Ibanez

O espírito de abundância e de celebração é captado pelas guirlandas, as decorações vegetativas pendentes projetadas para simbolizar uma acolhida calorosa, feitas para decorar uma casa ou espaço público onde as pessoas se reúnem. Essas grinaldas clássicas são criadas de conchas, pedras, nozes, frutas e flores, combinando assim uma grande quantidade de matéria orgânica. Amarradas com um barbante, funcionam como joias para ambientes interiores, que por sua vez se tornam enormes colares para ornamentar a gente bonita do Brasil.

Os materiais usados para esses objetos de celebração são humildes e domésticos, pimentas de papel, flores de plástico, contas de madeira, cabaças secas, conchas catadas, contas coloridas e tecidos multicoloridos. Ingênuos por natureza e confeccionados por artistas populares, são testemunhas sedutoras de uma sociedade humilde e hospitaleira.

A generosidade de um país pode ser medida por suas guirlandas, assim como pela franqueza de seu povo. Nesse sentido, o Brasil é um país extraordinário. Como em nenhum outro lugar, reúne as pessoas como as pessoas montam uma guirlanda, conectando uma multidão de raças e cores, uma multiplicação de ancestrais que no passado deixaram sua terra natal em busca de aventura e ouro no Brasil sedutor.

Inicialmente, fica-se até tonto com a variedade de etnias encontradas, uma amostragem humana sem igual. Senti-me desconfortável por não entender o que há de tão diferente nessa nação em relação a todos os outros países do mundo que conheci. Gradualmente entendi que o fato de não haver uma só raça ou cor dominante é que me dava esse sentimento de desorientação, que ter todas as origens igualmente representadas é algo raro e utópico, tornando essa nação a mais integrada do mundo. A mais bem-sucedida na criação de oportunidades para muitos, a mais experiente em convivência em relativa paz. Uma vez reconhecido, esse fato me deu um sentimento de emoção e extrema felicidade de ter enfim encontrado um país onde todas as pessoas falam e cantam em uma só voz o orgulho de ser brasileiro.

Assim, a pele branca germânica é realçada por feições africanas escuras, misturadas com tons morenos indígenas e epidermes amarelas asiáticas. Os ancestrais portugueses falam através de uma tez mais escura, enquanto os italianos têm uma áurea bronzeada. A beleza árabe fosca se junta à pele judia translúcida em uma reunião de espíritos, embelezando essa coleção de cravos. Eles estão aqui representados para dar-lhes as boas-vindas para este livro, retratados como testemunhas ampliadas de sua terra natal. Bem-vindos!



colar de pedras **Milena Lieberman**

penca de balangandãs de metal trabalhado à mão, da região da Bahia, representando a abundância e o misticismo, **Galeria Arte Brasileira**





pimentas de madeira pintada, **Oficina de Agosto** e folhas **by Lucius**

colares de sementes **by Lucius** e **Amoa Konoya**





colar de contas de borracha **AGT**

bananas de madeira pintada, de Minas Gerais, **Kariri**





quirlanda indígena **Amoa Konoya**



quirlanda de flores, by **Lucius**



guirlanda feita com pulseiras de madeira, by **Lucius**

fruteira Centopeia, by **Gustavo Engelhardt**





Colares **Monica Carvalho** e **Amoa Kanoya**

colar feito com frutos de jequitibá, criação da artista plástica **Monica Carvalho**



ilhas invertidas⁰²

TEXTO Roberto Burle Marx FOTOGRAFIA Luiz Claudio Marigo

Todos sabem que a quantidade de seres na natureza é praticamente infinita. Quanto mais espécies procuramos, mais percebemos que estamos ainda longe de descobrir tudo o que gostaríamos, apesar das extraordinárias técnicas que revelam campos desconhecidos. De um total estimado de 3,5 milhões de espécies que habitam a Terra, apenas 1,5 milhão estão classificadas. Esses números revelam a dimensão de nossa ignorância e causam preocupação. Na realidade, isso indica que o que achamos que sabemos sobre biodiversidade ainda é muito limitado.

Gostaria de comentar sobre a família Bromeliaceae, que, para mim, é um verdadeiro milagre, uma revelação extraordinária. A curiosidade levou-me a trabalhar como paisagista. As bromélias sempre são um destaque em projetos especiais como a Fazenda Vargem Grande, de Clemente Gomes.

Bromélias! Lisas ou peludas, prateadas ou vivamente coloridas contra a luz ... elas lembram figuras humanas, híbridos inter-reinos com cabeças no formato de abacaxi, aparadas com *Tillandsia usneoides* desgrenhada. Algumas bromélias nos dão a impressão de que algum dia foram anêmonas-do-mar e águas-vivas, ou estrelas cadentes que se enroscaram nas copas das árvores, revelando, em momentos de amor, seus segredos em folhas multi-tons, assegurando casamentos felizes.

Todas as vezes que viajamos pela América do Sul, especialmente pelo Brasil, encontramos bromélias enormes. No litoral arenoso há a *Streptocalyx*, sempre tão *floribundus*. E a *Alcantarea imperialis*? Foi para as montanhas à procura de escarpas íngremes. Durante o dia elas se aquecem no calor das rochas, banhadas à noite pela névoa sonolenta que surge do suor da tarde.

Eu nunca encontro bromélias solitárias. Elas estão sempre ligadas com a vida animal e até

com outras plantas. Elas são ilhas invertidas, pois rodeiam a água. Viveiros para as larvas que nadam em seus cálices, onde os sapos vão se alimentar e as cobras encontram o balanço vital. Outras bromélias, como se sabe – não é mesmo? –, armazenam a água necessária para saciar a sede da *Philodendron leal-costae* quando há escassez de água durante determinadas épocas do ano. Raras vezes vi tamanha demonstração de amizade sincera!

Fantasticamente bem adaptadas ao seu meio ambiente, essa família de plantas consegue povoar lugares que, às vezes, são extremamente inóspitos. Suas formas são incríveis. Encontramos bromélias em mangues, quase encostadas na água salobra. Como epífitas, elas crescem em galhos remotos, ou podem cobrir o chão da floresta. Na sombra das árvores altas, elas brilham com a mesma luz incandescente do pôr do sol, como a *Cryptanthus zonatus*, que se esparrama pelo chão como pele descamada das cobras.

Muitas bromélias ficam tão cobertas de espinhos que estão sempre na defensiva; elas devem ter sofrido muito para se comportarem dessa forma. Algumas, como a *Neoregelia pauciflora*, são grudadas e parecem boiar no ar como um móvel de Calder. Os indígenas também as descobriram. Seus cocares bromeliformes coroavam cabeças nobres. Encantados, os pintores Frans Post e Margaret Mee procuraram retratá-las.

Não posso esquecer do abacaxi, rei das frutas com coroa e trono, doce com seiva indígena. Tudo o que resta para a engenharia genética é criar novos formatos e misturar as cores: azul-cobalto seria muito apreciado. Mas aqui, removidas da natureza, o mérito seria do homem. Esse mundo necessita ser protegido e salvaguardado. Aqueles que o procuram poderão então aproveitar a beleza das bromélias. Terão acesso às chaves que abrem as portas do infinito.

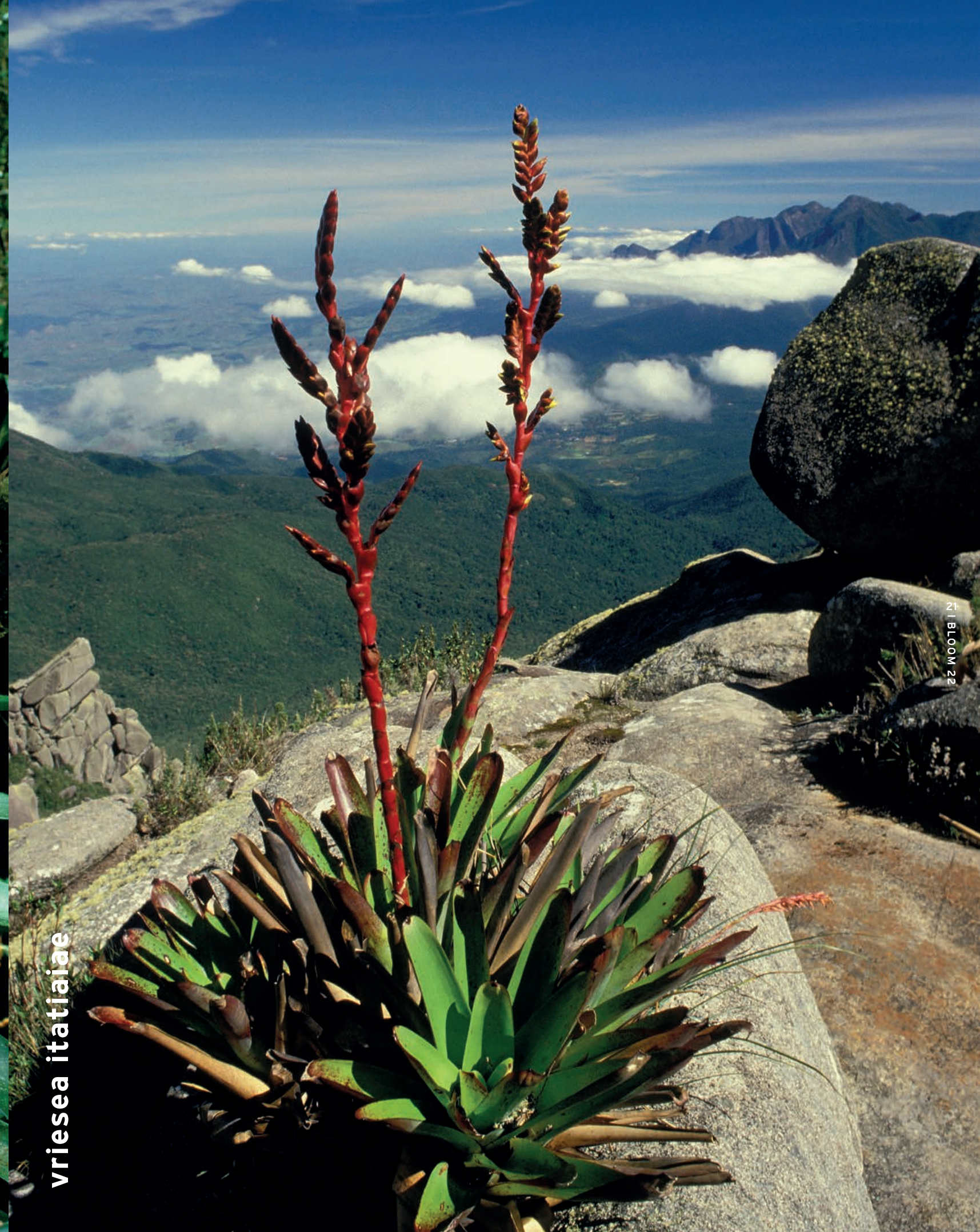
esse texto foi extraído do prefácio escrito, originalmente, para o livro *Bromeliads in the Brazilian Wilderness*, de Elton M C Leite (1993), Marigo Comunicação Visual



alcantarea nahoumi



nidularium ferdinando-coburgii



vriesea itatiaiae



tillandsia duratii



vriesea oligantha



alcantarea edmundoi



encholirium spectabile







sobre darwinismo⁰⁴ incluindo a mutação da canga

DIREÇÃO DE ARTE Sergio Machado FOTOGRAFIA Rogerio Cavalcanti TEXTO Lidewij Edelkoort
ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA Jorge Escudeiro TRATAMENTO DE IMAGEM Factory Retouch
AGRADECIMENTOS ESPECIAIS Dalutex e Lojas Renner

O processo pelo qual os organismos sofrem mutação ao longo do tempo resultante de modificações nas características físicas e de comportamento social, mudanças que permitem a um organismo se adaptar ao meio ambiente e se camuflar, e que o ajudam a sobreviver a fim de criar um modelo inteiramente novo.

O Darwinismo é o conceito de transmutação de espécies, a evolução biológica, social e cultural dos animais e do homem através de meios de seleção natural e transformação. Os mecanismos de variação, seleção e preservação, conforme os organismos, evoluem e se adaptam ao seu meio ambiente através de um processo repetitivo. Um algoritmo evolucionário que busca as variações de possíveis formas e peles inovadoras para as espécies que estão mais bem adaptadas.

A seleção natural guia o processo evolucionário, preservando e acumulando as mutações benéficas e rejeitando aquelas prejudiciais, de certa forma estranhamente antecipando a mimética do marketing moderno, uma habilidade feita para se entender e antecipar os mecanismos de tentativa e erro da mudança. Afinal, a seleção natural é capaz de modificar uma espécie de pequenas formas,

causando a mutação de cor de populações ao longo de várias gerações, mas também pode transformar dinossauros em pássaros, mamíferos em baleias e macacos em humanos. A moda pode ser vista como um processo errático semelhante, que de repente irá estimular uma nova geração de produtos, reinventando outro modo de se vestir.

Esse portfólio darwinístico explora os diferentes estágios evolucionários, de formas de vida abstratas a peixes e répteis, de insetos a pássaros, plantas e minerais. Essas estampas inspiradas pela natureza são uma evolução das impressões da canga, aquele pedaço de pano barato e flutuante usado para cobrir de várias maneiras o corpo na praia. Esse retângulo de tecido nativo tem sofrido mutações ao longo dos séculos, de uma arcaica saia transpassada a um vestido frente única sexy e sofisticado. Alvo de estampas berrantes e cafonas de paisagens, calçadas e flores, esse humilde pedaço de algodão merece ser melhorado e embelezado. Estampas de animais e minerais enormes foram criadas pela *Bloom* para inspirar uma nova geração de estampas mimicri que devem servir quase como camuflagem, modificadas para abraçar a deslumbrante paisagem marítima natural do Brasil.









Fazendo uso da identidade afro-ameríndia do Brasil – um tecido social complexo, porém celebrado, imbuído de camadas de história em seus urdumes e suas tramas – o artista Rodrigo Bueno procura desarmar o que o olhar colonizado chama de exótico, construindo pontes de pertencimento através da experiência comum.¹ Bueno cria ambientes vivos feitos de elementos vegetais e ingredientes descartados ou doados. Seu ateliê Mata Adentro recebe o nome da instalação criada por Bueno há vários anos em São Paulo; um mundo coberto de vegetação exuberante no bairro da Lapa. O ateliê convida o visitante a se reconectar com sua floresta no subconsciente, “um portal para todas as sensações”.² Em *Mobília Tomada*, a florescente série sobre mobília, o artista “planta” cadeiras e objetos, atento à habilidade da natureza em nos encapsular dentro de uma conectividade compartilhada. “Cada resíduo que é desperdiçado nas caçambas da cidade contém uma memória interior, reflexo de nós mesmos, espelho de nossa relação com o planeta e os valores que sustentam a contemporaneidade”.³ Diferentes plantas de todo o Brasil se enraízam: os brotos espalhados do lambari, a folhagem camuflada da amaranta, as frondes verde-acinzentadas das samambaias e a daninha invasora vassoura-de-bruxa. As begônias em flor e o confete manchado misturam-se com os talos espinhentos da babosa. Cada uma se espalha com uma vingança inocente, expressando o nativo mesclado com o migrante, o local com o universal. A mobília decadente é transformada em um híbrido orgânico e vivo. A arte de Bueno é em grande medida uma resposta à floresta urbana que o rodeia; São Paulo é uma vasta metrópole de vinte milhões de pessoas, uma justaposição de capitalismo e pobreza, de crime e cultura, de pesar e beleza. Olhando as rachaduras da civilização por dentro, o artista nos oferece uma lição verde dentro do contexto de tempo, ao afirmar: “Temos que olhar mais de perto todas as rachaduras no concreto da cidade, onde o verde das samambaias pequenas aparece subitamente, especialmente nesse clima úmido. Isso é a esperança de alguma vida interior, que nos provoca o tempo todo. Está nos dizendo que, apesar da nossa presença aqui nesses últimos milhares de anos, tivemos milhões de anos de força e recursos globais. Os nativos ainda carregam esses segredos”.³

Entrevistado por Felicitas Rohden para o Goethe-Institut do Brasil, postado na internet no dia 10 de agosto de 2012

⁰⁶ raízes radicais









As raízes existem para ancorar o corpo imponente da árvore no solo, assim como cachos crescem como uma âncora para segurar a dimensão espiritual do cabelo. Ambos estão emaranhados para representar um poderoso senso de pertencimento.

As árvores são como guerreiros da natureza, que lutam para manter sua base de apoio em condições extremas. Raízes marciais conquistam o solo, retirando avidamente os nutrientes e fornecendo a base para uma copa rica feita de folhas que processam energia da luz – juntando dois sistemas dinâmicos, conectando a Terra e o céu. Assim como os dreadlocks conectam o cérebro com uma ordem mental superior, entretendo uma relação especial com os espíritos, um viajante imortal entre dois mundos. Portanto, as raízes do crânio e da árvore enfeitam as pessoas e oferecem um senso de mistério, capaz de assumir poderes místicos no centro da fascinação do mundo.

As raízes são inteligentes e possuem uma percepção natural do seu meio ambiente, incluindo um senso háptico de fontes de luz e obstáculos físicos. Sempre que o meio ambiente de ar, alimento e água é aperfeiçoado para atender às necessidades recentes desse arquiteto, as raízes começam a crescer espontaneamente em todas as direções, ancorando ainda mais o tronco, alimentando ainda mais a árvore. Raízes são máquinas de crescimento bastante poderosas que podem destruir fundações, quebrar canos de água e até levantar calçadas. Violentamente, fazendo sua presença ser sentida.

A árvore pode ser vista como testemunha de acontecimentos rituais; falar com o tronco e tocá-lo torna-se uma experiência poderosa da qual podemos

extrair poderes espirituais. Somos incapazes de compreender a complexidade dos nossos sentimentos e, portanto, nos curvamos diante da superioridade das raízes e da árvore que se eleva sobre nós.

Uma das comparações mais significativas das árvores é sua associação com a sociedade. As árvores são usadas como centro das aldeias para resolver problemas tribais e como locais de concentração para adoração e rituais. Existem vários grupos étnicos que reverenciam as árvores e as usam para fazer representações de seus deuses. Na forma de totens, elas se tornam representações visíveis de forças ocultas esculpidas na madeira, frequentemente representando as próprias árvores.

Um senso de pertencimento é algo que muitas pessoas buscam atingir. A árvore, com sua base firme, simboliza o conceito de raízes, um relacionamento contínuo com nosso entorno. A copa que atrai a energia do seu meio ambiente simboliza nossa necessidade de absorver nossa herança cultural e abraçar nossa evolução de tempos passados. O impulso de encontrar uma ligação darwinística com nosso presente é instintivo e representa nossa busca pela razão de nossa existência na Terra.

Religiões pagãs reverenciavam as raízes associando-as com longevidade e fertilidade, o que explica por que algumas árvores possuem posições sagradas, mais como uma divindade mitológica do que apenas um local para reuniões e celebrações. A história bíblica persuasiva de Sansão e Dalila, no qual a força do homem está diretamente associada aos cachos de seu cabelo, descreve como os poderes que estavam armazenados nos dreadlocks de Sansão

sumiram quando ela cortou seus sete cachos de cabelo. Dessa forma, a leitura simbólica das raízes e cachos é semelhante, compartilhando beleza, textura e significado.

A origem dos dreadlocks remonta a milhares de anos, quando o deus Shiva e seus seguidores fiéis prometeram nunca mais cortar ou cuidar do cabelo. Desde então, vários sistemas de crença têm incorporado ao seu caminho espiritual um desprezo por beleza física e vaidade. Tais fiéis deixam de cortar e de pentear o cabelo e é assim que, crescendo descontroladamente, as fibras se juntam e se embaralham naturalmente e formam um emaranhado tubular anárquico e denso. Em várias culturas, esses cachos são sagrados e considerados expressões religiosas de desprezo pelo profano. Em todos os mitos sobre esses cachos longos existe uma interação entre ascetismo extremo e potência viril, o que liga intimamente os elementos de destruição e criação.

A maioria dos cachos se forma internamente e, dependendo da textura do cabelo, existem vários métodos para estimular sua formação. Deixar o cabelo crescer ao natural sem pentear irá estimulá-lo a se embarçar conforme cresce, resultando em cordas de cabelo enroladas e emaranhadas. Tradições ocidentais e orientais acreditam que as energias mental e espiritual podem deixar o corpo através do topo da cabeça. Dessa maneira, os cachos são amarrados para que as energias permaneçam encapsuladas no sistema, mantendo a mente forte e o corpo enraizado.

Os dreadlocks são associados com o movimento rastafári; contudo, vários grupos étnicos já usavam cachos trançados como o povo

camita, os guerreiros massais e os sacerdotes iorubás da África, os povos semitas da Ásia, os guerreiros espartanos da Grécia e os sadhus da Índia, os sufis da Turquia e os faquires do Paquistão. Os sacerdotes astecas eram descritos como tendo o cabelo intocado, longo e embaraçado.

Com o nome inspirado nos Dreads, um grupo eclético do bairro do Harlem de 1900 que buscava influências na Bíblia, culturas tribais e várias religiões orientais temiam os poderes de Deus. Imitando os religiosos originais, os Dreads tinham cachos de cabelo embaraçados, que se tornariam conhecidos no mundo como dreadlocks. Também conhecidos como jata, tornaram-se mais do que uma religião; tornaram-se o manifesto de uma forma de vida, uma existência na periferia da sociedade. Atualmente significam intenção espiritual e uma declaração de não violência que se solidarizam com os menos afortunados e minorias oprimidas.

A integração e entrelaçamento de raízes e cachos levam a uma correlação forte de significado e simbolismo, onde as duas entidades nos ensinam a nos enraizar, a ancorar nosso corpo à nossa terra, homenageando seus nutrientes, para elevar nossa mente ao céu, contribuindo ativamente com a consciência do mundo. Desejar um mundo melhor. Procurar nossas raízes que estão revoltas na atual sociedade global negligente. Apoiar-se mutuamente, organizando a sociedade em círculos e grupos espirituais capazes de nutrir nossa esperança e visões para o futuro. A força material das raízes que ancoram a árvore e dos dreadlocks que seguram o cabelo no lugar podem ser vistos como símbolos das nossas necessidades por força interior.

raízes radicais

FOTOGRAFIA Ruy Teixeira TEXTO Lidewij Edelkoort

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA Noel Thomas



painel de capim colonião, trançado e tingido, de João de Fibra, artesão do Distrito Federal, Brasília

na Arte Sol

07 fibras modernas

O uso crescente de materiais naturais para vestimentas e interiores reflete consumidores com olhar criterioso quanto à sustentabilidade e produtos eticamente produzidos e comercializados. Indústrias familiares e produtos artesanais estão florescendo. Vime, gramíneas e outros ingredientes naturais trançados têm despertado um gosto por tactilidade mais seca e materiais mais rústicos. Ao mesmo tempo, diferentes espécies de gramíneas florescem em jardins recém-projetados, uma tendência de horticultura que traz a savana para a cidade ou ao parque público contemporâneo.

A herança brasileira do trançado de fibras vegetais está enraizada em sua cultura, remontando às suas raízes indígenas. Desde tempos imemoriais, folhas secas, gramíneas e juncos maleáveis têm sido usados na confecção de cestas funcionais para pesca, caça e coleta, bem como em trajes rituais decorativos. Cada grupo usa materiais diferentes, nativos ao seu meio ambiente local diverso, em uma variedade de técnicas.

O desflorestamento para agricultura e demais expansões destrutivas tem ameaçado várias espécies fibrosas, assim como a sobrevivência das tribos. Um s.o.s. para fibras, pessoas e cultura. Em um esforço para preservar o artesanato em trançado, alguns governos locais proíbem a colheita excessiva e a exportação de determinadas plantas. Capim Dourado (*Syngonanthus nitens*) é um desses exemplos, rendendo uma fibra fina e brilhante que parece uma linha metálica. Nativo do Jalapão, no estado nortista do Tocantins, foi originalmente usado pelos índios xerente e hoje é adotado por artesãos. As folhas

da palmeira buriti (*Mauritia flexuosa*) produzem um material sedoso usado na confecção de cestas e tecidos. É endêmica ao cerrado brasileiro de Goiás e Minas Gerais, e dá nome à sede do governo do Distrito Federal, o Palácio do Buriti.

O Brasil tem recentemente se estabelecido como um centro para o progresso sustentável, notadamente influenciado pela Osklen, a primeira boutique brasileira verdadeiramente globalizada. Fundada por Oskar Metsavaht, desde 2000 o Instituto-e da empresa tem pesquisado e desenvolvido tecidos ecologicamente corretos, adequados para a produção em larga escala, incluindo uma lona trançada de fibras naturais em colaboração com a Alpargatas, o maior fabricante brasileiro de calçados. O Instituto também desenvolveu couros sustentáveis de peixe, borracha e seda da Amazônia, algodão orgânico e malha de garrafas PET recicladas.

Esses materiais naturais novos e modernos dão espaço para produtos criativos. Capim colonião, fibra de banana e carnaúba são trançados em formas multidimensionais atrativas. A fibra de coco é entrelaçada em lindas hastes de flores, geralmente de proporções exageradas, em um gesto generoso de boas-vindas. O sisal é trançado em tapetes modernos, trazendo uma presença orgânica estética diretamente dos teares para a nossa sala de estar. Sejam penduradas como uma obra de arte admirada ou varrendo o chão como uma humilde vassoura, as fibras modernas estão se tornando elementos sustentáveis próprios para o futuro do artesanato e design. Um movimento a ser observado e incentivado.



vassouras de palha com cabo de bambu, de Minas Gerais

na Oficina de Agosto



cesto (triangular), etnia Suruí, Pará (esquerda com trançado); Cesto Carqueiro, etnia Kayapó, Xingu, Mato Grosso; (direita); Cesto, etnia Yanomâmi, Roraima e Amazonas; e Cesto, etnia Xavante, Mato Grosso

todos no Armazém Paraty



entre os índios da etnia Kaiapo, originais do Xingu, no Mato Grosso, são os homens que tecem os cestos e fabricam as armas. Cabe às mulheres produzir as máscaras de palha, além de pulseiras, fitas e cordas

no Armazém Paraty

tênis de linho e palha e tapete de sisal feito no tear

tênis na **Osklen**, tapete na **By Kamy**



flores de fibra de coqueiro trançadas, artesãs de Pitimbu, Paraíba, e tapete de sisal e de fibra de bananeira

flores da **Arte Sol** e tapete da **By Kamy**





meninos índios brincam com máscaras feitas de palha trançada

da AGT Várzea Queimada, Piauí



armadilhas para peixe feitas por Enawenê-Manwê, indígena da região do Mato Grosso; e dois cestos, trabalho executado por Mehinako para peixe da região do Xingu, no Mato Grosso

no Armazém Paraty



painel de capim coloniã, trançado e tingido de, Juão de Fibra, artesão do Distrito Federal, Brasília; e Galo de palha de carnaúba trançada, artesanato da Ilha Grande de Santa Isabel, em Parnaíba, Piauí

ambos na Arte Sol

BALLERINA, 2008
(EDIÇÃO DE 3 + AP)

Ao falar da legendaria fábrica de móveis Cimo, a designer Angélica Santi certa vez disse que representa “uma das referências mais importantes entre a herança do artesanato e o início da produção em massa de móveis no Brasil”. Realmente, apesar da produção em série, o movimento modernista de design no Brasil sempre levou em consideração suas raízes artesanais e alma única, sobretudo através do trabalho com madeiras nobres da Amazônia como o jacarandá-da-bahia e a imbuia. Desde 1991, essas madeiras são protegidas pela Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies Ameaçadas de Extinção. Por isso, o estúdio Makkink & Bey decidiu usar o freixo ou a nogueira na sua recente coleção de móveis, encomendada por Pierre Bergé & Associés para a exposição *Brazil Influence Meets Brazil Style*.¹

¹ Brussels, March 6 - April 10, 2009

MADEIRA BRASILEIRA⁰⁸

FOTOGRAFIA Brice Vandermeeren

TEXTO Philip Fimmano

**ROCKING, 2008
(EDIÇÃO DE 3 + AP)**

O estúdio reinterpretou cinco cadeiras icônicas em edição limitada, referenciando peças antigas criadas pelos mestres modernistas Sérgio Rodrigues, Jorge Zalszupin e Carlos Hauner. Produzidas a partir da mesma nostalgia pelo tropicalismo do Brasil, o estúdio Makkink & Bey recompôs e redesenhou as cadeiras, destorcendo detalhes em fragmentos de memória. Substituiu o couro curtido por couro de cavalo e de vaca, enquanto que as curvas dobradas dão lugar a ripas e tábuas desordenadas, inspiradas pelo ritmo improvisado das construções nas favelas do País. Contudo, o processo de redesenhar é um desafio quando é preciso dissecar as nuances entre os modernismos brasileiro e europeu. Por exemplo, em comparação, os designs brasileiros originais têm pés mais baixos, seus volumes mais robustos, embora menores. Portanto, a série do estúdio Makkink & Bey é um ato balanceado e controlado com sutilezas em escala e dimensão, uma transformação na história do design com proporções internacionais para nossos tempos.

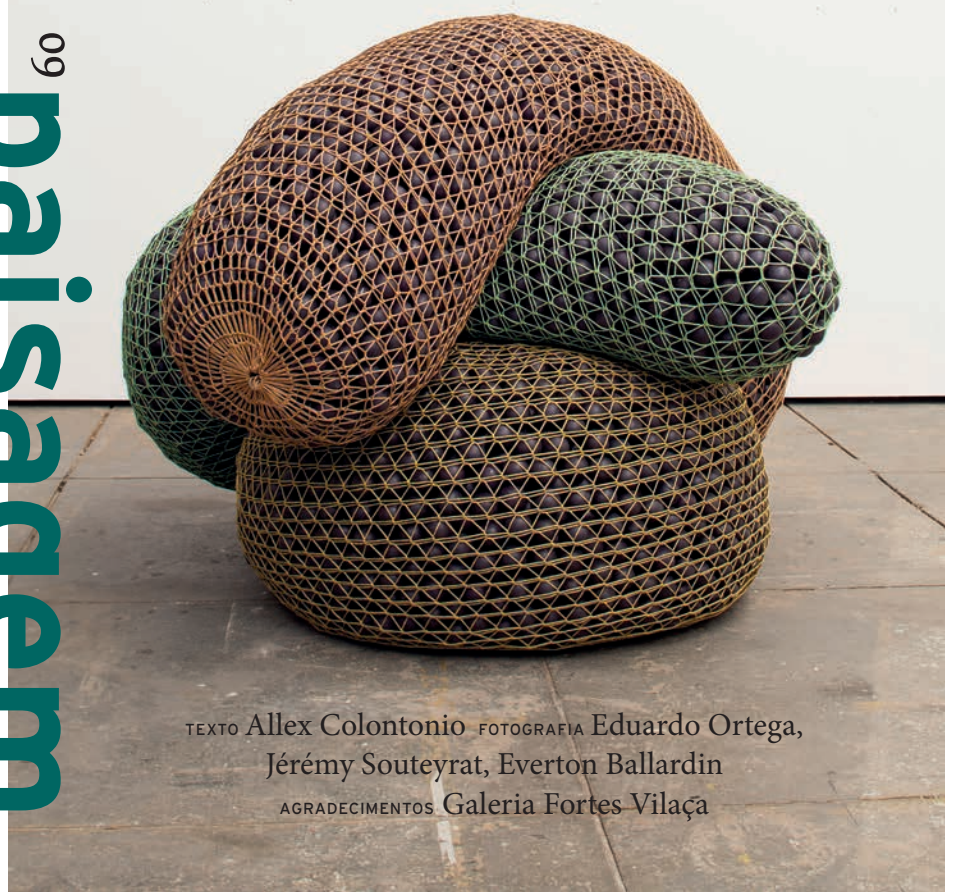
KING, 2008
(EDIÇÃO DE 3 + AP)

A cadeira de balanço em imbuia “Móvel”, produzida pela Móveis Cimo em 1942, é abstraída em uma favela chique contemporânea. Os assentos e encostos de 1962 se tornam correias disfarçadas, afixadas com couro costurado à mão, referenciando o elemento sob medida tão importante nos dias de hoje. A poltrona talhada em jacarandá-da-bahia ‘Kilin’, de Sergio Rodrigues, de 1973, é decodificada para o século 21, ainda mantendo o caráter angular de seus pés, *en pointe* como uma bailarina. E o sofá de couro e jacarandá-da-bahia de Jorge Zalsupin (c. 1965) é recriado como um banco expressivo, protegido por uma tela de madeira, como uma cerca. Essas interpretações arquitetônicas representam a materialização de novas ideias que ainda reverenciam o seu DNA original, encarnando a essência do design brasileiro.

All designs © Studio Makkink & Bey

paisagem orgânica

60



TEXTO Alex Colantonio FOTOGRAFIA Eduardo Ortega,
Jérémy Souteyrat, Everton Ballardin
AGRADECIMENTOS Galeria Fortes Vilaça

Um dos artistas multimídias mais expressivos de sua geração, o carioca nascido em 1964 e influenciado pela mineira Lygia Clark (1920-1988) e seus princípios de integração do público na obra de arte, ele atua como escultor, fotógrafo, cenógrafo e afins. Tudo o que faz reverbera – seja um cenário do espetáculo da diva Marisa Monte, seja uma instalação superdimensionada na Bienal de Veneza. Tem sido assim desde que conquistou o prêmio Brasília de Artes Plásticas, no Museu de Arte Brasileira do Distrito Federal, no início dos anos 1990. De lá para cá, o currículo concentra participações vultosas em feiras como a Arco, de Madri, a Art Basel, na Suíça, e mostras em museus como o MoMA, de Nova York.

A abstração geométrica e o input avant-garde podem até remeter a nomes neoconcretistas como Hélio Oiticica e a própria Lygia Clark, mas ninguém pode negar que Ernesto Neto é um dos artistas mais originais de seu tempo. E sem invólucros.

O trabalho fala por si. Suas esculturas/instalações etéreas, quase sempre brotando do teto em efeito fluido, se apropriam de materiais flexíveis como redes, tecidos de lycra, algodão e poliamida tensionados pelos recheios de miçangas, bolinhas de chumbo, ervas, temperos e outros que tais. Esses casulos de efeito plástico intrigante brincam com os limites de resistência, força e equilíbrio. E gravitam pela terra em sensuais curvas que exploram a relação com o corpo – Neto já descreveu sua obra como uma representação da paisagem interna do organismo. O interior dessa paisagem orgânica interage e se relaciona de modo a criar um formidável poder erótico.

Para muito além das definições, ele oferece um farto banquete dos sentidos para o espectador, que se sente absolutamente impactado – e abraçado – pelas criações do artista, ao ponto de tocar, cheirar e abraçar as obras.

um dos nomes mais incensados da arte contemporânea, Ernesto Neto ganhou o mundo tensionando formas etéreas de enorme impacto visual - e emocional

Pedras Moles, e no Meio o Amor, 2012, estrutura de crochê e poliéster com bolas de plástico
Casa Totem, 2012, estrutura de crochê e poliéster com bolas de plástico





Camelo Cacho Lavandacamomila, 2010 lavanda, camomila, fio de polipropileno, corrente e ganchos

Tambor, 2010 rede de crochê de cordão de polipropileno, pedras de rio, piano





A Vida é um Corpo do Qual Fazemos Parte, 2012 estrutura de crochê e poliéster com bolas de plástico



10 manía de cozinha

FOTOGRAFIA Romulo Fialdini
 TEXTO Philip Fimmano

DA LAMA AO CAOS

doce de berinjela defumada,
 coalhada de leite de cabra,
 pele de lima da Pérsia,
 gelatina de flor de laranjeira,
 pistaches caramelados,
 crocante de massa Kinef e
 sorvete de gergelim preto

SALADA MATA ATLÂNTICA

agrião, rúcula selvagem,
mache, azedinha, manga,
pupunha, aipo e maracujá
ao azeite de carvão



A gastronomia contemporânea tem abraçado o uso de ingredientes regionais para formular o próximo capítulo do movimento de alimentos orgânicos. Produtos de origem local, plantas nativas comestíveis, peixes pescados à linha e carne de caça selvagem são apenas alguns dos elementos importantes que estão renovando nossa forma de nos alimentar. A *Nouvelle Cuisine* deu lugar ao *Forager Food* – Alimentos Forrageados – para nos surpreender com miniaturas de paisagens de vegetação desconhecida, polvilhos de sais e especiarias exóticas, receitas nômades ressuscitadas e experiências precisamente coreografadas.

Abrigado sob uma pérgola de videiras retorcidas em uma região pitoresca de São Paulo, o Maní, de Helena Rizzo, é um desses restaurantes que tem chamado a atenção na alta gastronomia, redefinindo a culinária brasileira ao domesticar a floresta e reinterpretar pratos europeus clássicos. Originalmente de Porto Alegre, a jovem Rizzo abandonou os estudos de arquitetura e uma carreira promissora de modelo para se mudar para São Paulo e focar na culinária, ganhando experiência com Neca Menna Barreto e mais tarde como chef de cozinha do Na Mata Café. Em seguida estagiou em algumas das melhores cozinhas da Europa, incluindo o Sadler em Milão e o El Celler de Can Rocca na Espanha, antes de retornar ao Brasil e abrir o Maní em 2006 com seu marido Daniel Redondo e seus amigos Giovanna Baggio, Fernanda Lima e João Paulo Diniz. O ambiente despretensioso do Maní e sua culinária caprichada fizeram dele uma meca tanto para *foodies* quanto profissionais, a ponto de ser continuamente premiado como um dos 50 melhores restaurantes do mundo pela revista *Restaurant*.

O nome Maní vem da deusinha de pele branca da mitologia amazônica, que deu origem ao primeiro broto de mandioca. Diz a lenda que um antigo cacique Tupi ficou tão furioso com a recusa de sua filha grávida em revelar o verdadeiro pai da criança que jurou matá-la; ele mudou de ideia depois de um sonho revelar que o bebê deveria viver. Depois da morte do bebê de um ano de vida, ao regar sua cova – conforme o ritual habitual – a mãe encontrou os primeiros brotos de mandioca, que surgiam da terra. A planta se tornou o principal alimento da dieta indígena, considerada a força vital do povo da Amazônia, a semente de sua civilização.

A mandioca (*Manihot esculenta*) é um arbusto lenhoso da família Euphorbiaceae, e acredita-se que tenha sido cultivada pelos primeiros brasileiros há mais de 10.000 anos. Endêmica à região sudoeste do país, no século 16 foi exportada pelos portugueses para a África, onde vem sendo cultivada desde então. As raízes comestíveis da mandioca não contêm glúten e produzem uma farinha parecida com a semolina, da qual se pode fazer uma grande variedade de pratos. Rica em carboidratos, a mandioca alimenta meio bilhão de pessoas ao redor do mundo e por isso recebe o nome de “pão dos trópicos”. Possui utilidades culinárias e medicinais versáteis e no Brasil é também usada em bebidas alcoólicas, como cauim e tiquira.

As raízes fazem parte do etos do Maní. Refletindo influências internacionais, Rizzo serve pratos como rosbife Lapsang Souchong, bombom de guacamole com biscoito de fubá e foie gras com goiaba e vinho do Porto. A cozinha também transformou a salada Waldorf introduzindo gelatina de maçã e sorbet de aipo.

As entradas de forrageador incluem nhoques de mandioquinha e araruta com “Dashi” de tucupi. Há também uma sopa fria de jabuticaba, servida com camarão no vapor de cachaça, pickles de couve flor e amburana.

Pratos locais tradicionais são totalmente reinventados, como a feijoada feita com carpaccio de pé de porco, carne-seca, laranja e couve. A salada Mata Atlântica, especialidade de Rizzo, leva pupunha, manga, maracujá e aipo, regada com azeite de carvão e ervas brasileiras.

De sobremesa, “Da lama ao caos” é uma paisagem orgânica que parece ter vindo de outro planeta: berinjela defumada, coalhada seca de queijo de cabra, raspas de limão, gelatina de flor de laranjeira e pistache com pedaços de massa filo crocante e sorvete de gergelim. Outras delícias incluem sorvete de açaí servido com banana, gelatina de guaraná, aveia, marshmallow e raspadinha de morango.

Com toda essa textura e leveza, Rizzo expande a definição de paladar brasileiro moderno, um prato por vez. Como a chef feminina mais aclamada da América Latina, ela acredita que o continente tem pela frente um futuro importante e aberto, acrescentando que: “Nós temos uma gama surpreendente de ingredientes que, como povo, tendemos a abraçar em vez de rejeitar”.



"FEIJOADA"
carpaccio de pé de porco
com esferas de feijão,
paio, laranja e couve



FOTOGRAFIA Lucas Moura

TEXTO Marcelo Rosenbaum

estilo¹¹ de vida único

No idioma *pano*, yawanawá significa *gente da queixada*. Tomando a queixada como símbolo, o atual discurso dos índios yawanawás, tribo que vive nos confins da Amazônia, reafirma a coesão do grupo e uma relação estável com o território onde vive. Três aldeias – Nova Esperança, Mutum e Escondido – de difícil acesso, que se espalham pelas margens do Rio Gregório, distantes o suficiente umas das outras.

A comunidade yawanawá inclui membros de grupos aparentados como os shawādawa (arara), iskunawa, rununawa, rainawa e katukina, cuja afinidade se dá por alianças feitas pelo casamento ou o rapto de mulheres. Nova Esperança é a mais importante das aldeias, aberta em 1992, onde hoje vive seu grande chefe, em casas muito simples feitas de madeira e palha.

Mas nem sempre os yawanawás ocuparam essa região. O primeiro contato entre os índios e o homem branco se deu há cerca de um século. Os encontros era violentos e rápidos e provocaram a migração de muitas famílias. Com os brancos vieram também doenças como a gripe e o sarampo, que dizimaram boa parte da população indígena. E os missionários, que impuseram à força os hábitos e costumes cristãos aos indígenas, proibindo os rituais, as danças, a pajelança, e depois os caucheiros que invadiram as terras yawanawás para sangrar as seringueiras e extrair a valiosa borracha.



Por muito tempo os índios viveram sob o jugo do homem branco até que, na década de 1980, jovens líderes da tribo conseguiram a demarcação, junto ao governo federal e com o apoio da Funai (Fundação Nacional do Índio), da TI (Terra Indígena) Rio Gregório e os limites de suas terras. Os brancos e missionários foram embora sem deixar saudades. E aos poucos os yawanawás foram recuperando seus antigos hábitos guardados na lembrança dos mais velhos, sem se afastar da realidade do mundo exterior.

A maioria dos índios mais jovens fala português e alguns também o pano, o idioma yawanawá, enquanto os mais idosos só se comunicam em pano. Juntos, jovens e anciãos resgatam antigos costumes, como a caça em tempos de cheia, quando aparecem os animais de grande porte, e a pesca em época de estiagem, quando, com a ajuda de veneno natural, conseguem trazer os peixes até a superfície do rio para tirá-los da água com facilidade. Voltaram a plantar milho, mandioca, banana, arroz, batata-doce e frutas como mamão e abacaxi. O contrato com uma empresa norte-americana de cosméticos os levou a cultivar o urucum e a andiroba, trazendo dinheiro e autonomia para a tribo. E começam a recuperar a arte do artesanato, a fabricação de armas de guerra, como lanças, arcos, bordunas e punhais, e de móveis executados com madeira proveniente de árvores mortas, atividades essas feitas exclusivamente pelos homens, enquanto cabe às mulheres o trabalho com cerâmica, cestaria e a pintura das peças e dos rostos e corpos para a festa do mariri, quando os índios se vestem com saias de palha de buriti, cocares de taboca ou penas de aves, e braceletes decorados e cantam e dançam a noite inteira.

"nós somos como queixadas. todos juntos."



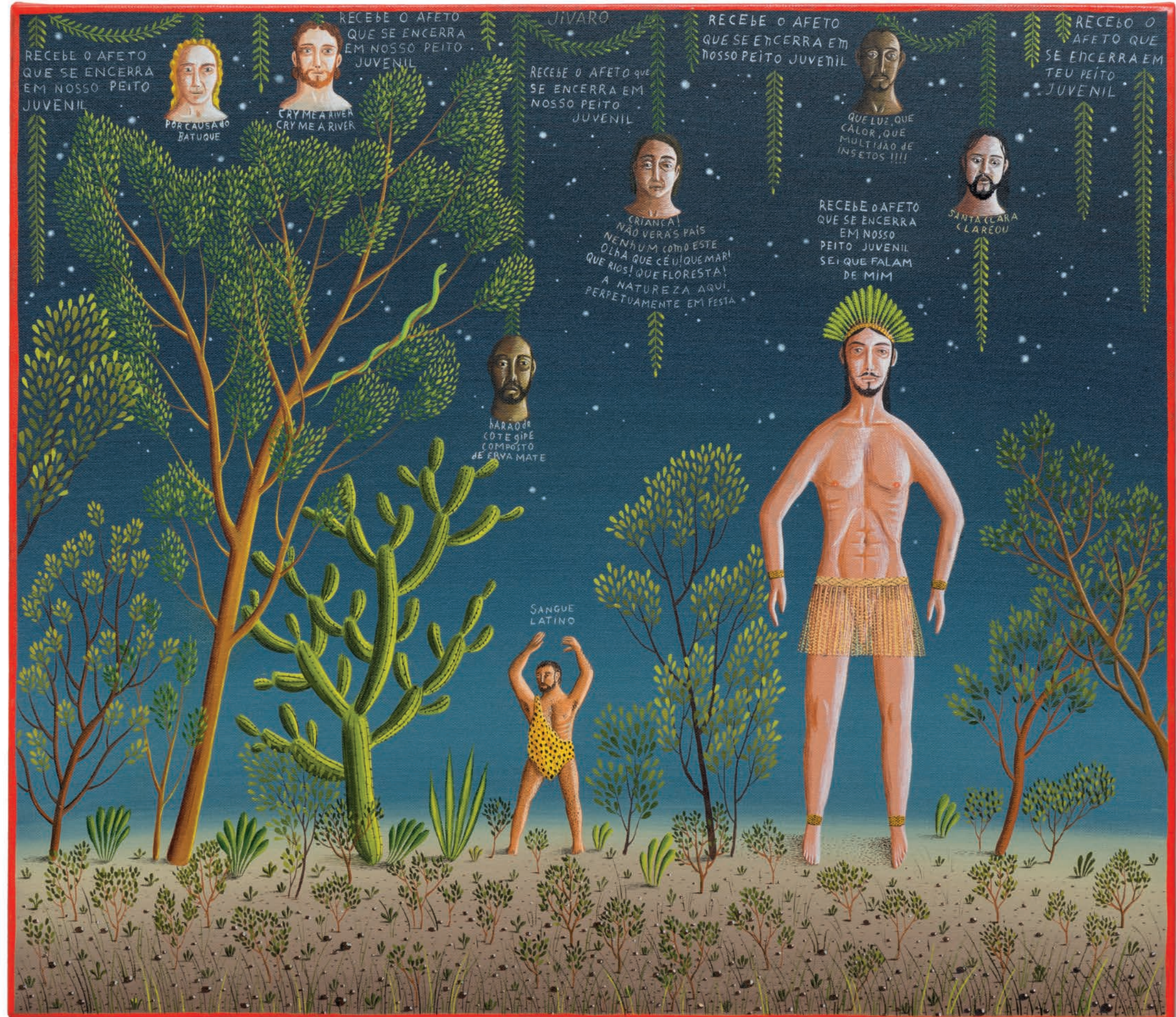
Extremamente alegres, os yawanawás fazem de qualquer atividade uma festa onde toda a comunidade participa. O *sati* (grito no idioma yawanawá e o *mariri*, por exemplo, são basicamente a mesma festa, celebrada à noite com danças e cantigas brincalhonas e maliciosas, quando os homens adultos costumam tomar ayahuasca. A festa da *caiçuma*, denominada um *aki*, costuma prolongar-se por dias, onde acontecem diversas brincadeiras, ingestão e vômito de caiçuma, encenações guerreiras, cantos e danças. Nas brincadeiras, homens e mulheres disputam pedaços de frutas ou imitam animais. O curioso é que nesses eventos respeita-se o parentesco, e cada qual brinca com seus primos e cunhados do sexo oposto.

Ainda hoje pratica-se o xamanismo, principalmente de cura, com cantos, assopros e rezas, como a *shuãka*. O diagnóstico é feito a partir de um sonho que o doente teve durante as sessões, o *xinaya* (o rezador), bebe ayahuasca e reza sobre um pote de *caiçuma* (mandioca fermentada com a saliva das mulheres). Ao contrário do que se pode imaginar, o resgate cultural espontâneo dos yawanawás não devolveu os índios ao passado, mas manteve abertas as portas do presente e do futuro para o século 21, com o melhor de cada um dos tempos.



longe das amarras do mercado e dos dogmas acadêmicos, Alex Cerveny conquistou seu lugar ao sol com pigmentos libertários e fé nas técnicas artesanais

As referências são quase tão infinitas quanto os horizontes que pinta. Inspirado pela mitologia, pela cidade, pela cultura de massa, pelo sincretismo religioso, pelo universo circense, pela natureza e pelo outro, Alex Cerveny é partidário de uma arte libertária que busca um diálogo direto com o espectador, em telas lúdicas que retratam um universo intimista de grande apelo visual – como resistir à ingenuidade dos malabaristas elásticos que interagem com bichos, santos, árvores e elementos surrealistas pintados por ele com incrível delicadeza poética? “O que considero mais representativo na minha obra é aquele tipo de desenho que se revela no cotidiano, os rabiscos que guardam o instante e as ideias que serão desenvolvidas posteriormente em trabalhos maiores.” Talvez por esse traço peculiar em desenhos, pinturas, gravuras e esculturas, sua arte tenha transbordado das paredes das galerias para a comunicação em massa: ao longo de mais de uma década foi ilustrador de uma das colunas mais populares (a da jornalista Barbara Gancia) no principal jornal do País, a *Folha de S. Paulo*.





Paulistano da gema, nascido em 1963, ele atribui a qualidade e aceitação da sua produção à ruptura com os estamentos convencionais. "Quando comecei a trabalhar como artista, gostava daquele slogan da Secessão Vienense: '*Der Zeit Ihre Kunst. Der Kunst Ihre Freiheit*' ('Ao tempo a sua arte. À arte a sua liberdade')". Mas hoje, o que realmente importa é o *Freiheit* (liberdade)", diz sem disfarçar a empolgação. "Adequar o fazer artístico ao tempo em que vivo é algo cansativo e improvável, porque o tempo em que vivo ganhou um ritmo absurdo. Então, adequá-lo a mim mesmo já basta. Tive uma formação independente, totalmente fora dos meios acadêmicos. Tornei-me artista no convívio e na prática, observando, pesquisando e experimentando os procedimentos por conta própria. Outro fator importante no meu processo é o prazer que busco no fazer artístico. Todos os meios que me interessam estão relacionados ao fazer manual."

O exercício diário vem rendendo frutos desde as primeiras exposições individuais pelo mundo, em Freiburg (Alemanha), na década de 80. Depois vieram Paris, Nova York, Arnhem (Holanda), as participações em Bienais. Enfim, o mundo que ele tanto pinta sem se preocupar com rótulos, credos ou fronteiras.

texto Allex Colantonio
fotografia Edouard Fraipont
agradecimentos Casa Triângulo



13 manifesto

FOTOGRAFIA Lucas Moura TEXTO Marcelo Rosenbaum

Conheci a aldeia Nova Esperança, durante o festival IAWA, onde estive, pela primeira vez, em outubro de 2012, a convite do fotógrafo Marcos Lopes. Uma festa onde os índios yawanawá se pintam, dançam, cantam e brincam. Os yawanawás são um povo generoso, disposto a compartilhar aquilo que tem de mais sagrado e sua grandiosa riqueza.

A alienação do brasileiro em relação à cultura indígena motivou-me a mergulhar de cabeça no universo desse povo que vive nos confins da floresta, a fim de mostrar para o mundo, em toda a sua dimensão e da forma mais transparente e verdadeira possível, a cultura yawanawá, não como algo exótico mas como uma das possibilidades da economia criativa brasileira.

Foi com essa intenção que o AGT, A Gente Transforma, começou a trabalhar junto aos yawanawás, resgatando seu conhecimento ancestral das artes – cerâmica, desenhos, armas de madeira, cestaria – que ficam nas mãos dos mais velhos. Porém já existe, hoje, o esforço e o desejo de transmitir esses saberes às novas gerações – e o desejo delas de aprenderem esses ofícios. Juntos criamos objetos que surgiram como uma denúncia, e propõem uma nova forma de relacionamento com o fazer, o produzir e o consumir. São luminárias que agora assumem o papel de mensageiras que cantam, como as araras, levando a esperança de um futuro mais humano. Esses objetos têm a função de comunicar e de abrir caminho para um movimento sistêmico de fazeres baseados em histórias que foram passadas de avô para pai, de pai para filho, como na tradição oral dos povos indígenas: A única possibilidade de permanência de uma cultura como um TODO.

MA NI FES TO









14 brasilidade surreal

Numa alegoria que rima surrealismo com tropicalismo, criaram-se vários tableaux vivants em pequenos oásis em meio ao zum-zum-zum do Ceagesp, o mercado municipal hortifrutigranjeiro de São Paulo, maior metrópole do Hemisfério Sul. Os cenários são confeccionados com roupas que expressam a brasilidade assumida dos estilistas Isabela Capeto e Ronaldo Fraga, ambos pioneiros nesse novo tipo de design de moda regional que não quer imitar, mas iniciar. Essa elegante moda indígena está enraizada na cultura e nas crenças do país, inspirada por suas inúmeras religiões e rituais. Como embaixadores da pátria, essas criações estão vestindo o mundo da moda com fragmentos de herança e tradição com o uso de materiais encontrados em estado bruto, nos adereços de madeira, bambu, osso e sementes. Nesse jogo de ilusão e de deslocamento do real e do irreal, o mundo natural e o cultural transformam a roupa em metáfora e metamorfose.

DIRETOR DE ARTE Sergio Machado FOTOGRAFIA Ella Dürst TEXTO Cynthia Garcia e Philip Fimmano PRODUÇÃO Ana Laura Villega e Cintya Misobuchi MAQUIAGEM Otiniel Lins MODELO Samantha Zago (Ford Models) ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA Rodrigo Santana e Edson Fell TRATAMENTO DE IMAGEM Jujuba Digital AGRADECIMENTOS ESPECIAIS Ceagesp



vestido **Ronaldo Fraga**

look **Isabela Capeto** sandálias **Fernando Pires** colares e pulseiras **Diferenza**





look **Isabela Capeto** sandálias **Fernando Pires** colar **Opto** e pulseiras **Diferenza**



look **Isabela Capeto** colar **Ronaldo Fraga** pulseiras **Duza**

15 arte artesã

TEXTO Roberto Ruggiero FOTOGRAFIA Valentino Fialdini

Um largo período de fechamento foi imposto por Portugal ao Brasil até a chegada da família real, em 1808, fugindo de Napoleão. Esse período de isolamento parece ter desenvolvido nos habitantes da terra um senso inventivo que os tornou capazes de fazer manualmente os objetos, ferramentas e apetrechos necessários para tocar a vida. É dessa inventividade que se desenvolveu o artesanato brasileiro.

Os indígenas do Nordeste eram hábeis com as fibras vegetais, a arte plumária, a pintura corporal e produziam belos utensílios de barro.

Os africanos, que até meados do século 19 eram a maioria da população, eram inigualáveis nos trabalhos com a madeira.

Desse caldo de culturas nasceu uma identidade brasileira miscigenada, que se distingue pela originalidade e pela diversidade, com suas nuances de sensualidade, tolerância, espiritualismo e amor a festividades.

A Coleção Rosenbaum reúne uma expressiva faceta da criatividade nacional e foi-se formando gradativamente através de pesquisas e descobertas.



os índios do Nordeste produzem interessantes utensílios de barro até os dias de hoje



marcio kogan Como arquiteto, ele está acostumado ao caos dos canteiros de obras, onde busca inspiração para improvisar assentos para que os trabalhadores desfrutem de um almoço rápido ou de uma pausa para um cigarro. Robustas como os próprios trabalhadores, as mesas e cadeiras na realidade são usadas durante o processo de produção. Da dinâmica dos canteiros de obras, Marcio Kogan começou a projetar móveis reutilizando sucata industrial. Essas peças construtivistas têm um caráter prático, e podem ser consideradas artesanato urbano.



texto Lidewij Edelkoort fotografia Ruy Teixeira assistente de fotografia Noel Thomas



16 design em execução

hugo frança A mobília escultural de Hugo França é imediatamente opulenta e orgânica, e de alguma forma visualmente explica a sua natureza brasileira inata. Essas peças artísticas monumentais não são apenas culturais, mas também uma postura robusta contra o desmatamento e abuso de madeira em geral. Sua preocupação é não desperdiçar madeira, mas reutilizar esse maravilhoso material vivo tirado de detritos florestais e urbanos, de alguma forma encarnando a árvore em sua forma final, guiada pelo princípio do crescimento. Cuidadosamente esculpindo com o mínimo de intervenção, escutando a árvore.

rodrigo edelstein Ele vem de uma família que produz filtros; inicialmente, decidiu aderir ao negócio familiar, mas recentemente começou a aprender novas formas de usar esses materiais semitransparentes, tornando-se um designer emergente por direito. Ele cresceu com a cultura da reciclagem e, portanto, Rodrigo Edelstein coleciona armários de metal descartados e cadeiras Thonet de madeiras clássicas para modernizá-los e embelezá-los com os descartes do processo de produção de seus pais.



zanine Suas raízes são modernas – nascidas de um designer famoso (José Zanine Caldas) e herdadas de outro mestre ilustre (Sérgio Rodrigues) – e ele naturalmente continua a linguagem modernista orgânica nascida no Brasil. Ele absorveu sua educação ao se tornar um designer talentoso que logo decidiu não só desenhar, mas também produzir e distribuir seu próprio trabalho maciço e monumental. A presença robusta de seu design cria um clima de confiança e de serenidade.

paula juchem Ela é do sul do Brasil e se tornou uma ilustradora talentosa usando a linguagem popular ingênua da arte bruta de sua região nativa. Paula Juchem viajou para a Europa, onde conheceu seu marido, tornou-se mãe e conseguiu traduzir seus desenhos em cerâmicas, usando sua expressão em tampos de mesa e azulejos. Famosa por sua imaginação desenfreada, ela agora continua a ilustrar em três dimensões com vasos em seu ateliê no Brasil.



superlimão Uma eclética coleção de trabalhos é desenhada por arquitetos e designers do ateliê SuperLimão, formado por quatro homens e um cachorro. Seu trabalho é reunido usando materiais locais e características existentes, para ser transformado e receber uma nova função. Sua assinatura principal se encontra na fachada de seus projetos, explorando novas e audaciosas superfícies. O humor que eles expõem através de sua estética improvisada mostra que para eles desenhar é como brincar. Contagiante!

carol gay Ela é jovem e talentosa; uma filha de seu tempo e país que adora investigar o uso de materiais existentes, que lustra como se fossem matérias raras. Ela usa fita, mangueiras, funis e câmaras de pneus. A borracha pode ser vista como uma herança brasileira e representa sua obsessão orgânica por design. Carol Gay vê seu próprio trabalho como uma forma de arqueologia, reacendendo a memória de um objeto, dando-lhe um novo significado.



leo capote Ele gosta de mudar a utilidade de um objeto transformando sua função como Duchamp transformou o significado. Objetos cotidianos o inspiram desde pequeno, nascido em uma família proprietária de uma loja de material de construção, um lugar onde os irmãos Campana gostavam de procurar novos materiais. Eles convidaram o jovem Leo Capote a se tornar um dos seus discípulos e assim ele se transformou no designer talentoso que é hoje. Seu trabalho único se baseia na arte de montar, juntando pequenas partes em um todo.

rodrigo almeida A ideia de reciclar materiais está profundamente enraizada na psique brasileira, refletida na estética da montagem encontrada na mentalidade construtiva das favelas. Ele usa materiais com novos processos, dobrando tecidos técnicos em formas, trançando cordas em objetos, pintando madeiras em totens. Rodrigo Almeida faz dessa obsessão uma nova forma de arte, não mais reciclando, mas reencarnando materiais, dando aos objetos encontrados uma nova vida e significado, um componente espiritual embutido no processo.



bruno freire Seus abajures, mesas e cadeiras parecem aranhas e comportam-se como tais, dando aos objetos uma estranha sensação familiar. Bruno Freire desenha artefatos anatômicos que podem muito bem decidir sair da sala sozinhos. As criaturas irresistíveis são manufaturadas com juntas articuladas que lhes permitem mudar de posição. O nome do ateliê, Oficina Polvo, fala muito de sua pesquisa sobre organismos vivos orgânicos com a multiplicação de objetos modulares.

carlos motta Como ex-marceneiro, ele é um designer que segue a herança modernista. Como surfista, ele se preocupa com o meio ambiente brasileiro e, portanto, seus desenhos são formas evidentes de extrema simplicidade. Seu estudo sobre a fabricação de móveis finlandeses lhe ensinou como moldar a madeira, dando qualidades orgânicas às suas monumentais formas robustas. Carlos Motta preocupa-se muito com o meio ambiente e com as pessoas, repartindo os lucros com todos os envolvidos, usando matéria-prima de fontes renováveis.



.OVO Assim como a história do ovo e da galinha, o que vem primeiro, a construção funcional ou o cerne conceitual? Studio Ovo tem uma história de design híbrido, escondendo surpresas dentro da construção, fazendo peças que se deixam levar. Pufes, estantes e sofás são peças nômades maleáveis e transformáveis, para serem levadas na estrada. O ateliê Ovo combina suas referências numa amálgama de materiais como aço, ferro, madeiras e tecido, brincando de esconde-esconde.



Uma maçã por dia traz saúde e alegria e ajuda as pessoas a manter sua energia. Uma maçã recorrente é a garantia de uma vida mais saudável e uma existência energética. A maçã que é colhida, transportada e colocada no mercado todos os dias é uma unidade rentável de alimento e prazer, o ritual apetitoso de descascá-la uma repetição fundamental a ser enfrentada.

O mercado é um espaço antigo para se fazer negócio e trocar produtos, permutar alimentos e serviços, um lugar construído do zero ao amanhecer e desmontado novamente para deixar a praça ecoando e vazia à noite, pronta para receber uma dança ou improvisar uma demonstração. A cada manhã, o mesmo som surge do centro da cidade semiescura com as estacas de madeiras sendo descarregadas, os ganchos de ferro sendo afixados, a lona desenrolada e esticada, as vozes humanas contando piadas para acordar as mentes preguiçosas e lentamente abraçar o dia que começa. Um zum-zum-zum, todos os dias o mesmo dia, todos os dias trabalhando por muito pouco, todos os dias com um sorriso porque esse é o ensaio de como a vida realmente é.

Chocolate e café quentes são servidos, ajudando os madrugadores a se aprontar para o dia, enquanto se ocupam de abastecer as suas barracas com o ritmo das frutas e nozes, grãos, milho e verduras. As pilhas de melancias e abacaxis são um deleite aos olhos e uma tentação para mães e pais em suas compras diárias.

A reprodução dessas atrações visuais avassaladoras é o que define o mercado; uma reprodução exata da generosidade da colheita, da abundância dos presentes da terra. Os padrões repetitivos são chamativos e quase psicodélicos, um caleidoscópio de cores e imagens que causa tontura na mente e borborismo no estômago. Afinal, comer é um ato agrícola e uma maneira de homenagear a terra, o trabalho e o amor que as pessoas envolvidas lhe conferem. Quando o assunto é comida, somos todos farinha do mesmo saco, confortavelmente reunidos ao redor de uma mesa comprida, celebrando esses produtos da natureza.

As pessoas ficam enlouquecidas com as barracas bonitas, alinhadas como soldados em uma guerra moderada por nossa atenção; como catadores de frutas, colocamos camadas de produtos verdes em nossas cestas e sacolas

de compras, cuidadosamente selecionando palmitos e aspargos, repetidamente comparando alhos com bugalhos.

Calmos, os vendedores gentilmente sorridentes tentam convencer seus fregueses do frescor e grandiosidade de seus produtos, balançando cenouras na frente de seus narizes sagazes. As suas vozes em staccato gritam em um coro apaixonado por seus produtos. Juntos, aparentam cantar: “Bom dia, flor do dia!” As suas habilidades em elogiar os produtos da terra são passadas de pai para filho para neto, uma outra forma linear de repetição, um família unida como uma trança de alho.

Eu, pessoalmente, não ligo a mínima para os pimentões, mas preciso admitir que suas formas curvilíneas, quase humanas, são impressionantes. Assim como o reflexo do meio ambiente exuberante que os rodeia, espelhado no vermelho vivo de sua casca brilhante, parecida com couro. Você deve ser louco se não consegue compreender a verdadeira beleza dessas frutas e verduras exóticas, visto que às vezes elas são expostas de maneiras indecentes, opulentas e eróticas.

Os visitantes chegam todos os dias para comprar produtos frescos para presentear seus entes queridos em casa, outra tarefa repetitiva que é o melhor momento do dia. Flip-flop - uma caminhada, uma bebida, uma conversa ou uma discussão profunda sobre a qualidade da cebolinha. Flip-flop - uma caminhada, uma bebida, uma conversa e outra discussão diligente sobre as uvas de outono. Afinal, a comida é o assunto mais importante do dia de hoje. Os fregueses malucos tocam e cheiram e apertam os produtos para escolher os melhores e mais maduros, para que permaneçam por mais tempo na salada, acumulando nozes e grãos e outros antioxidantes para garantir a sobrevivência do mais apto (ou do mais saudável).

No entanto, mesmo com a preocupação com questões de saúde, existe uma questão que não faz sentido, onde tudo está ótimo em relação às frutas doces e maduras, sorvetes e confeitados. Se você não se permite uma sobremesa de vez em quando, você deve ser um tonto. O açúcar é vital para manter as tradições familiares, permitindo uma felicidade ondulada em um sistema diário. Se você parar por um momento e pensar, poderia ponderar e entender que a própria vida é um mar de rosas e necessita ser celebrada com dignidade alegre. Afinal, quando a vida lhe der um limão, faça uma limonada.

17 felicidade é o desejo pela repetição*

Milan Kundera











para sacudir a poeira

Às vezes uma figura da imaginação humana, às vezes uma explicação. Outras vezes, otimismo exagerado ou até a verdade. O gigante. 🧙 As coisas nunca são o que parecem ser. Nem um gigante enorme que é simplesmente isso, uma criatura de um tamanho fora do normal. Bonecos gigantes carismáticos exercem grande fascínio nos foliões. Algumas pessoas se perguntam porque os bonecos gigantes - que medem até quatro metros de altura - são tão gigantesco? 🧙 Os gigantes, outrora criaturas pré-históricas associadas com o caos e a natureza selvagem, estão em constante conflito com os deuses. Na mitologia, os gigantes são encenqueiros, agitando o céu e a Terra. Cumprindo a parte indispensável do antagonista, sem adversários, o papel do aliado é rapidamente apagado e as histórias se tornam inexistentes. Lembrem-se de Golias como o guerreiro gigante sendo derrotado pelo jovem Davi, e o objetivo da história era a identificação do pequeno como o verdadeiro futuro rei de Israel. Na literatura épica hinduísta, o *ramáiana*, o oponente principal, tem sangue de gigante nas veias e um irmão tão alto quanto as montanhas! Assim, os gigantes são na realidade ferramentas de medição, dando aos humanos normais características desproporcionais. 🧙 Os gigantes têm estado presentes desde o início dos tempos. *Gigantes* eram as crianças do céu Urano e a terra Gaia, muito conhecidos por sua grande força e agressividade. Mas os deuses olímpicos lutavam contra os gigantes, que eram mortos e enterrados embaixo da terra, explicando os fenômenos de atividade vulcânica e terremotos. Sempre presentes até depois da morte, com uma função evidente - provocar agitação. 🧙 A mitologia e as lendas nos contam historicamente sobre o gigante como um grande humano, possivelmente esclarecendo como as civilizações poderiam construir prédios gigantesco, antecipando a construção de arranha-céus. Lendas folclóricas em todo o continente europeu também argumentam que os gigantes existiam, pois o que mais poderia explicar os grandes paredões de pedra e monumentos que atualmente sabemos serem reminiscências de construções romanas... 🧙 De alguma forma, no movimento constante do tempo, a reputação dos gigantes foi de mal a pior, cada vez mais vistos como uns monstros. Um monstro idiota e violento. Comendo humanos, especialmente as crianças. (Que desculpa mais rude para fazer as suas crianças escovarem os dentes...). Contudo, conforme a sociedade se torna mais complexa, essas criaturas de tamanho prodigioso também começam a ser apreciadas como inteligentes e amigáveis, com deuses e gigantes não conseguindo se resistir mutuamente, até criando laços através de casamentos. Espécies de tamanho extraordinário, manifestando uma versão ampliada dos humanos. Descaradamente exemplificando o bem e o mal interior. Lembrando aos humanos que a teoria do caos é um balanço atraente. Amor constante. 🧙 Histórias folclóricas viraram contos de fadas e gigantes se

Às vezes uma figura da imaginação humana, às vezes uma explicação. Outras vezes, otimismo exagerado ou até a verdade. **O gigante** tornaram montanhas risonhas, vestidas de pinheiros verdes, ou como grandes criaturas envelhecidas de nariz desproporcional e joias brilhantes em pedras e metais preciosos. O gigante voluntarioso Rübezah! vivia nas Montanhas Gigantes, que hoje formam parte da fronteira entre a República Checa e Polônia. Ele é ou era um espírito da montanha com poderes mágicos, mencionado pela primeira vez há quinhentos anos. Se alguém era bom com ele, ele também era amigável, mas se alguém o desprezava, sua vingança era implacável. Um personagem conhecido por ser tanto malandro quanto respeitável, teimoso e flexível; mostrando que a ideia de que os opostos se atraem é uma lei importante na natureza. Como yin e yang, o gigante prova tudo. 🧙 A América do Sul não é uma exceção nessas histórias sobre gigantes. Incompreendidos e ingênuos, eles adoram ouro e raptam crianças para ser seus colegas. Existem inúmeras histórias sobre como a coragem conquista a boa amizade de um gigante, se antes disso o gigante não fizer de você uma refeição! A natureza dos mitos, lendas e contos de fadas é sempre alegórica, narrando o estado humano do mundo. Os gigantes têm oferecido conforto e explicações. Como um antagonista, ou simplesmente como um reflexo da psique humana contraditória. Existem até arqueólogos que alegam ter encontrado evidências de fósseis de gigantes... Tenha em mente que viver sobre um pé gigante nunca foi um veredito negativo, muito ao contrário. Sugerindo que viver grande significa viver ao máximo, abraçando os altos e baixos; qualquer que seja a hegemonia. 🧙 O gigante ainda existe entre nós. Como bonecos gigantes em vários festivais latinos e outros ao redor do mundo. Da Catalunha a Nova Orleans e da Índia ao Brasil, remontando aos séculos 15 e 16. Representando arquétipos da cidade, com frequência com aparência humana em vez de um personagem de fantasia; uma tradição que nasceu no catolicismo com a produção de santos imensos para as procissões religiosas. De acordo com as histórias contadas por um padre, as estátuas chegaram pela primeira vez em Belém do São Francisco, e em 1919 o primeiro boneco gigante, Zé Pereira, desceu as ladeiras de Belém do São Francisco, para logo ganhar a companhia de sua linda namorada Vitalina. Depois disso, outros vieram, como o conhecido Homem da Meia-Noite (que vem à frente da procissão em Olinda), a Mulher do Meio-Dia, o Menino da Tarde e outros, para comandar o carnaval de rua. 🧙 Os bonecos gigantes são um lembrete de todas as coisas humanas. Não faz diferença se os bonecos são primorosamente decorados de acordo com a tradição ou vestidos por estilistas famosos da atualidade. Contempla-se a forma em que a grandeza do boneco ajuda a acentuar feições e persona, tornando-os tangíveis. Com os pés grandes firmes no chão, alcançando o céu. É intrigante como até hoje essas figuras grandes ao mesmo tempo nos fascinam e amedrontam. Definitivamente sacudindo a poeira.



vestido e jaqueta **Cavalera**

vestido **Melk Z Da**





vestido Amapô



vestido Ronaldo Fraga



blusa, saia e flor usada na cabeça **Walério Araújo**

blusa e saia **Totem**, faixa no cabelo tecidos **Kalimo**



EDIÇÃO DE MODA **Paulo Martinez**
FOTOGRAFIA **Rogério Cavalcanti** TEXTO
Petra Dokken ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA
Jorge Escudeiro ASSISTENTES DE MODA
Larissa Luchese, Juliana Cosentino
e **Gabriel Sorribas** BONECOS DE OLINDA
Sílvio Botelho Criações MANIPULADORES DOS
BONECOS **Bruno Gustavo de Paula Gomes,**
Miguel Araújo de Lacena Lima, Hugo
Melo de Araújo, Túlio Cesar Botelho
de Almeida TRATAMENTO DE IMAGEM **Fujocka**
Photodesign ENSAIO ORIGINALMENTE PUBLICADO
E GENTILMENTE CEDIDO PELA REVISTA **FFW MAG**



lenço usado como top, **B.luxo**; colar, **Elisa Stecca**

cabeça: galho com sementes e coquinhos de palmeira; camisa, **Volta ao Mundo**; bloomer, **acervo**





cabeça: arranjo escova-de-garrafa ou calistemo; top, **Scarf-me**; colar, **Gustavo Silvestre**



colares **christine yuffon**, camisa e jaqueta amarrada **b.luxo**, mochila **Gustavo Silvestre**, bloomer **acervo**, arranjo com trepadeiras **Hera**



cabeça: arranjo de folhas de eucalipto; colar **Christine Yuffon**; camisa, **Volta ao Mundo**



bata, **Patogê**; colar, **Christine Yuffon**; estola usada como cinto, **Gustavo Silvestre**



cabeça: flor de alho, corpo: folha de eucalipto, (ela) bolero, **Volta ao Mundo**, (ele) colar, **Christine Yuffon**; camisa **B.luxo**

ele camisa amarrada na cabeça **Osklen** colares **Gustavo Silvestre** regata **b.luxo** bloomer **acervo** ela brinco e bracelete **Christine Yuffon** top feito de lenço **Renner** cinto **Volta ao Mundo**





turban te galhos de pimenta; flor, **Christine Yuffon**; lenço usado como top, **Scarf-me**; bloomer, **acervo**



onda tropical²⁰

A cultura de praia se estende de um lado ao outro do Brasil, um estilo cotidiano de férias tão extenso quanto seus 7.491 quilômetros de costa. A onipresença de uma corrente energética faz do surf um passatempo nacional, do Rio Grande do Sul ao Amapá. Os surfistas de cabelo comprido, tatuagens e sardas tingidas pelo sol descem as ondas o ano todo, enquanto que outros popularizaram o kite-surf, a capoeira e o vôlei de praia.

Jovens e velhos passam o dia na praia, um panorama multicolorido de guarda-sóis, toalhas e roupas de banho, representando a população diversa que faz o Brasil ser tão único. Skatistas sem camisa e ciclistas de mochila deslizam no calçadão do Rio de Janeiro, e fanáticos por fitness refinam seu físico nas academias à beira-mar. Moças atraentes de cachos ondulados são admiradas pelos seus biquínis triangulares estrategicamente colocados, com sandálias Havaianas e óculos de sol como acessórios.

No Rio de Janeiro, uma corrente animadora de marcas de moda está chamando a atenção ao redor do mundo, tão vibrante quanto os mosaicos de Roberto Burle Marx no calçadão da Praia de Copacabana. Influenciados pela característica luz solar do litoral, roupas e acessórios possuem estampas vivas, com hibiscos, amarílis e trombeteiras, apenas alguns dos motivos vibrantes que decoram os biquínis, bermudas e *bloomers* botânicas, que se têm tornado uma tendência importante.

As flores nativas florescem em estampas, misturando primaveras, frangipanis e antúrios com jasmim-manga, flor de maracujá e orquídeas. Tingidos com a intensidade das cores das frutas e pétalas, as camisas e blusas são desabotoadas, enquanto que os turbantes e lenços são amarrados, usando corais, algas e pedras para imaginar novas joias orgânicas. Com o crescente interesse do mundo pelo estilo carioca ainda a prosperar, essa onda tropical continuará a influenciar a moda internacional por muitos verões.

direção de arte **Sergio Machado** fotografia **Rogério Cavalcanti** texto **Philip Fimmano** arranjos florais **Lucius Vilar** stylist **Drica Cruz** (abá mgt) produção de moda **André Phergon** cabelo e maquiagem **Rafael Capello** (Amuse-ment) assistente de fotografia **Jorge Escudeiro** modelos **Jennie** (Mega Models Brasil), **Lucas Rios** (Way Model) tratamento de imagem **Factory Retouch**



cabeça: pimenta e trepadeira hera; brinco, Christine Yuffon



Orquídeas, bromélias, flores e pássaros exóticos e a densa mata brasileira povoaram a imaginação de artistas do século 19 do mundo inteiro que, enfrentando meses no mar viajando em situação precária, não pouparam esforços para ver de perto o que até então conheciam de relatos. O pintor norte-americano Martin Johnson Heade foi um deles. Assim como Rugendas e Hercules Florence. Membro da Escola do Rio Hudson, encantado com o que encontrou, retratou com pinceladas impecáveis a luz e as cores das ricas fauna e flora do País. Apaixonado por beija-flores, motivo de sua viagem, Martin Heade acabou rendendo-se à exuberância da natureza do Brasil, criando obras de impressionante beleza.

Cattleya Orchid and
Three Hummingbirds, 1871
óleo sobre madeira
imagem cedida por
National Gallery of Art
| NGA Images





Cansada da mesmice das paredes monocromáticas, essa artista anônima de fim de semana, nativa da Praia das Redondas, no Ceará, transformou sua casa em uma obra de arte popular, para o povo admirar. Flores do mandacaru sobem pela fachada, enquanto duas araras vigiam a porta, aboletadas nos galhos de uma árvore, parte do jardim particular com vista para o cume das montanhas, que alegria a simplicidade da sala. ¶ A beleza da interpretação botânica simplista nos faz querer usar nossas paredes e criar nossa própria paisagem interior, desenhando a natureza que não temos, as cores que não vemos e a fragrância que não sentimos em nossos interiores urbanos. Iniciando um movimento de papéis de parede panorâmicos e desenhos de parede épicos, narrando e revivendo o paraíso perdido. Um jardim encantado que nos inspira a pegar no pincel e pintar. Um movimento horticultural.

penélope²³

sobre o desembaraço do tempo



Do lado oposto do tear, as linhas correm soltas, uma matriz de fios vermelho-sangue envolve os jardins exteriores, confundindo nossa percepção de espaço e lugar. Misturando o religioso com o arquitetural e o enigmático, a artista está profundamente interessada em abstrair a narrativa. Ela esconde tanto quanto revela, representando lendas complexas com criações têxteis elaboradas. Essa exposição de Tatiana Blass é novamente uma instalação narrada.

Tomando emprestado o nome do mito grego da Odisseia de Homero, a história da casta Penélope é um tributo ao poder do amor e à prática da tecelagem. Durante vinte anos ela rechaçou seus pretendentes enquanto tecia e desfazia, tecia e desembaraçava uma mortalha para evitar casar-se com outro homem, escolhido por seu pai, enquanto esperava por seu amante e esposo Odisseu, que estava na guerra.

Construído para adornar a Capela do Morumbi em uma região atraente de São Paulo, Blass expôs no altar um grande tear de pedal e anexou um gigantesco tapete vermelho, intrinsecamente tecido, que se estende até o pátio. A cor vermelha foi escolhida para representar tanto o poder quanto a nobreza, conforme narrado na famosa lenda.

A instalação de Blass visa conectar os mundos de fé internos e externos através de uma rede de lã emaranhada, onde não fica claro se o tapete está no processo de ser tecido ou desembaraçado. Um mistério nunca revelado, assim como o conto de Penélope.

texto lidewij edelkoort
fotografia everton ballardin

Penélope by Tatiana Blass, 2011
agradecimentos **Galeria Millan**

imersão multissensorial²⁴

Quando é preciso contar, em alto e bom som, a história de um país pode muito bem ser narrada através de seu povo. Contudo, quando não é possível ouvir som algum, é preciso deixar a natureza falar por si só. Dessa forma, cada sentido é necessário para se captar a vida que se espalha a perder de vista. O cheiro da chuva; o movimento do vento; o toque da lama. As cores vivas que se harmonizam entre si e outras que só podem existir em contraste.

Às vezes, a comunicação entre tais elementos da natureza não acontece por mero acaso. E é aí que a natureza humana vem para se expressar, inspirada pelo meio ambiente. Vem não apenas para trabalhar em conjunto, mas também para servir, para nutrir a terra e compartilhar. Para nutrir a natureza.

Como uma semente, uma ideia que nasceu no final dos anos 1980 se fortaleceu e expandiu-se para se tornar um dos maiores locais botânicos do Brasil, além de abrigar e expor algumas das melhores coleções de arte contemporânea: Instituto Inhotim, fundado por Bernardo de Mello Paz.

Oficialmente, o centro foi aberto ao público em 2006, quando toda a infraestrutura de serviços foi criada, mas a inauguração do projeto ocorreu em 2004 com um grande evento, na presença das pessoas mais importantes do mundo das artes.

É mais ou menos como dormir com um sonho e acordar com um projeto! Um projeto que combina natureza e cultura; a mistura perfeita entre paisagismo e arte contemporânea. Jardins lindos exibindo as verdadeiras cores do Brasil por meio de suas árvores, flores, pássaros e borboletas. Espécies de plantas que foram apresentadas a Bernardo por seu amigo Roberto Burle Marx (1919-1994) – famoso pintor e paisagista, o primeiro a influenciar o desenho dos jardins de Inhotim.

Inhotim se localiza no distrito de Brumadinho, no estado de Minas Gerais, a 60 quilômetros da capital, Belo Horizonte; seu nome deriva da localização do centro cultural. Inhotim era antigamente um

pequeno vilarejo completamente afastado da civilização, onde as pessoas trabalhavam a terra. Bernardo começou a comprar terras da região em meados da década de 80 com a ideia de construir uma casa de campo para os fins de semana, onde ele poderia guardar sua coleção de arte moderna. Dez anos depois, influenciado por vários artistas e amigos, ele mudou o foco de sua coleção e começou a prestar mais atenção no cenário de arte contemporânea. Aconselhado por Tunga – artista brasileiro famoso, com uma renovada carreira internacional –, Bernardo começou a colecionar obras dos anos 60 até a atualidade. Esse momento decisivo levou à criação de um novo espaço, uma nova instituição, um novo Inhotim.

Muito além dos museus contemporâneos convencionais, Inhotim é um museu a céu aberto, que oferece aos artistas a possibilidade de criar e produzir trabalhos de larga escala e complexidade. Um verdadeiro relacionamento espacial entre arte, arquitetura e natureza, que oferece aos artistas condições excepcionais para inspiração.

Artistas de renome internacional estão muito bem representados em Inhotim, de Adriana Varejão a Matthew Barney, passando por Jorge Prado, Olafur Eliasson, Paul McCarthy, Chris Burden e Doris Salcedo, entre muitos outros. Atualmente, mais de 200 artistas fazem parte da coleção do museu. Os pavilhões e esculturas estão muito bem posicionados em uma área de aproximadamente 4 milhões de metros quadrados, com jardins de uma grande variedade de plantas e flores. Uma área que engloba uma das maiores coleções botânicas do mundo, com espécies tropicais e reservas florestais que fazem parte do Bioma Floresta Atlântica.

Tudo isso é Inhotim, um lugar que convida o público a ter uma experiência única; um lugar de imersão multissensorial no mundo da arte contemporânea.





pavilhão Cosmocosas, Hélio Oiticica



banco, **Hugo França**



detalhe da instalação *Celacanto provoca maremoto*, 2004-2008, **Adriana Varejão**





brasilidade surreal²⁵

FOTOGRAFIA Ruy Teixeira

TEXTO Lidewij Edelkoort

Quando quinhentos metros de corda vermelho-vivo são enrolados como *tagliolini* ao redor de uma estrutura de metal, podemos ponderar se o objeto à nossa frente é de fato uma escultura ou uma meticulosa exposição de artesanato – contudo, é uma cadeira. Centenas de lascas de madeira que parecem sobras e tábuas descartadas de uma serraria são uma instalação doméstica que parece um desenho futurista – contudo, é uma casa. Noventa metros de tecido de estofado torcido como uma serpente gigante em uma nova forma podem parecer oriundos de um jardim de infância, uma selva desconhecida ou até mesmo de outro planeta – contudo, é um sofá. Várias folhas de plástico barato são fortemente enroladas em um delicioso sushi gigante multicolorido – contudo, é uma mesa.

Isso é design e vem do mundo de Campana, um lugar onde a criatividade caótica é destilada em criações potentes e explosivas que têm animado o cenário de design ao longo das últimas décadas, da mesma forma que os próprios irmãos Campana têm incendiado seminários, exposições e workshops com sua extrovertida energia e senso de humor latinos.

O trabalho de Fernando e Humberto Campana fala uma linguagem internacional de transformação e de reinvenção, de pluralismo e de hibridização. Embora os irmãos viajem extensamente, é seu Brasil nativo que acende suas ideias únicas com conceitos, protótipos e edições desenvolvidos em seu laboratório e ateliê em São Paulo, uma cidade que é uma colagem espetacular de extremos justapostos, um acúmulo de subprodutos urbanos tão numerosos quanto violentos, coloridos, ruidosos e interessantes.

No entanto, é importante saber que os meninos cresceram no campo, onde o descalço Humberto fazia piscinas naturais com as mãos e Fernando descobriu seu talento inato por arquitetura construindo casas em árvores. O chão da floresta próxima estimulou uma imaginação fértil nas crianças: um senso de imaginação ainda presente em sua abordagem atual e às vezes ingênua da forma. Os filmes estrangeiros que eles assistiram nos anos 60 e 70 eram janelas reveladoras para o mundo. Fernando certa vez



CULTURA
CAM
PANA



sonhou em ser astronauta, enquanto a ligação de Humberto com a população indígena infiltrou-se desde cedo em seu coração. Essas diferenças precoces entre os irmãos ilustram jovialmente uma receita de contrastes inerente a sua filosofia, nesse caso, uma mistura de técnico e étnico e, mais tarde, a fusão de tecnologia e artesanato, a tensão entre ordem e caos, a aplicação cuidadosa de forma e cor e a adoção tanto do sintético quanto do natural. Não é de se espantar que seu trabalho resultante se preocupe em definir o espaço transitório entre a cidade e o campo, onde as fronteiras entre o urbano e o rural estão se tornando confusas, resultando em uma cidade mais verde e desacelerada e um campo conectado e contemporâneo.

Os dois irmãos decidiram se tornar designers numa época de mudança eufórica no Brasil; a chegada atrasada do pós-modernismo em um país de pós-ditadura na véspera de uma década pós-minimalista, um momento de abolição espelhando o fim do comunismo e a desconstrução de roupas explorada por estilistas vanguardistas japoneses e belgas. Enquanto os negócios e a expansão no Brasil não estavam preocupados com a preservação do sabor local nem da identidade folclórica, os Campanas perceberam o crescimento de um movimento ecológico e o ressurgimento do artesanato em reação à revolução de informações. Quanto mais virtual o mundo se tornava, mais tátil teria que ser. Os consumidores do futuro estariam interessados não só por objetos industriais, mas também por aqueles feitos à mão, e os designers estavam começando a investigar como a produção em série poderia ser original ao mesmo tempo.

O nascimento da forma autônoma tornou-se uma nova disciplina em design. O artesanato se posicionou para tornar-se um dos movimentos mais importantes do futuro. O medo de um mercado global sem graça e a virtualização da sociedade inspiram designers como os Campanas a oferecer trabalho ligado à importante humanização do processo de produção. O artesanato é capaz de falar de personalização, colaboração, compartilhamento de ideias e do retorno da produção à nossa porta através do crescimento de indústrias pequenas e oficinas locais. Esse mantra que os Campanas adotaram tem influenciado vários outros jovens designers brasileiros que os consideram seus mestres, e, como eles, se estabeleceram para criar e também produzir e



distribuir suas próprias peças. Essa prática incentivava a sobrevivência do artesanato ameaçado passado de geração para geração ao longo dos séculos; concebido para os consumidores cada vez mais cultos que logo irão exigir que as ideologias sustentáveis se tornem invisivelmente enraizadas nos métodos de produção.

Os irmãos Campana começaram a trabalhar juntos bem antes de outros irmãos, gêmeos, casais e grupos se unirem na recente tendência de criação coletiva. Uma irmandade profética que anuncia o retorno de valores de família e o poder do indivíduo dentro do contexto do grupo. Seu trabalho conjunto parece ser fácil; na realidade, eles terminam as frases um do outro na mesma forma que completam as ideias um do outro em uma fusão de pensamentos. Embora se tornem um só no trabalho e na palavra, eles são distintamente diferentes e complementares, cada um trazendo ativos valiosos ao ateliê e desenvolvimento criativo. Seu processo criativo é distintamente contemporâneo.

O design do futuro será universal, além de individual; o local irá realimentar o global e incentivará as marcas globais a se tornarem extremamente interativas e reativas. Como embaixadores não oficiais do Brasil, os Campanas têm continuamente incorporado esse movimento, trabalhando com especialistas artesãos para levar técnicas de fabricação à mão com o charme brasileiro a produtos exportados e produzidos ao redor do planeta. Os irmãos falam com paixão sobre essas experiências, reconhecendo um senso comunitário de criação e a liberdade improvisada e emocional que essas colaborações trazem ao seu trabalho. Essa renúncia do ego do designer, típica de sua mentalidade aberta, é o começo de uma nova fase para o design. Outros seguirão seus passos.

Talvez tenha sido esse senso de liberdade visionário que a curadora Paola Antonelli sentiu quando convidou os jovens e relativamente desconhecidos Campanas para expor junto com o mestre em design Ingo Maurer. Essa efervescente conjunção de forças criativas na exposição no MoMA em 1988 demonstrou como os designers compartilhavam o uso de materiais inovadores ou incomuns e humor otimista. A exibição foi uma importante apresentação do trabalho dos irmãos para um público internacional. E foi esse senso de

fantasia improvisado que o diretor de arte da Edra, Massimo Morozzi, reconheceu ao pegar o telefone para falar com os irmãos sobre seu trabalho, antes de embarcar na aventura corajosa de representar seu talento; assumindo enormes riscos comerciais a cada passo e exigindo programas de produção dedicados que tinham que ser desenhados a partir do zero. E o uso pelos Campanas de materiais glamorosos como veludos felpudos, espelhos polidos, cordas douradas, tecidos brilhosos, peles falsas e couro de jacaré reflete o brilho dos tempos eminente na virada deste século.

A percepção de que temos que parar de destruir nosso planeta está por trás da determinação de jovens designers de produzir sustentável e localmente, assim criando menos propostas poluidoras e passando a usar madeira, pelo, pele, tecidos, cerâmica e vidro. Entrando em contato com o lado mais animista do homem, as inspirações arcaicas têm estimulado uma nova estética de audaciosas formas orgânicas e materiais naturais dançando a um ritmo xamanístico. O lustre *Prived Oca*, dos Campanas, encomendado para a Swarovski por Ilse Crawford em 2003, foi uma encarnação de como os irmãos têm sido observadores precoces desse retorno ao primitivismo e fetichismo inerente ao Brasil, que por sua vez é um centro de rituais antigos e uma mistura de extratos culturais da África e Europa, combinado com sua própria herança indígena.

Ao escavar mais fundo na paisagem, os Campanas têm incorporado inspirações orgânicas da floresta tropical nos moldes de suas cadeiras e assentos. *TransPlastic* foi primeiramente exibido na Galeria Albion, de Londres, em 2007, uma série seminal de silhuetas mutantes trançadas de vime brasileiro que ilustram o poder da natureza de assumir e destruir toda a cultura; reivindicando energeticamente a devolução do território usurpado pela expansão industrial esmagadora. Os Campanas têm também integrado cristais e minerais geológicos nos trabalhos *Diamantina* e *Cristalina*, que são uma extensão da mesma coleção; essas estruturas cristalinas, que carregam valores espirituais, poderiam ter sido descobertas durante um dos breves sabáticos que os irmãos tiram em desertos remotos, lagos vulcânicos perdidos e florestas isoladas; contudo, foram obtidas através de um fornecedor inspirado localizado perto do ateliê dos designers no coração da metrópole urbana.



Embora viagem e aventura sejam importantes para ambos os irmãos, para que se mantenham informados e descansem de uma existência super-nômade, são as áreas urbanas pobres e caóticas e sua selva justaposta de trapos e bonecas, ferramentas e caixotes, cercas e plásticos coloridos que, até agora, representam os maiores valores antropológicos em seus trabalhos. O objeto encontrado como fonte para criação.

Uma barraca de camelô repleta de ursos de pelúcia se torna um ícone do design do nosso tempo, ilustrando nosso desesperado desejo por tatilidade e ternura; as bonecas vendidas nas ruas do norte do Brasil são colecionadas para se tornarem outra cadeira icônica, representando a pressa de uma sociedade multicultural, mas também refletiva do sofrimento e luta humanos; nossa história nos faz perguntar se representa um contêiner de refugiados, vítimas de um tsunami, escravos sendo transportados? E os displays de camadas multicoloridas de tecido e fita encontrados nos mercados se tornam um pedaço de móvel reciclado apropriado para os nossos interiores; a reciclagem sendo parte de seu idioma desde o começo e assumindo mais aplicações sofisticadas conforme suas carreiras progridem.

Essa fonte constante de vida improvisada, como aquela encontrada nas favelas, é música para seus ouvidos; trazendo movimento para seus corpos que gostam de dançar, valores extremos aos seus olhos que gostam de vagar, e considerado como um símbolo de dignidade e desejo de mudança no palco mundial. Assim como o seu homônimo italiano (Campana significa “sino”) e sua genial colaboração com Venini, encomendado por Murray Moss, os irmãos verdadeiramente tocam sinos em nossas mentes, provocando alegria ao mesmo tempo em que promovem admiração e reflexão – representando o mundo como uma favela global enquanto lutam contra o medo, a industrialização e a pobreza. Os Campanas incorporam um agitado caldeirão de cultura caótica, pronto para ferver e derramar.

este texto foi adaptado de um artigo publicado em ‘Campana Brothers: Complete Works (So Far)’, Rizzoli, 2005



26 **rainha das águas**



a rosa que lemanja devolveu descansa na areia ao lado de uma vela



imagem da Deusa das Águas que perdeu a cabeça nas ondas do mar



nem todas as oferendas são encaminhadas para a Rainha do Mar em barquinhos de madeira ou isopor. essa devota criou um grande vaso de tecido e fita para entregar suas flores



para proteger as velas do vento, os devotos cavam buracos na areia e criam seus próprios altares com sidra, flores e tecidos sempre azuis, a cor do orixá



dizem que quando o mar devolve
o barquinho de oferendas é sinal de que
lemanjá recusou o presente



cada terreiro leva seus filhos, seus atabaques, suas imagens e monta sua tenda,
onde são colocadas as oferendas aos pés de lemanjá, e os devotos agradecem o ano
que passou e fazem seus pedidos para o novo ano em profunda reverência



flores e frutas fazem parte dos mimos que encantam lemanjá

Nas noites de Lua, quando o mar se tinga de prateado, dizem que uma formosa mulher, de longos cabelos negros, a boca com lábios de rubi, os seios fartos, deixa cair pérolas de suas mãos enquanto entoa cantigas. Ela é lemanjá, a Rainha do Mar, o orixá das águas doces e salgadas, a grande mãe, a energia feminina que cuida dos seus filhos e protege os lares e as famílias. lemanjá chegou ao Brasil no coração dos negros escravos, e aqui perdeu seu aspecto de sereia escura e assumiu as feições de uma bela moça de pele muito clara e olhos de um azul tão profundo quanto a cor do mar. Seu nome deriva da expressão iorubá Yéyé omo ejá ou “mãe cujos filhos são como peixes”. Dona das cabeças, Janaína, Marabô, Maria, Mucunã, Princesa de Aiocá, Dandalunda, Inaé ou Ísis, como também é chamada, lemanjá é cultuada em todos os terreiros de umbanda e candomblé do Brasil. Confundidas entre si, as duas religiões têm parecenças e diferenças. A umbanda é uma religião brasileira, de origem africana, que possui traços de outras religiões como o catolicismo, espiritismo e raízes indígenas. Os orixás são cultuados de maneira diferente do candomblé. Os médiuns recebem entidades de luz, guias espirituais como o caboclo, o preto velho, que incorporam energias da natureza fortalecendo o espírito. Ela é traduzida como paz, sabedoria, caridade, cumplicidade e amor. Já o candomblé veio da África e é dividido em nações, como a Nação iorubá (nagôs vindos da Nigéria) e Djedje da região de Daomé. Negros de diferentes nações e credos foram mandados juntos para o Brasil, e aqui acabou prevalecendo o orixá comum a todas as nações. No candomblé os médiuns são ocupados pelos orixás que regem suas vidas, como oxum, ogum, iansã, para fortalecer o espírito. Não há incorporação e a consulta é feita pelo jogo de búzios e não há comunicação de espíritos. Em comum a umbanda e o candomblé têm as origens afro-brasileiras e os atabaques que tocam nas festas despertando as entidades e dando o ritmo às danças. A padroeira dos pescadores e dos apaixonados é festejada dia 2 de fevereiro, na Bahia. Mas em dois finais de semana de dezembro, na Praia Grande, em São Paulo, cerca de duzentos terreiros de todo o Estado se reúnem para reverenciar a Deusa das Águas, em uma festa autêntica e repleta de simbolismos. Nesses dias, cada terreiro traz seus filhos e atabaques, e montam nas areias da praia, tendas que serão como templos para homenagear e agradecer lemanjá. A noite é tomada pelo som dos atabaques, pela dança dos fiéis, pelas orações e pelas luzes de milhares de velas acesas. Na manhã seguinte é feito o batismo no mar e embarcações carregadas de flores e oferendas ao orixá são levadas para o mar. Vaidosa, lemanjá gosta de espelhos, água de cheiro, bijuterias, maquiagem, sabonetes, escovas e pentes para que as sereias penteiem suas longas madeixas, e flores, muitas flores. Os devotos acreditam que quando o mar devolve os barcos é sinal de que a Rainha das Águas não aceitou o presente. O emocionante na festa da Praia Grande, que acontece há quarenta anos, e reuniu em 2013 cerca de duzentas mil pessoas, é a simplicidade, a variedade de pessoas de todas as idades que estão lá movidas pela crença, para agradecer o ano e dedicar o próximo à Mãe de todos. Com olhar estrangeiro, depois de viver vinte e cinco anos na Itália, o fotógrafo Ruy Teixeira desceu para a Praia Grande acompanhando o fotógrafo José Bassit, conhecido por cobrir festas religiosas pelo Brasil. Hospedaram-se em um pequenino hotel na beira da praia, e foram para a festa. E ficou emocionado com a pureza do que assistiu e capturou com seu olhar. As flores que o mar devolveu, a mulher que elegantemente vestida de preto velho, prestava suas homenagens sozinha, o barulho dos atabaques que acelera o coração, os altares para Exu, aquele que faz a comunicação entre o material e o espiritual montados na areia, a simplicidade e a ingenuidade das oferendas. “Se tivesse de definir a festa de lemanjá que acontece na Praia Grande, diria que as palavras mais acertadas são dignidade, orgulho, devoção e elegância”, resume o fotógrafo Ruy Teixeira.



altar dedicado a Exu, a entidade que faz a comunicação entre o mundo material e o espiritual. com o tridente na mão, a versão homem e mulher do orixá vestida de vermelho e preto, cercados por oferendas e um caminho de pastilhas de chocolate



elegante e feliz em seu terno branco e gravata vermelha e dedos enfeitados por anéis de prata, a devota se veste de Preto Velho para sua homenagem pessoal a Iemanjá

em um país quente e tropical tecidos brancos oferecem

um momento de frescor para organizar a alma

e meditar sobre o significado da agulha e linha...

as rendas em camadas abrem portas de graças antigas

diretor de arte **Sergio Machado** fotografia **Ruy Teixeira** texto **Lidewij Edelkoort**
produção **Virginia Lamarco** assistente de fotografia **Noel Thomas**
caminho de mesa de renda renascença, **Rendas e Fricotes**
avental de algodão com renda richelieu **Buettner**, saia **Renner** e tênis **Osklen**



blusa Galeria Arte Brasileira
tapete Recanto Artesanato, Paraty



o bordado sugere amizade e amor



chapéu feita por **Thais Signorini Costa**
toalha de renda renascença, Rendas e Fricotes



a costura representa resistência e visão



Rompantes
de melancolia
no céu da Serra
da Canastra,
região mineira
cujos cenários
nunca deixam
de encantar.



A palavra “canastra”, em português, designa uma espécie de caixa. Também serve para dar nome à parte das costas que melhor suporta o peso das coisas.

Na Serra da Canastra, em Minas Gerais, os pesos da vida e da morte se alternam no balanço de uma gangorra: em uma das pontas, a natureza esplendorosa, um passado de riquezas que vêm da terra. Na outra, o esquecimento, as ruínas de um mundo que se perdeu. Como caixas em decomposição, testemunhas de um passado glorioso.





Durante o verão, o céu caótico se debruça sobre esses fragmentos de tempo, nuvens de chumbo rasgando antigos azuis, sombreando pasto, bicho, e gente com os olhos na janela e o pensamento no alto. Na serra que guarda a nascente do Rio São Francisco, o Velho Chico ainda é criança mas já sabe seu destino: solitário, imenso.

Foi o poeta maranhense Gonçalves Dias, em sua *Canção do Exílio*, um dos primeiros a exaltar as belezas da geografia brasileira. Lá na terra recheada de palmeiras, onde cantam sabiás, há espaço de sobra para ipês e jacarandás florescerem. Longe da estética imponente dos baobás africanos ou da delicadeza das cerejeiras nipônicas, as espécies tupinambás cintilam com coloridos únicos – que vão do lilás ao amarelo-canário, passando pelo rosa e pela candura do branco.

Com proporções continentais, o Brasil revela biomas exclusivos, como a caatinga, os manguezais, a mata atlântica, a Amazônia, o cerrado, o pantanal e os pampas. Nessas áreas, quase sempre na época da primavera (entre os meses de setembro e dezembro), brotam centenas de árvores salpicadas pela elegância das flores – e é exatamente por esse detalhe que a fauna local é tão admirada. Por aqui, até mesmo as leguminosas não deixam de ostentar algumas pétalas, caso do monjoleiro e do pau-de-papagaio, essa carregada por pequenas sementes que despontam aos olhos como se fossem suntuosos buquês.

Nem a escassez de água nos pedaços mais áridos do País tira o encantamento que se desdobra entre os cachos dourados da *Amburana Cearensis*, muito conhecida como cerejeira-rajada. Naquelas bandas também vale espiar de perto o cajueiro e suas minúsculas flores de matizes rosa. Já no eixo sul, a araucária divide as atenções com a figueira. Mas a variedade é tamanha, que fica impossível não citar a peroba, a carapanaúba, o urucum, a Pata-de-vaca e o pau-brasil – que garantiu o nome e os quinhões de ouro à então colônia portuguesa. E foi graças a esse exemplar de silhueta esbelta e interior vermelho que começou a promissora história do Brasil.

tabebuia ipê, o ipê rosa do Pantanal



piúva

árvores em flor²⁹

As centenas de espécies de árvores tropicais exibem frutos saborosos e flores que merecem atenção especial



tabebuia ipê, o ipê rosa do Pantanal

piúva

abricó-de-macaco



couroupita guianensis



triplaria brasiliiana ou pau-de-formiga

novateiro

ipê-amarelo



tabebuia serratifolia



claraíba

cordia glabrata ou claraibeira ou louro-preto ou louro-branco



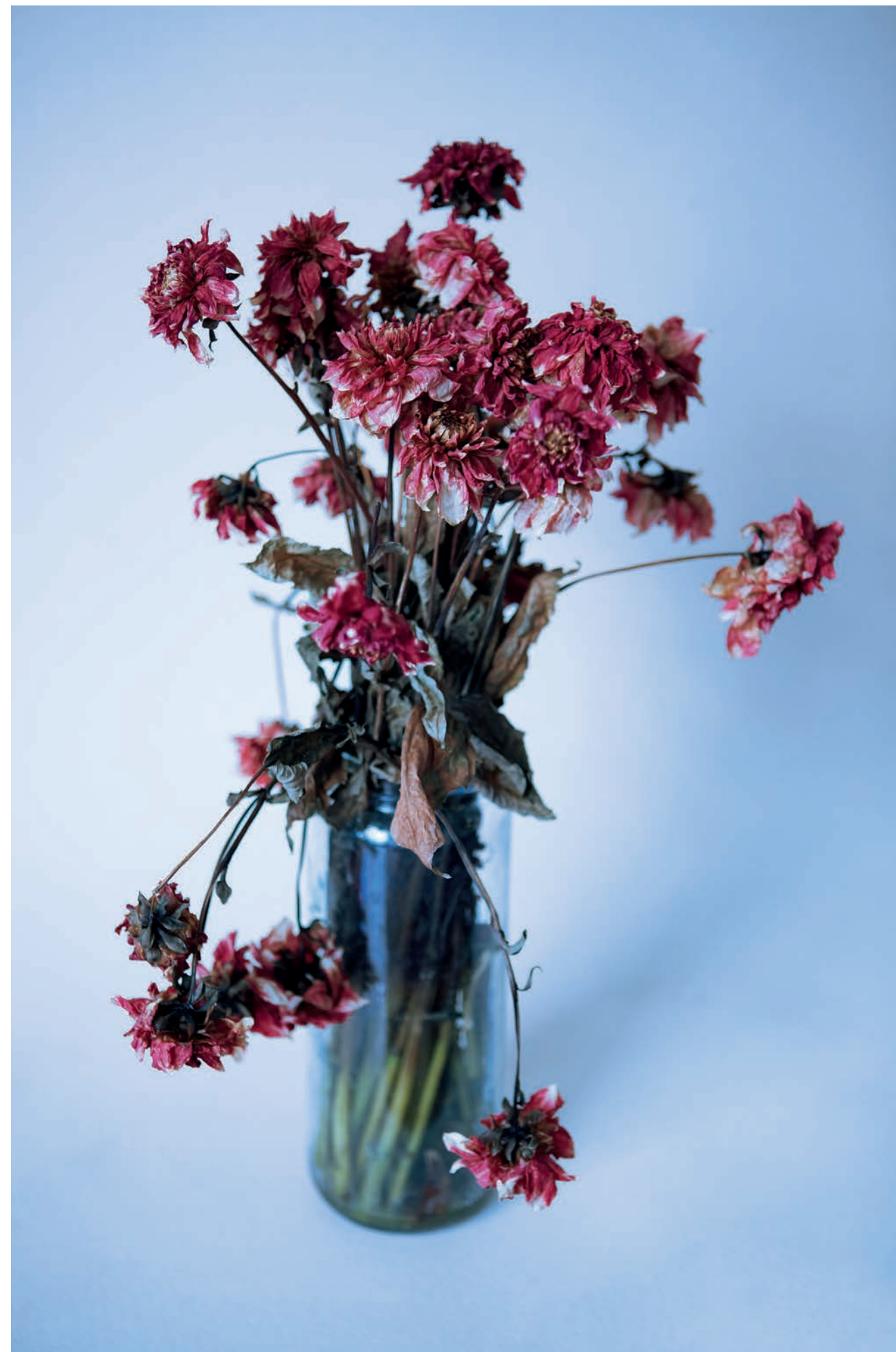


“Todo estado de alma é uma paisagem”, escreveu Fernando Pessoa. Frase sob medida para a arte da gaúcha Marga Puntel, não fosse o século que separa poeta e artista. Em Paisagens Transportáveis, a artista busca renovar a relação espectador-paisagem, criando microninhos de folhas e flores, depois fotografados na palma de uma mão. Imagens que convidam à reflexões sobre o homem e o meio, consumo e desperdício e vida e morte através do processo de decomposição. Reflexões ainda sobre o adulto versus a criança, brincando com escala e percepção. Com sua clara construção horizontal e através de suas cores saturadas, esses trabalhos comunicam um sentimento acolhedor.

VIDAS³¹ SECAS



UM LONGO PROCESSO DE SECAGEM À BASE DE
GOTAS D'ÁGUA ROUBOU OS SUCOS VITAIS DESSAS
FLORES. NO DERRADEIRO SOPRO, ELAS, AINDA
PROVIDAS DE RARA BELEZA, ANINHAM-SE SOBRE
A PELE NA ESPERA DA POESIA FINAL





EXISTE BELEZA NAS FLORES QUE FENECERAM COM O PASSAR DO TEMPO, ABANDONADAS EM UM VASO EM UM CANTO QUALQUER. BELEZA QUE GANHA NOVO VIÇO JUNTO À PÁLIDA PELE DE UMA MULHER



fotografia **Rogério Cavalcanti** stylist **Heleno Manoel** texto **Cynthia Garcia** cabelo e maquiagem **Raul Melo** (Capamgt)
assistente de fotógrafo **Jorge Escudeiro** modelo **Cristina Theiss** tratamento de imagem **Factory Retouch**



SERIA A MULHER CAPAZ DE DEVOLVER VIDA
ÀS FLORES? OU SERÁ QUE AINDA EXISTE UM SOPRO
DE ANTIGA BELEZA NAS FLORES QUE JÁ SECARAM?



rosas solidárias³²

FOTOGRAFIA Renata Mein

TEXTO Maria Clara Vergueiro

As flores que se debruçam nas janelas são as mesmas que prestam homenagens àqueles que partiram; rosas e cravos subitamente unidos na missão de romper a atmosfera de absurdo que envolve vivos diante de mortos no momento em que se desconectam. Em julho de 2013, a Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos publicou um estudo que registra a descoberta do mais antigo túmulo com a presença de flores da história da humanidade. De acordo com os arqueólogos, os restos das flores – resíduos identificados como *salvia judaica* e um tipo de menta – têm mais de 14.000 anos e demonstram que a tradição de levar flores aos mortos é ainda mais antiga do que a mais antiga das suposições poderia prever.

Às vezes elas surgem inesperadamente nas frestas de cimento que separam um túmulo de outro, como um grito que rompe o silêncio infinito. Outras, desenganadas, murcham, perdem a cor, e espalham no ar o cheiro impiedoso das coisas perenes. As flores dos mortos têm outro perfume. O desejo de viver para sempre ou de estabelecer distância de tudo o que se perde com o passar do tempo – como a nossa própria existência – vem substituindo as flores de sempre por arranjos falsos que enfeitam com pétalas plásticas os mausoléus esquecidos.

À primeira vista pode não se notar a inanimada essência delas e é até provável que sofram com o julgamento dos mais tradicionalistas. Mas a beleza delas está no que carregam de cumplicidade humana. Seguem perseverantes na missão de atravessar os anos repousando sobre outro corpo inerte, sem transparecer qualquer rastro do cansaço das suas irmãs de caule e folhas. Abriram mão do frescor e da beleza pulsante da natureza em nome da vida eterna tão perseguida pelos homens.





*sem o perfume e o viço das flores reais,
arranjos de plástico zelam pelos mortos
com a beleza das obras eternas*



*a beleza delas está no que carregam
de cumplicidade humana*



INSTRUMENTOS DE FÉ

33 instrumentos de fé

FOTOGRAFIA Ruy Teixeira

TEXTO Maiá Mendonça

O Brasil é o resultado do encontro de três grandes culturas: a indígena, o povo que habitava a terra; a europeia, portugueses, e mais tarde outros, que vieram em busca de ouro e outras riquezas; e o negro, capturado para trabalhar como escravo nas minas e grandes fazendas. Sincrético desde o seu descobrimento, em 22 de abril de 1500, dessa fusão surgiu uma multiplicidade de traços étnicos, culturais e religiosos que se foram amalgamando a ponto de se transformarem em um único elemento: ser brasileiro.

Essa fusão de religiões e crenças sobreviveu à igreja católica e à tentativa de acultramento pelos jesuítas e outros missionários e se transformou em um emaranhado de crenças que acabaram convivendo em harmonia. O catolicismo oficial imposto pelos colonizadores conviveu com o catolicismo popular, com o candomblé, a umbanda, o protestantismo e o islamismo e, mais recentemente, com o judaísmo, o budismo, o hinduísmo, em um equilíbrio de antagonismos culturais.

A crença é inerente ao ser humano. O homem precisa acreditar em algo maior, algo divino. O brasileiro nasceu um povo de crença. Acredita no sobrenatural, teme as assombrações, os espíritos desencarnados, ao mesmo tempo em que frequenta a igreja, vai ao terreiro de umbanda levar oferendas a Yemanjá ou Iansã. A evidência dessa fusão está presente nos pequenos altares devocionais que se encontram pelos cantos das casas brasileiras. Uma eclética coleção de artefatos místicos ou não que representam a complexa vida espiritual do brasileiro. Um carnaval de sistemas de crenças que enriquecem a alma em qualquer lugar comum.



altar dedicado
a Exu

colares de
contas de todas
as entidades
da umbanda
e do candomblé

222



223



em uma capela
na Bahia, o altar
improvisado em
uma mesa singela
para Jesus, São
Benedito, Cosme
e Damião e os
anjos da guarda

Nossa Senhora
da Conceição,
que na umbanda
é representada
por lemanjá, usa
o colar de contas
marelas de Oxum



224
BLOOM 22

para o
xamanismo,
jacarés são
símbolo da
fertilidade
e do poder



225
BLOOM 22



a caveira e seu simbolismo ligado ao misticismo, o poder e a morte

a união cultural está presente no altar para exu, onde a entidade divide o espaço com a capa do disco *O Guarani*





fotografia **João Ávila** texto **Piilip Fimmano**

Uma porta é tanto uma entrada quanto uma saída, uma oportunidade ganha ou uma possibilidade perdida. Portas abertas significam comunicação aberta, enquanto fechá-las cria uma divisão entre nós e o desconhecido. O olho mágico de uma porta pode implicar a necessidade de se ver o mundo exterior, um convite para explorar novos horizontes na vida, espiar o que o outro lado oferece. A porta é um símbolo de recepção, sua campanha ou sua aldrava são indicativos de um lar que recebe bem suas visitas. As portas sinalizam nosso status, de uma porta de fazenda humilde até a varanda de uma residência urbana finamente apainelada e pintada.



Atualmente, as portas virtuais nos concedem entrada digital para inúmeras possibilidades on-line. Nos sonhos, acredita-se que as portas representem novos começos ou experiências, mas também podem sugerir barreiras entre emoções, estando trancadas ou não. A porta dos fundos de uma casa se relaciona à família e aos segredos. E Freud acreditava que as portas representavam órgãos sexuais, da fechadura até o puxador e a maçaneta, que representava o ato sexual em si.



as fotografias destas páginas foram tiradas por **João Ávila** na pequena cidade de **São José do Barreiro**, localizada perto da Serra da Canastra, em Minas Gerais

Entretanto, as portas também despertam vulnerabilidade, escondendo os perigos que podem estar ocultos atrás de portas fechadas; maus presságios dos quais precisamos nos proteger. Na cultura vodu são usadas como quadros de avisos nos quais se declara uma ameaça ou se espanta o mau-olhado. Como portais entre dimensões, as portas são as entradas por onde transitam espíritos e energias. Algumas portas são encantadas ou possuem guardiões pelos quais é preciso passar.



Na Bíblia, as portas aparecem no Livro de Jó e são mencionadas logo em Gênesis – aparecendo acidentalmente ao mesmo tempo que o pecado. Na liturgia, denotam salvação e são a passagem pela qual os justos devem entrar. As portas do Paraíso, Jannah ou do Além-mundo são as últimas portas cosmológicas; uma abertura pela qual as pessoas não podem retornar, o que provavelmente nunca desejarão.



paisagens ancestrais³⁵

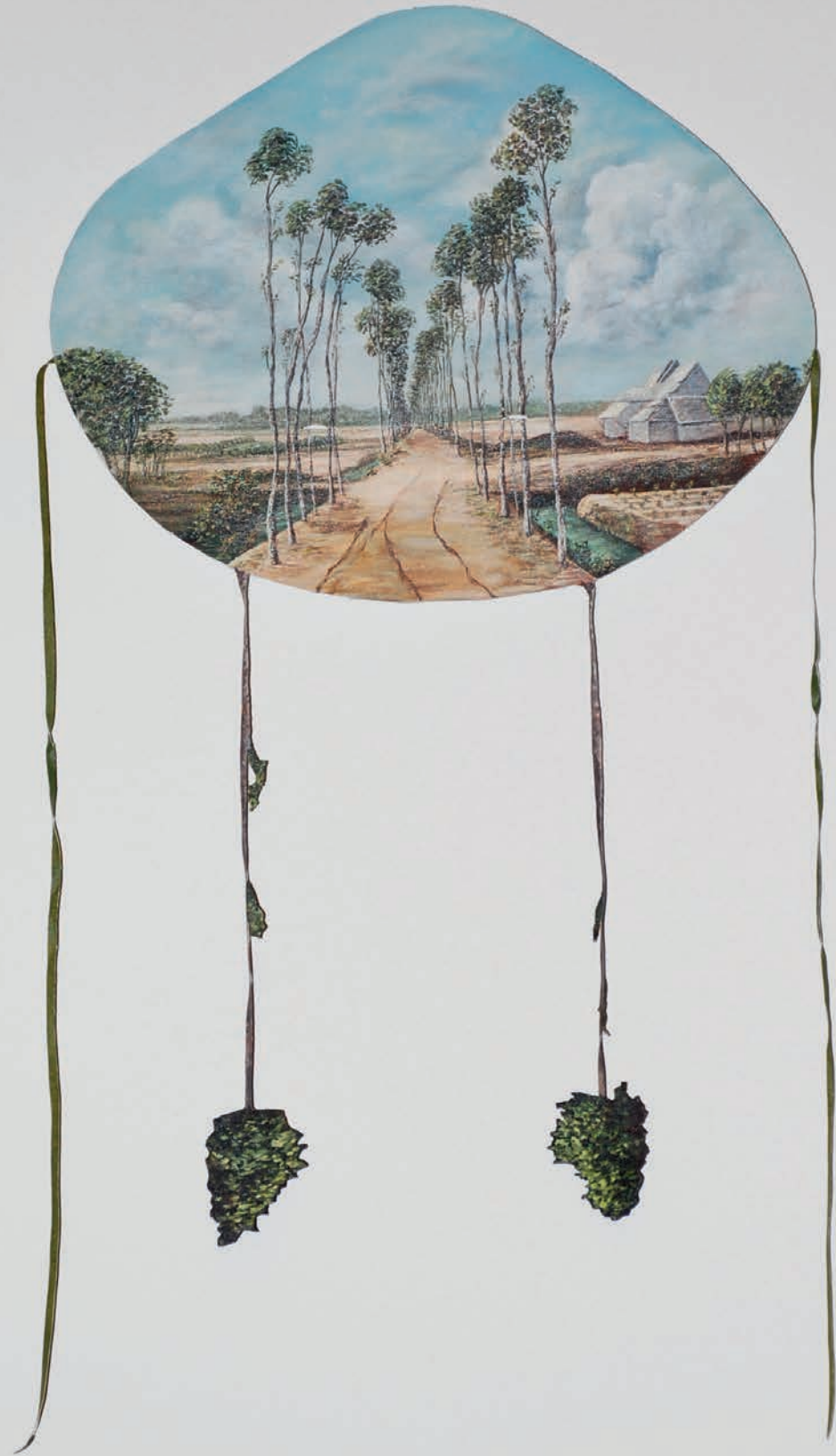
Vistas panorâmicas foram recentemente revividas em nossos interiores, como murais, papéis de parede e painéis de fotos impressas, assim como na moda com imagens animadas que aparecem em roupas, tecidos e acessórios. Ao trançar conjuntamente texturas, cores e vegetação exuberante, o consumidor-espectador romântico é convidado a narrar seu próprio conto – contando histórias e imaginando fantasias do meio da floresta ou da expansão da planície.

O viés etnográfico que corre através da arte de Laura Lima nos conecta com a paisagem, fixando nossas raízes nômade na terra, independentemente de nossa origem. Parte memória ancestral, parte ambientação futurística, as máscaras de Laura nos absorvem em um mundo imaginário, onde novos conceitos e línguas fluem, uma terra onde as possibilidades são abertas e animadoras; permitindo que sejamos espectadores e participantes na Commedia dell'Arte de sua realidade alternativa. E sempre conectados com a passagem do tempo.

FOTOGRAFIA Laura Lima

TEXTO Philip Fimmano & Cynthia Garcia











o princípio do abacaxi³⁶

Depois de ser descoberto e catalogado por Cristóvão Colombo em 1493, foi o açucarado abacaxi que diminuiu as diferenças entre Brasil e Europa. Como mensageiro e símbolo de boas-vindas, a fruta açucarada se tornaria o pacificador ideal entre as novas Américas e as cortes influentes da velha Europa; e os portugueses foram os primeiros a importar a fruta do Brasil.

Nativa do sul do Brasil ao longo do Rio Paraná, Ananas comosus, como a fruta é conhecida nos círculos científicos, já havia sido plantada, colhida e geneticamente modificada pelos nativos que se empenhavam para retirar seus pedaços duros e tornar a fruta apenas um deleite suculento e atraente. Assim, a construção cônica da fruta se tornou um sinal de generosidade no Brasil e também na Europa, impulsionando uma moda importante para motivos de abacaxi em estuques pintados, madeira talhada, almofadas bordadas e papeis de parede e tecidos estampados; considerado um eterno símbolo de hospitalidade.

O abacaxi pertence à família das Bromélias, uma linhagem de plantas que desenvolve uma espiral generosa de folhas circulares em forma de roseta que frequentemente adquirem uma variedade de cores, como se estivessem coradas. Orgulhoso rei das frutas, coroado com uma impressionante coroa emplumada, reina, com o seu suco doce, sobre o comércio de frutas e sucos ao redor do mundo. As folhas duras são longas e possuem lâminas espinhosas, cada flor que surge da roseta tem suas próprias sépalas, que se tornam suculentas e carnudas e crescem no formato pseudocarpo armado.

Uma vez que os europeus descobriram as delícias do abacaxi, pelo século 17 já haviam agido com rapidez. Procuravam por ouro, caçavam minerais e exploravam plantas raras para comercializar, e então continuaram a expansão e comércio plantando abacaxis em suas próprias

colônias tropicais e subtropicais; assim, o abacaxi se tornou uma fruta famosa e apreciada em todo o mundo, da Índia até as Filipinas, Havaí e África.

Usado em sobremesas, sorvetes, coquetéis e pratos salgados como curry e linguado Picasso, o abacaxi em calda se tornou um alimento básico nas residências familiares, chegando aos Estados Unidos no início do século 20, representando a essência de tudo que era exótico. Junto com o flamingo rosa e as folhas de bananeira, a fruta amarela se tornou o motivo favorito do art déco americano, conforme visto em murais de Palm Springs até Miami. Mais tarde, o abacaxi se fez presente nas camisas havaianas berrantes, baldes de gelo de plástico e almofadas de ponto cruz que adornavam os móveis de bambu. Um pouco kitsch, o motivo de abacaxi aparecia mais uma vez nos interiores, queridinho da decoração e design vintage.

O uso contemporâneo do abacaxi está em pleno desenvolvimento e os chefs e barmen conspiram para trazer de volta seu gosto doce para sushis, saladas e sopas, em pâtisserie e batidas com vodka e Pastis. As indústrias têxteis estão desenvolvendo fibras de abacaxi que de alguma forma parecem rivalizar com as qualidades majestosas e flutuantes da organza, mas com uma identidade ecológica. Algum dia, o abacaxi poderá até se tornar um novo combustível ou material de construção...

Esta terceira onda de abacaxismo definitivamente está chegando, detectada em feiras recentes de decoração e produtos têxteis na Europa. De repente, esse símbolo histórico de hospitalidade parece ter ressurgido em várias formas, em crochê e papel, como lâmpadas e ânforas, em cortinas e na moda. Com seu brilho dourado esperançoso, essa Bromélia imperial parece representar o renascimento da economia global e simbolizar a chegada de uma sociedade mais comportada e altruísta. Dando-lhe boas-vindas novamente.



no sertão, nos lugares muito secos, as histórias são como as flores do mandacaru. quando ele floresce, é sinal de que vem chegando chuva. a vida aparece, depois de meses e meses de seca / as histórias que ali se contam são como essas flores secas. sempre estiveram ali. mas como as flores precisam de água, as histórias, para viver, precisam ser contadas / uma vez, há muitos e muitos anos, junto com a chuva, no sertão nasceu um amor proibido. joão barbosa, fazendeiro, se apaixonou por maricó, cozinheira. desse amor proibido nasceu uma história. dessa história, um lugar chamado várzea queimada, no interior do Piauí, no coração do semiárido, onde vivem oitocentas pessoas, todas parentes entre si, todos filhos desse primeiro louco amor / essa história estava esquecida no tempo e na memória de um povo forte, corajoso e criativo que guarda saberes muito antigos e técnicas de artesanato que sobreviveram aos séculos e, como uma fênix, renascem agora / como as flores do mandacaru renascem regadas pela água, várzea queimada renasce regada por um sonho e pela vontade de transformar de alguns visionários de fora, capazes que fazer renascer esse sonho / em uma igreja sem padres e uma cabra fuçando as novas criações, os artesãos constroem milagres contemporâneos com as próprias mãos. é onde acontece o mergulho na alma e na sua cultura originais, suas histórias e histórias de amor, e transformam toda essa energia e informação em um novo design e expõe a alma brasileira. e acena para o futuro / várzea queimada renasce de sua própria história, daquele amor proibido, das misturas das raças, da sabedoria ancestral e da certeza de que o futuro está nas mãos de cada um.

na comunidade, são os homens que trabalham a borracha enquanto as mulheres trançam a palha

37 como uma fênix

texto Marques Casara
fotografia Tatiana Cardeal





diretores de arte **Sergio Machado**
e **Chiara Gadaleta Klajmic**
fotografia **Daniel Klajmic**
texto **Lidewij Edelkoort**
cabelo e maquiagem **Diego Américo (Amuse-ment)**,
Leticia de Carvalho e **Rafael Capello** assistentes de cabelo e
maquiagem **Alexandre Araújo**
e **Ale Fagundes** pesquisa de
moda **Fernanda Wally** cenário
Luiz Parisi assistente **Gustavo Silvestre** assistentes de
fotografia **Cal Vasques**
e **Cadu Maya**



segunda pele, saia de algodão orgânico. **Flávia Aranha**, corpete e bolsas de palha de milho e chapéu, **acervo**, com flor de palha de milho **Palhas Fashion**, todos projeto **Associação Art D'Mio para o projeto "Mãos do Meu Brasil"** (Brás Pires - Minas Gerais)

brincando de boneca 38

A criança que existe em nós se lembra do nosso relacionamento umbilical com um cobertorzinho ou uma toalhinha. Inseparável! A boneca arquetípica é, sem dúvida, um pedaço de tecido eventualmente amarrado para parecer uma forma humana de mentira. A boneca aconchego é feita para segurar para sempre a sede do bebê por amor e carinho, e para lidar repetidamente com nosso instinto maternal, inflamando um desejo por materiais instintivos como pele e madeira. A boneca normalmente é um brinquedo grosseiro e rudimentar com roupas selvagens e fetichistas e detalhes autênticos, tornando-a um exemplo colecionável de artesanato. Uma boneca é uma efígie do ser humano frequentemente usada como brinquedo infantil, e no entanto esses mesmos bonecos podem também ter valores cerimoniais mágicos e religiosos. Não existe uma linha divisória entre a boneca ritual e a boneca aconchego, introduzindo uma dimensão espiritual ao mundo infantil, a ser experimentada desde o começo. As figuras são com frequência usadas na educação, narrando a história como mensageiras da herança contadora de histórias culturais e folclóricas, falando de uma identidade local e ativamente apoiando artesanato e moda.

boneca cangaceira

A Associação dos Artesãos do Sítio Riacho Fundo "Casa da Boneca de Esperança", artesãos que participam da produção de bonecas de pano, da região de Esperança, Paraíba, no Ponto Solidário





calça jeans Será o Benedito, camiseta listrada acervo pessoal Tarantula Vintage, lenço e avental, sobrepõe de camisas, acervo pessoal

Brincar de boneca é o primeiro momento na vida em que surge um senso de estilo e moda, quando a criança pode projetar sua personalidade e revelar seu eu interior, livre da restrição dos pais. É um momento de felicidade quando as escolhas ainda não foram feitas, quando tudo ainda é possível. Quando a criatividade é ilimitada e florescente. A criação de uma boneca de pano feita de retalhos de tecidos reciclados pode ser considerada um ato de defesa e de rebeldia das condições ambientais. Nascidas na pobreza e no abandono, as crianças sabem como vestir um graveto, como costurar um vestido, ou como acolchoar uma boneca, construindo cenários otimistas para seu futuro, com frequência partindo da necessidade de refúgio e conforto. Uma habilidade inata força os jovens a representar sua identidade, seus sonhos e aspirações. Como uma imagem espelhada, a boneca é vestida repetidamente para recriar as aspirações de sua dona, representando as cores locais e o artesanato regional. Várias bonecas artísticas de todas as origens, feitas de madeira, cerâmica ou tecido falam de um movimento importante em direção ao ressurgimento e apoio ao feito à mão, passado de geração em geração, de mãe para filha.



251 BLOOM 22

boneca priscila

Acervo da artista plástica e colecionadora de bonecas Keyla

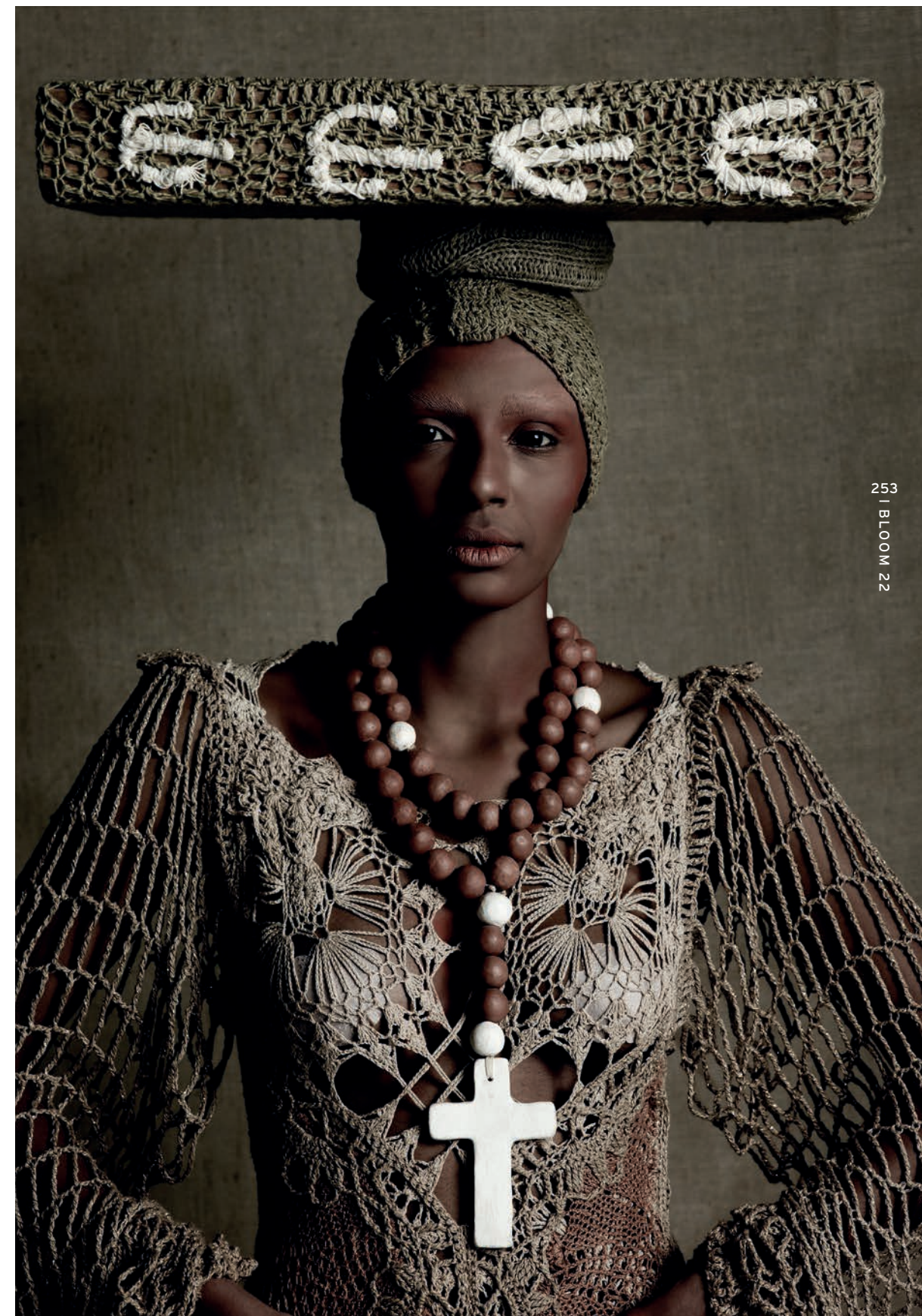


vestido de crochê **Gustavo Silvestre** turbante **Tarantula Eco**, Terço, de **Poti Velho**, **Teresina** usado como colar; e bandeja de palha de **buriti**, coberta com crochê

Olhos penetrantes bordados na pele alva e um corpo pequeno com cintos de bala cruzados narram um passado feroz e violento; uma boneca de pano com pernas longas e molengas em listras e quadrados combinados lembra uma educação frugal; mãos gordinhas e cachos em rastafári ornarn uma figura vestida de avental enquanto estampas florais exuberantes servem receitas deliciosas de cor e estampas; uma mulher de brinquedo arrumada, de vestido. Como um manequim, as bonecas são adornadas com vestidos de mangas curtas, aventais, decotes cavados com detalhes perfeitos como pregas e anquinhas em cascata para animar esses brinquedos inanimados. Moda baseada em roupas tradicionais de comunidades rurais locais.

boneca de barro

Produzida pelos artesãos da região de Maragoginho, Bahia, na Galeria Arte Brasileira





boneca de pano, barrado de croché, todos acervo
camisa xadrez transformada em avental, fitas de cetim, Brás Pires, Minas Gerais
pessoal e chinelo Associação Art d'Mio para o projeto "Mãos do Meu Brasil"

Bonecas de pano arcaicas e milenares de todas as regiões do Brasil inspiram a moda a voltar às suas raízes locais e a usar materiais caseiros feitos de maneira rudimentar, de formato moldado e sem reservas, introduzindo moda para todas as identidades e idades, reunidas em algodão estampado e xadrez tecido, patchwork e chifon, jacquard desbotado e renda remendada. O aprendizado sobre os ingredientes originais das vestimentas é passado de geração em geração ao longo dos séculos, como uma forma de redescobrimto da história das roupas e redefinição do DNA do design de moda brasileiro.



boneca buxinha de pano

A Associação dos Artesãos do Sítio Riacho Fundo "Casa da Boneca de Esperança" fica em Esperança, Paraíba, onde artesãos produzem bonecas de pano. Ela usa um avental amarelo xadrez

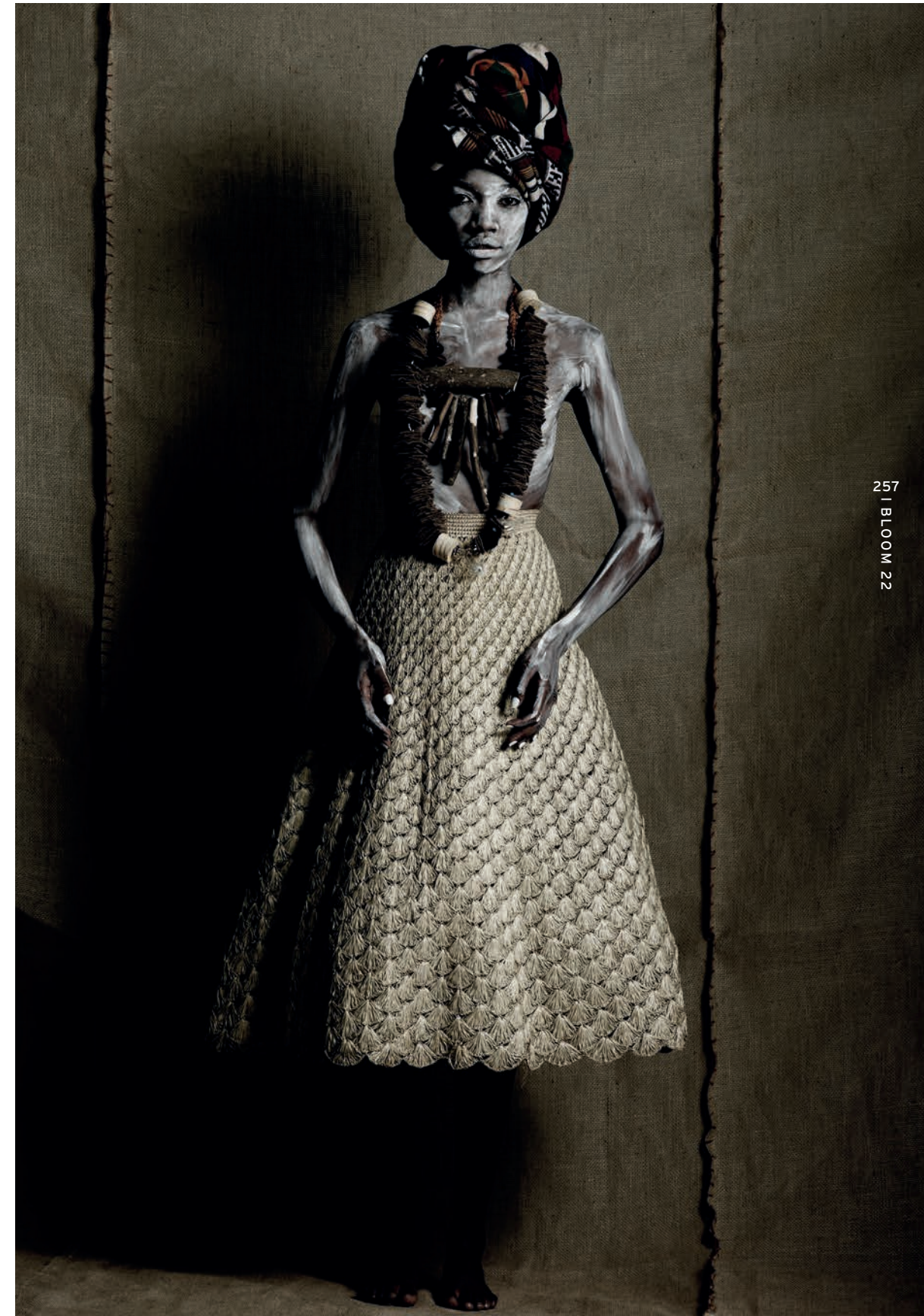


saia de croché de rafia, brechó **Casa Juísi** colares **Eco Tarantula** na Ponto Solidário

As roupas de boneca e tecidos de casas de bonecas são os únicos elementos do mundo dos brinquedos que não são feitos sob medida, e assim frequentemente a escala das rendas e estampas dá uma impressão desproporcional. A fim de parecer uma boneca, a moda precisará procurar estampas gráficas gigantes, para dar um efeito otimista e feliz às roupas. Um estudo sobre a brincadeira com escala e estampa dentro da cor regional original. Onde mais rima com menos e o abstrato suporta a narrativa, onde o local chega ao global e onde o passado expressa o futuro. Onde a criança é onipresente. Quer dizer, a criança que existe em nós.

boneca luminária

Criada pelo Mestre Josias, da Oficina Divino Ofício, da região de Lagoa Dourada, Minas Gerais, usa saia de palha e corpo branco com turbante





saia de chita feita pela Associação para o Desenvolvimento Integral do Down e colares e pulseiras de jornal reciclado da Aldeia do Futuro, em Americanópolis, São Paulo, para o projeto “Mãos do Meu Brasil”

O projeto “Mãos do Meu Brasil”, dirigido pela consultora de moda Chiara Gadaleta Klajmic, tem a missão de levar a moda para perto das comunidades artesãs e as comunidades para dentro do mercado. O “Mãos do Meu Brasil” utiliza materiais naturais e reciclados, e gera renda e novas oportunidades para comunidades carentes.



boneca chica

Produzida pelo bonequeiro e mamulengueiro Mestre Zé Lopes.
Chica, no teatro de mamulengos, é a empregada da família do coronel Manuel Pacaru, de Glória de Goita, Pernambuco, no Ponto Solidário



'VEM BATENDO FORTE
TRAZENDO ALEGRIA
O SOL ILUMINA COM GRANDE ESPLendor
PRA MOSTRAR COMO É QUE SE FAZ (BIS)
O MARACATU DE NAÇÃO NAGÔ'
TRECHO DA LOA VEM BATENDO FORTE,
DA NAÇÃO DO MARACATU PORTO
RICO, PERNAMBUCO

maracatu 39



nova esperança⁴⁰

Simplicidade, amor, respeito, união são alguns dos preceitos dos índios Yawanawás, o povo que vive e protege a floresta, se conecta com os espíritos da natureza e animais que vivem nas árvores e em outros mundos por meio de seus cocares, que encontra a cura para seus males na natureza, a energia nos animais, e recebe a sabedoria ancestral através dos sonhos.

Pessoas comuns, de diferentes descendências, receberam os kenês, que enfeitam os índios Yawanawás nos dias de cerimônia nesse ensaio fotográfico sem retoques, para confirmar a crença de um povo que vive nos confins da Amazônia, de que todos somos um só.

Com traços impecáveis, finíssimos, os kenês, desenhos, são feitos com madeira, palitos e linhas de costura, e formam tanto figuras geométricas quanto animais como borboletas, cobras ou peixes que simbolizam o contato do homem com a natureza e as forças ancestrais.

As cores que surgem das pequenas cuias usadas pelas índias, são resultado do processamento do urucum, uma frutinha que rende um vermelho vivo, do jenipapo que proporciona um tom mais escuro e cola na pele, ou da mistura do cipá, resina de uma árvore, ao carvão vegetal para formar o preto, e são usadas na pintura dos rostos e dos corpos dos índios e convidados que participarão

do Ritual Sagrado, a festa onde se bebe uni (ayahuasca), os participantes dançam, cantam e invocam os espíritos ancestrais.

Os Yawanawás vivem às margens do Rio Gregório, em Tarauacá, a 500 quilômetros de Rio Branco, a capital do Acre, e quase viram sua cultura desaparecer com a chegada dos brancos na região. Hoje vemos essa relação com o povo branco transformada em alianças, e através delas geram diversas iniciativas como a do AGT (A Gente Transforma), uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, que tem à frente o designer Marcelo Rosembaum, que luta apaixonadamente pela sobrevivência das diversidades culturais de seu amado Brasil. Com seu olho treinado, o designer é capaz de detectar os produtos artesanais que tem o conteúdo e a força necessários para encantar outras pessoas e outros mercados.

É o Festival Yawa, que acontece todos os anos na aldeia Nova Esperança, e os hábitos e costumes da tribo que poderiam ter desaparecido, que ajudam os visitantes a entender outras culturas, outras cores, outros alimentos. Dar voz aos Yawanawás e aproximar sua cultura da ocidental é o sonho do cacique Biraci Brasil Yawanawá, que procura manter essa aliança com os brancos, porque todos acreditamos que a cura do planeta está na floresta.

uma aldeia que vive seu nome

DIRETOR DE ARTE Sergio Machado TEXTO E FOTOGRAFIA Marcos Lopes CABELO E MAQUIAGEM Leticia de Carvalho

ASSISTENTE DE CABELEIREIRO Alexandre Araújo e Paulo Renso ASSISTENTES DE FOTÓGRAFO André Melo

e Caio Vasquez COORDENAÇÃO Ana Bravo MODELOS Caio Batestusso, Chrystyan Kishida,

Fernando Franchini, Leslie Ávila, Leticia de Carvalho, Luz Andrea Vásquez Mayorga,

Marcelo Rosenbaum e Ian Rosenbaum, Mirella Vieira, Patricia Barcelos,

Romina Vilar Linderman, Vinnie Pizzingrilli, Sergio Machado, Lili Tedde













BLOOM BRASIL
LUSCIOUS
ENGLISH
TRANSLATION

Page 01
LUSCIOUS

Succulent fat plants stand guard at the entrance to this garden of earthly delights; full of magnificent orchids, orchestrated with bustling hummingbirds and murmuring bumblebees hovering around. Exquisite flowers are growing wild, embracing lush floral trees like a necklace would a slender neck. They also appear on bits and pieces of adorable cloth, hardly clothing the sensual human frame. The grasses are waving in the breeze and attracting people of all sorts and colours to use them in rare and ornate artefacts, to cover roofs, floors and the body; the divine body with its piquant nudity and heavenly mass of hair that has become the trademark of Brazil, representing the roots of its culture.

Roots have been discovered and retrieved to give food local colour and energy. The prolific palm tree shares its heart with all of us, delivering unbelievable savoury dishes straight off the grill, inspiring improvised ways of cooking for our lush future. Distinctive music is obtained from the forest also, with drums and flutes and shamanic voices, that with ambrosial sweetness narrate the origin of the planet and the birth of man. Rare and opulent birds scant their own refrain, describing with loud fervour their mouth-watering environment. Nectarous fruits of all sorts and sizes are part of a daily ritual for appetizing lemonades and juices. The rainforest is known to host thousands of unknown plant species yet to be discovered for our health and pleasure. Rare golden monkeys can be seen as the icons of the golds found in this land: the rich oil, the sweet corn, the mellow pineapple, the syrupy honey and the rare metal itself, making this country a true land of milk and honey - now designing ice creams from it too.

Brazil is an inescapable destination, a destiny.

The flamboyant flowers that design the Brazilian landscape are embraced by palatable sea creatures that can be fished off the country's seven and a half thousand kilometres of coastline. The beauty and the beast are brought together to imagine the luscious land of Amazonia; the boldness of its colour, the brazenness of its form, the thrill of its sumptuous embrace. Killing me softly.

Page 04
WELCOME RITUALS

Abundance and celebration are captured by the garland, the hanging botanical decorations designed to spell a warm welcome, made to adorn a home or

a public space where people gather. These classical chaplets are crafted from shells, stones, nuts, fruits and flowers, since the garland assembles a massive amount of organic matter. Tied together on a string, they act like jewellery for the interior, which in turn become oversized necklaces as ornamentation for the beautiful people of Brazil.

The materials used for these celebration objects are humble and domestic; paper peppers, plastic flowers, wooden beads, dried gourds, found shells, colourful beads and multi-coloured textiles. Naive in nature and crafted by outsider artists, they are the beguiling witnesses of a humble and hospitable society.

The generosity of a country might be measured by its garlands, as it is by the openness of their people. Brazil is, in that sense, a remarkable country. Like no other, it assembles people just as people assemble a garland; stringing together a multitude of races and colours, a multiplication of ancestors that early on left their native lands in search for adventure and gold in luscious Brazil.

At first, one is almost dizzied by the variety of the ethnicities encountered, a human sampling that has no equal. It made me personally feel ill at ease, not understanding exactly why this nation is so different from all the other countries in the world I have experienced. Gradually, I understood the fact that no single race or colour is dominant gives visitors a feeling of disorientation; that all origins are equally-represented is something rare and utopian, making this the most integrated nation in the world. The most successful in creating opportunities for many, the most experienced in living together in relative peace. Once acknowledged, this fact gave me a feeling of emotion and extreme happiness; at last I have encountered a country where all people say and sing in one voice that they are proud to be Brazilian.

Thus paper white Germanic skin is set off by dark ebony African features, assembled with warm indigenous browns and yellow Asian tones. The Portuguese ancestors appear in darker complexions whereas the Italians have a sun-kissed halo. The Arabic matte beauty is joined by a Jewish translucent face in a meeting of spirits, embellishing this collection of carnations. They are presented here to welcome you to this book, pictured as magnified witnesses of their fatherland. Bem-vindo!

Page 18
INVERTED ISLANDS

It is common knowledge that the number of beings in nature is virtually endless. The more we seek new species, the more we realize that we are still far from discovering everything we would like, despite the extraordinary techniques that reveal unknown realms. Out of an estimated total of 3.5 million species inhabiting our planet, only some 1.5 million are classified. These figures reflect the dimension of our ignorance and are cause for alarm. In fact, this indicates that what we think we know about biodiversity is still very limited.

I would like to comment on the Bromeliaceae family, which to me are a real miracle, an extraordinary revelation. Curiosity prompted me to work as a landscape designer. Bromeliads are always an outstanding feature of special projects such as the Fazenda Vargem Grande of Clemente Gomes.

Bromeliads! Smooth or hairy, silvery or vividly coloured against the light... they recall human figures, inter-kingdom hybrids with pineapple-shaped heads, trimmed with dishevelled *Tillandsia usneoides*. Some bromeliads give us the impression that they were once sea anemones and jellyfish, or falling stars caught in the treetops, revealing in loving moments their secrets in multi-toned leaves, ensuring happier marriages.

Every time we travel through South America, and particularly in Brazil, we find huge bromeliads. Sandy coastal plains feature *Streptocalyx*, always so *floribundus*. And *Alcantarea imperialis*? Gone to the hills in search of steep escarpments. During the day they bask in the warmth of the rocks, bathed at night in the drowsy mists that rise from the sweat of the afternoon.

I never see bromeliads growing alone. They are always linked to animal life and even other plants. They are inverse islands, as they encircle water. Nurseries for larvae that swim in these grails, where frogs go to feed and snakes find the vital balance. Other bromeliads, as is well-known - is it not? - hold the water needed to slake the thirst of the *Philodendron leal-costae* when water runs short at certain times of the year. I have rarely seen a demonstration of such sincere friendship!

Fantastically well-adapted to its surroundings, this plant family manages to populate places that are at times extremely inhospitable. Its shapes are amazing. We find bromeliads in mangrove swamps almost touching the brackish water. As epiphytes they grow on remote branches, or they may cover the forest floor. Shaded by tall trees, they glow with the same incandescent light as the sunset and, like *Cryptanthus zonatus*, spread over the ground like shed snake skins.

Many bromeliads are covered with so many thorns that they are always on the defensive; they must have suffered greatly to act in this manner. Some like *Neoregelia pauciflora*, are joined together and seem to float in the air like a Calder mobile. The Indians had also discovered them. Their bromeliform headdresses crowned noble heads. Enchanted, painters Frans Post and Margaret Mee sought to portray them.

I must not forget the pineapple, king of fruits with both crown and throne, sweet with indigenous sap. All that remains is for genetic engineering to create new shapes and blend colours: cobalt blue would be much appreciated. But here, removed from Nature, the merit would be Man's. This world needs to be protected and safeguarded. Those who seek it out will thus be able to enjoy the beauty of the bromeliads. They will have access to the keys that open the doors to Infinity.

Page 26

ON DARWINISM, INCLUDING
THE MUTATION OF THE CANGA

The process by which organisms mutate over time as a result of modifications in physical and social behaviour traits, changes that allow an organism to adapt to and dress like its environment and will help it to survive in order to create a brand new fashion.

Darwinism is the concept of the transmutation of the species, the biological, social and cultural evolution of animal and man through means of natural selection and transformation. The mechanisms of variation, selection and reservation as organisms evolve and adapt to their environment by a repetitive process. An evolutionary algorithm that searches the variations of possible innovative forms and skins for the species that are most adapted.

Natural selection guides the evolutionary process, holding on to and adding up the beneficial mutations and rejecting the bad ones, somehow strangely prefiguring the mimetics of modern marketing, a skill meant to understand and prefigure the trial-and-error methods of change. After all natural selection can modify a species in small ways, causing populations to mutate colour over the course of several generations but it can also turn dinosaurs into birds, mammals into whales and apes into humans. Fashion can be seen as a similar erratic process that all of a sudden will jumpstart a new generation of goods, reinventing another way to dress.

This Darwinistic portfolio explores the different evolutionary stages from abstract life forms to fish and reptiles, from insects to birds to plants and minerals. These nature-inspired patterns are an evolution of prints for the canga, that inexpensive floating piece of cloth used to cover the body on the beach in multiple ways. This indigenous rectangle of textile has itself mutated over centuries from an archaic wraparound skirt shape to a sophisticated and sexy bareback dress. A target of loud and kitsch landscapes, sidewalk and floral prints, this humble length of cotton deserves to be upgraded and embellished. Oversized animal and mineral patterns have been created by **Bloom** to inspire a new generation of mimicry prints that could almost act like camouflage, mutated to espouse the gorgeous natural seascapes of Brazil.

Page 34
THE FOREST WITHIN

Drawing upon Brazil's Afro-indigenous identity - a complex yet celebrated social fabric imbued with layers of history in its warps and its wefts - the artist Rodrigo Bueno tries to disarm what the colonized eye calls exotic, building bridges of belonging through common experience. Bueno creates live environments made from vegetal elements and discarded or donated ingredients. His Ateliê Mata Adentro is named after the "inner forest" installation Bueno created several years ago in São Paulo; a lush overgrown world in the city's Lapa district. The studio

invites visitors to reconnect with their subconscious forest, "a portal for all the sensations."

In Móbilíia Tomada, Bueno's blossoming furniture series, the artist "plants" chairs and objects in observation of nature's ability to encapsulate us within a shared connectivity. "Every piece of wood lying wasted in the city's garbage containers holds an inner memory, a reflection of our own identity, a mirror of our relation to the planet and to the values that sustain us in such a fragile contemporality." Different plants from around Brazil take root: the sprawling shoots of Wandering Jew, the camouflaged foliage of Maranta, the grey-green fronds of Basket Ferns and the invasive weed of Vassoura de Bruxa. Blooming begonias and blotchy Polka Dot Plants mix alongside the spikey stalks of Aloe Vera. Each take over with an innocent vengeance, expressing the native merged with the migrant, the local with the universal. The decaying furniture is turned into an organic and breathing hybrid.

Bueno's art is very much a response to the urban jungle that surrounds him; São Paulo is an expansive metropolis of 20 million people, itself a juxtaposition of capitalism and poverty, of crime and culture, of sorrow and beauty. Looking within civilisation's cracks, the artist offers us a green lesson within the context of time, saying "We have to take a closer look at all these cracks in the city concrete, where the green of the small ferns pop out, especially here in this humid climate. This is hope of some inner life and provoking us all the time. It's letting us know that apart from our presence here in the last few thousand years, we had millions of years of global strength and resource. The natives still carry those secrets."

Page 40
RADICAL ROOTS

Roots are designed to anchor a towering tree's body to the ground and as locks, they are grown to anchor onto the spiritual dimension of hair. Both are entangled in representing a powerful sense of belonging.

Trees are like the warriors of nature who fight to keep a foothold in extreme conditions. Martial roots conquer the ground, avidly drawing nutrients and providing a base for the rich canopy of green leaves that process energy from light - bringing together two dynamic systems, connecting earth and sky. Just as **jata**, as dreadlocks are also known, connect the brain to a higher mental order, entertaining special relations with the spirits like an immortal traveller between two worlds. Therefore the roots of skull and tree bewitch people and offer a sense of mystery, able to take on mystical powers at the centre of the world's fascination.

Roots are intelligent and have a natural perception of their environment, including a haptic sense of light sources and physical obstacles. Whenever the environment of air, food and water are perfectly adept to meeting this organic architecture's ultimate needs, roots will spontaneously start growing in all directions, further anchoring the trunk, further nour-

ishing the tree. Roots are pretty powerful growing machines that can destroy foundations, snap water pipes and even lift sidewalks. Violently making their presence felt.

The tree can be seen as a witness of ritual happenings; to talk to and touch the trunk becomes a powerful experience from which we can draw spiritual powers. We are unable to grasp the complexity of our feelings and therefore bow to the superiority of the roots and trees towering over us.

One of the most significant associations of trees is their links to society. Trees are used as village centres under which to solve tribal problems and as places of gathering for worship and rituals. Several ethnic groups revere trees and use them to make representations of their gods. As totems, they become visible representations of unseen forces carved in wood, often representing the trees themselves.

A sense of belonging is something many people strive to achieve. The tree, with its firm base, symbolises that concept of roots, an on-going relationship with our surroundings. The canopy drawing energy from its environment is symbolic of our need to absorb our cultural heritage and embrace our evolution from times past. The drive to find a Darwinist link with our present is instinctive and represents our quest to find a reason for being on this earth.

Pagan religions worshiped the roots, associating them with longevity and fertility; this explains why some trees hold sacred positions, more as mythological deities rather than just as places to gather and celebrate. The compelling biblical tale of Samson and Delilah, in which a man's potency is directly linked to the dreadlocks on his head, describes how Samson's powerful strength vanished when Delilah had his seven locks cut. Thus the symbolic reading of roots and locks are similar, sharing beauty, texture and meaning.

Dreadlocks' roots go back in time thousands of years, when the deity Shiva and his ardent followers promised to never again cut or groom their hair. Ever since, many belief systems have incorporated a disregard for physical beauty and vanity into their spiritual path. Such seekers cease to cut and comb their hair and this is how, left to their own devices, the fibres naturally knot and felt together, forming dense and anarchistic tubular mats. In many cultures, these locks are sacred and considered to be a religious expression of disregard for the profane. In all the myths about flowing locks, there is an interplay between extreme asceticism and virile potency, which intimately links the elements of destruction and creation.

Most locks are internally formed and with different textures of hair, various methods are used to encourage their formation. Letting long hair flourish freely by not brushing will encourage it to tangle as it grows, leading to twisted and matted ropes of hair. Western and eastern traditions believe that mental and spiritual energies may leave the body behind through the top of the head. Therefore the tresses are knotted so the energies remain encapsulated within the system, keeping the mind strong and the body rooted.

Dreadlocks are often associated with the Rastafarian movement but many other groups have worn locks before, including the Hamitic people, Maasai warriors and Yoruba priests of Africa, the Semitic people of Asia, the Spartan warriors of Greece, the Sadhus of India, the Sufis of Turkey and the Fakirs of Pakistan. Aztec priests were described as wearing their hair untouched, allowing it to grow long and matted.

Named after the Dreads, an eclectic group from 1900’s Harlem that drew influences from the bible, tribal cultures and diverse Eastern religions and who “dreaded” the powers of God. Emulating the initial holy men, the Dreads grew matted locks of hair, which would become known to the world as dreadlocks. Thus the **jata** have become more than a religion; they are a manifesto for a way of life, an existence on the outskirts of society. Today they signify spiritual intent and are also a statement of non-violence, embracing solidarity amongst the less fortunate and oppressed minorities.

Integrating and interweaving, roots and dreads lead to a strong correlation of meaning and symbolism, where both entities teach us to root ourselves too: to anchor our body to the earth, paying homage to its nutrients, to elevate our mind to the sky, actively contributing to the world’s consciousness. Willing a better world. To search for our roots, which are themselves in upheaval in today’s seemingly careless global society. To root for each other also, organising society in circles and mental groupings that are able to nourish our hopes and visions for the future.

Page 50
FASHIONABLE FIBRES

The burgeoning use of natural materials for garments and interiors is reflective of consumers with a discerning eye for sustainability and ethically made and traded products. Cottage industries and artisan crafts are abloom. Woven wicker, grass and other organic ingredients have awoken a taste for drier tactileties and coarser materials. At the same time, different species of grass are flourishing in newly landscaped gardens, a horticultural trend that brings the savannah to the city or to the contemporary public park.

Brazil’s fibre weaving heritage is engrained in its culture, tracing back to its indigenous roots. Since time immemorial, dried leaves, grasses and malleable reeds have been used to create functional baskets for fishing, hunting and gathering as well as decorative ritual costumes. Each group uses different materials that are native to their diverse local environments in a variety of techniques.

Deforestation for farming and other destructive expansion has endangered many fibre species as much as it has threatened the survival of the tribes. An SOS for fibre, people and culture. In an effort to preserve woven crafts, some local governments protect the overharvesting and export of certain plants. Golden Grass (*Syngonanthus nitens*) is one such example, yielding a fine shiny fibre that resembles metallic thread. Native to Jalapão in the northern state of Tocantins, it was originally used by the Xerente

people and is embraced today by craft artisans. Palm leaves from the Buriti (*Mauritia flexuosa*) produce a silk-like material that is used for basketry and textiles. It is endemic to Brazil’s Cerrado plains in Goiás and Minas Gerais and even lends its name to Brasília’s governmental headquarters, the Palácio do Buriti.

Brazil has recently established itself as a centre for sustainable progress, notably influenced by Osklen, the country’s first truly global fashion retailer. Founded by Oskar Metsavaht, since 2000 the company’s E-Institute has researched and developed ecologically-correct fabrics that are adept for mass-production, including a canvas woven from natural fibres as part of a collaboration with Alpargatas, Brazil’s largest footwear manufacturer. The institute has also developed sustainable fish leathers, Amazonian latex and silk, organic cottons and recycled PET yarns.

These newly-advanced natural materials make it an exciting time for creative products. Guinea Grass, banana fibre and carnauba are braided into enticing multi-dimensional forms. Coconut fibre is intertwined into beautiful bloom stems, often in oversized proportions as a more generous welcoming gesture. Sisal is woven into modern mats to bring an aesthetic organic presence direct from the looms to our living rooms. Be it hanging as an admired artwork or sweeping up as a humble broom, fashionable fibres are becoming sustainable elements fit for the future of craft and design. A movement to watch and to be continued.

page 58
BRAZILIAN WOOD

When speaking of the legendary furniture company Móveis Cimo, designer Angélica Santi once said that it represents “one of the most significant landmarks between the heritage of handicrafts and the beginning of mass furniture production in Brazil.” Indeed, the country’s modernist design movement always remembered its artisanal roots and unique soul despite serial production, perhaps most of all through the crafting of fine Amazonian woods such as Dalbergia Nigra (Brazilian rosewood) and Imbuia (Brazilian walnut).

Since 1991, these woods have been protected under the Convention on International Trade in Endangered Species. For this reason, Studio Makkink & Bey chose to instead use ash or American walnut for the recent furniture collection they were commissioned to create by Pierre Bergé & Associés for the exhibition **Brazil Influence Meets Brazil Style**.¹

The Dutch studio reinterpreted five iconic chairs in a limited edition, referencing vintage pieces by the modernist masters Sérgio Rogrigues, Jorge Zalszupin and Carlo Hauner. Issued from the same nostalgia for Brazil’s tropicality, Makkink & Bey have recomposed and redesigned the chairs, distorting details into fragments of memory. They replace tanned leathers by using natural horse and cow hides while bent curves make way for haphazard slats and planks, inspired by the improvised rhythm of the country’s shantytown constructions.

Yet the process of redesign is challenging when having to dissect the nuances between Brazilian and European modernism. For example, the original Brazilian designs are lower on their legs by comparison, their volumes robust although more petite. Hence, Studio Makkink & Bey’s series is a controlled balancing act with subtleties in scale and dimension, a transformation of design history with international proportions for our times.

The Imbuia ‘Movel’ rocking chair produced by Móveis Cimo in 1942 is abstracted into contemporary favela chic. Seat panels and backings from 1962 become belt-like straps in hide, fixed together by hand-sewn leather to speak of the bespoke element so important today. 1973’s rosewood and tooled saddle ‘Kilin’ by Sérgio Rodrigues is decoded for the 21st century, still retaining the angled character of its legs, **en pointe** like a ballerina. And Jorge Zalszupin’s rosewood and leather sofa (c. 1965) is reborn as an expressive bench, shielded for privacy by a fence-like wooden screen. These architectonic incarnations are a materialisation of new ideas that still pay homage to their original DNA, embodying the very essence of Brazilian design.

Page 64
ORGANIC TENSION

Ernesto Neto, one of the most widely acclaimed names in Brazilian contemporary art, conquered the world tensioning ethereal forms of great visual – and emotional – impact

While you read these lines, all spotlights are on Ernesto Neto’s exhibition **The body that carries me**, at Guggenheim Museum Bilbao, before it possibly moves on to another museum in this wide world he conquered in almost 25 years of well paved road. Born in Rio de Janeiro in 1964, he is one the most expressive multimedia artists of his generation. Influenced by Lygia Clark (1920-1988) and her principles of interaction between public and art, he is also a sculptor, photographer and scenographer, among other related activities. Everything he does reverberates – from the stage design of singer Marisa Monte’s concert to a superdimensional installation in the Venice Biennale. It has been so since he won the Brasília Art Award at the Brazilian Art Museum in Brasília, at the beginning of the 90s. Since then, his curriculum has included expressive participations in fairs such as Arco, in Madrid, Art Basel, in Switzerland, and exhibitions in museums like MoMA, in New York. His work speaks for itself. His ethereal sculptures/installations, which almost sprout from the ceiling in a fluid effect, make use of flexible materials like nets, Lycra, cotton and polyamide fabrics tensioned by the filling of beads, lead balls, herbs, spices and others. These cocoons of intriguing plastic effect play with the limits of resistance, strength and balance. And go further by drawing sensual curves, exploring the relation with the body – Neto has described his art as a representation of the organism’s internal landscape.

Beyond definitions, he offers a hefty banquet of senses to the spectator, who feels absolutely

impacted – and embraced – by the artist’s creations, to the point of touching, smelling and embracing his works. The geometric abstraction and avant-garde input can even relate to neoconcretist artists such as Hélio Oiticia and Lygia Clark herself, but nobody can deny that Ernesto Neto is one of the most original artists of his time. With no wrappings.

Page 70
A CULINARY MANÍA

Contemporary gastronomy has embraced the collecting of regional ingredients to formulate the next chapter of the organic food movement. Locally-sourced produce, edible indigenous plants, line-caught fish and hunted wild game are just some of the important elements that are innovating the way we eat. Nouvelle Cuisine has made way for Forager Food to surprise us with miniature landscapes of unfamiliar foliage, sprinklings of exotic salts and spices, revived nomadic recipes and precisely choreographed experiences.

Nestled under twisting veranda vines in a quaint part of São Paulo, Helena Rizzo’s Maní is one such restaurant that is making waves in fine dining, redefining Brazilian cuisine by domesticating the forest and reinterpreting European classics. Originally from Porto Alegre, the young Rizzo abandoned her studies in architecture and a promising modelling career to move to São Paulo and focus on cooking, gaining experience alongside Neca Menna Barreto and later as head chef at the Na Mata Café. She then apprenticed in some of Europe’s best kitchens, including Sadler in Milan and El Celler de Can Rocca in Spain, before returning to Brazil and opening Maní in 2006 with her husband Daniel Redondo and their friends Giovanna Baggio, Fernanda Lima and Joao Paulo Diniz. Maní’s unpretentious setting and its hearty cooking have made it a mecca for foodies and professionals alike, so much so that is continually awarded as one of the Best 50 Restaurants in the World by Restaurant Magazine.

Maní is named after the fair-skinned baby goddess in Amazonian mythology from which the Manioc plant first sprouted. Legend has it that an ancient Tupy chief was so infuriated that his pregnant daughter’s refusal to reveal the true father of her child that he vowed to kill her; only to change his mind after a dream unveiled to him that the baby must live. After the child died at the age of one, her mother watered her grave – as was the customary ritual – only to find the first Manioc’s shoots spring from the earth. The plant went on to become the main staple of the indigenous diet, regarded as the very life force of the Amazonian people, the seed of its civilisation.

Manioc (*Manihot esculenta*), the tapioca root also known in English as Cassava or Yuca, is a woody shrub in the Euphorbiaceae family, believed to have been harvested by the first Brazilians for more than 10,000 years. Endemic to the south-west part of the country, in the 16th century it was exported by the Portuguese to Africa where it has been cultivated ever since. Manioc’s edible roots are gluten-free and

produce semolina-type flour from which a variety of foods are made. Rich in carbohydrates, manioc nourishes half a billion people globally, hence its title as the “bread of the tropics”. It has versatile culinary and medicinal uses and in Brazil it is also used in alcoholic beverages like Cauim and Tiquira.

Roots are very much a part of the Maní ethos. Reflecting international influences, Rizzo serves dishes such as Lapsang Souchong roast beef, guacamole bonbon with corn biscuit and foie gras with guava and Porto wine. The kitchen has also transformed the Waldorf salad by introducing apple jelly and celery sorbet.

Forager starters include Mandioquinha (baby cassavas) and Araruta gnocchi served in a Dashi of the yellow cassava sauce, Tucupi. There is also a cold soup of Jabuticaba (a fruit native to Minas Gerais), served with crayfish steamed in the eau de vie Cachaça, pickled cauliflower and Amburana nuts.

Traditional local dishes such as Feijoadas are reinvented afresh, made with pork feet carpaccio, corned beef, oranges and green cabbage. Rizzo’s signature salad includes Pupunha palm hearts, mango, passion fruit and celery, drizzled with smoked vegetable oil and Brazilian herbs.

For dessert, “Da lama ao caos” is an organic landscape that seems washed ashore from another land: sweet smoked aubergine, curdled goat milk, lime zest, orange tree flower jelly and pistachios with crispy shredded phyllo pastry and black sesame seed ice cream. Other delights include Açaí ice cream, served with banana, Guarana jelly, oatmeal, marshmallow and strawberry slush.

With all this texture and lightness, Rizzo expands the definition of modern Brazilian tastes one dish at a time. As Latin America’s most acclaimed female chef, she believes that the continent has an important and open future ahead, noting that “We have an astounding array of ingredients and as a people we tend to embrace rather than reject.”

Page76
UNIQUE LIFESTYLE

“We are like white-lipped peccaries. All together”. In **pano** language, Yawanawá means **white-lipped peccary people**. Taking the white-lipped peccary as a symbol, the present speech of the Yawanawá Indians, a tribe living deep in Amazonia, reaffirms the group’s unity and stable relationship with their territory. Three remote villages – Nova Esperança, Mutum and Escondido – sprawled along the banks of Gregorio River, sufficiently distant from one another.

The Yawanawá community includes members of related groups such as the Shawādawa (Arara), Iskunawa, Rununawa, Sainawa and Katukina, whose affinities are made either through marriage arrangements or the kidnapping of women. Founded in 1992, Nova Esperança is the most important village, where the great chief lives in a very humble house built with wood and thatch.

But the Yawanawá people have not always lived in this region. The first contact between Indians

and white people occurred half a century ago. The encounters were violent and quick, provoking many families to migrate. White people brought illnesses, such as influenza and measles, which decimated a great part of the indigenous population. And the missionaries, who forcefully imposed Christian habits and customs upon the Indians, forbidding rituals, dances and shamanism; then came the tappers, who invaded the Yawanawá lands to bleed the rubber trees and extract their valuable latex.

The Indians lived under the white people’s rules until the 1980s, when young tribal leaders, the Federal Government and Funai (**National Indian Foundation**) managed to demarcate the **River Gregorio Indigenous Land** and limit their territory. White people and missionaries left, not to be missed. And gradually the Yawanawá people began redeeming their ancient habits preserved in the memory of the elders, without isolating themselves from the reality of the outside world.

The majority of the younger Indians speak Portuguese and a few also speak **Pano**, the Yawanawá language, while the older ones only communicate in **Pano**. Together, youth and elders redeem ancient customs such as hunting during high season, when the larger animals come out, and fishing during the dry season, when it is possible to bring the fish to the river’s surface using natural poison and then easily removing them. They went back to planting maize, manioc, banana, rice, sweet potato and fruit such as papaya and pineapple. A contract with a North American cosmetic company led them to plant **urucum** and crabwood, bringing the tribe money and autonomy. They began redeeming handicraft, the production of war weapons such as spears, bows, **bordunas** (indigenous cudgel) and daggers, and furniture made with wood from dead trees, an activity exclusively done by men. Women are responsible for ceramics, basketry and the painting of objects and faces and bodies for the **Mariri** festival, when the Indians dress in **buriti** straw skirts, **Guadua** bamboo or feather headdresses and decorated bracelets, dancing all night.

Extremely joyful, the Yawanawá people turn any activity into a festivity, with the participation of the whole community. For example, the **sati** (meaning yell in the Yawanawea language) and the **mariri** are basically the same festival, celebrated at night with dancing and playful and malicious singing, and when adult men usually drink **ayahuasca**. The **caçuma** festival, called **um aki**, usually goes on for days, with many games, the intake and vomiting of **caçuma**, war staging, singing and dancing. During the games, men and women fight for pieces of fruit or imitate animals. The curious thing about the events is that kinship is respected, with each participant playing with cousins and in-laws from the opposite gender.

Shamanism is still practiced, especially for healing, with singing, blowing and prayers such as **shuãka**. A diagnosis is done based on the patient’s dreams and during the sessions the **xinaya** (preacher) drinks **ayahuasca** and prays over a jar of **caçuma** (manioc fermented with women’s saliva). Contrary to popular

belief, the spontaneous cultural redemption of the Yawanawá Indians has not taken them back to the past, yet keeps both present and future doors open to the 21st century.

Page 82
HOME SAINT

Free from market attachments and academic dog-mas, Alex Cervený conquered for himself a place in the sun with liberating pigments and faith in artisanal techniques

The references are almost as infinite as the horizons he paints. Inspired by mythology, by cities, by mass culture, by religious syncretism, by the circus universe, by nature and by others, Alex Cervený be-lieves in libertarian art that seeks to dialogue directly with the spectator, in ludic canvases that depict an intimate universe of great visual appeal – how can one resist the innocence of limber jugglers that interact with animals, saints, trees and surreal elements painted by him with incredible poetic delicacy? “What I consider to be most representative in my art is the type of drawing revealed by everyday life, the scribbles that capture the moment and ideas that will later evolve into bigger works”.

Perhaps because of this unusual trace in draw-ings, paintings, prints and sculptures, his art has spilled out of gallery walls towards mass commu-nication: for more than a decade, he worked as an illustrator for one of the most popular columns (by journalist Barbara Gancia) in Brazil’s main newspaper, *Folha de São Paulo*.

Born in 1963 in São Paulo city, he credits the quality and acceptance of his production to the rupture with conventional stratification. “When I started to work as an artist, I used to like the Vienna Secession slogan ‘*Der Zeit Ihre Kunst. Der Kunst Ihre Freiheit*’ (To every age its art, to every art its freedom). But nowadays, *Freiheit* (Freedom) is what really matters”, he says, showing enthusiasm. “To adjust artistic pro-duction to my own age is tiring and unlikely because my age has acquired an absurd rhythm. So, it is enough to adjust it to myself. I was self-taught, totally out of the academic environment. I became an artist through interaction and practice, observing, research-ing and experimenting with the procedures on my own. Another important factor in my process is the pleasure I seek in my artistic production. All means that interest me are related to manual creation.”

The daily exercise has yielded results since the first world individual exhibitions, in Freiburg (Germany), in the 80s. Then came Paris, New York, Arnhem (Netherlands) and participations in Biennales. Ultimately, the world that he paints with no concerns about labels, faith or frontiers.

Page 86
MANIFESTO

I first visited the village of Nova Esperança, invited by photographer Marcos Lopes, in October 2012 during the YAWA festival. A celebration where the

Yawanawá Indians paint their bodies, dance, sing and play. The Yawanawá Indians are generous people, will-ing to share all that is sacred to them and their grand cultural wealth.

The Brazilians’ alienation in relation to indigenous culture motivated me to plunge into the universe of these people living in the farther reaches of the forest in order to show the world, in all its dimension and in the most clear and true manner, the Yawanawá culture not as something exotic, but as one of the creative Brazilian economy’s possibilities.

It was with this intention that AGT, We Can Transform, started to work with the Yawanawá Indians, redeeming their ancestral art knowledge – ceramic, drawing, wooden weapons, basketry – in the hands of the elderly. However, nowadays there is the effort and desire to transmit the knowledge to younger generations – and their desire to learn. Together, we created objects that emerge as denun-ciation and propose a new type of relation with making, producing and consuming. The lamps now take on the role of messengers that sing like the macaws, transmitting hope for a more humane future. The function of these objects is to communicate and open paths for a systematic movement of activity based on the stories passed down from grandfather to father, from father to son, as in the oral tradition of the indigenous people: The only possibility of perpetuity for a culture as a WHOLE.

Page 94
SURREAL BRAZILIANESS

In an allegory that rhymes surrealism with tropicalism, several **tableaux vivants** are created in small oases in the middle of the hustle and bustle of Ceagesp, the fruit and vegetable market in São Paulo, the largest metropolis of the southern hemisphere. The sets are created with clothes that openly express the Brazilianess of fashion designers Capetto and Ronaldo Fraga, both trailblazers of a new kind of regional fashion design that doesn’t want to imitate but wants to inititate.

These elegant indigeneous fashions are imbedded in the country’s cultures and its beliefs, inspired by its multiple religions and rituals. As ambassadors of the motherland these creations are clothing the world of fashion in snippets of heritage and tradition with the use of unpolished found materials, in the embellishments with wood, bamboo, bones and weeds. In a game of illusion and movement between the real and the unreal, the natural and cultural worlds transform the clothes into metaphor and metamorphosis.

Page 100

AN ARTISAN STILL LIFE

Until the arrival of the Portuguese Royal Family in 1808, fleeing Napoleon, a long closure period was imposed on Brazil by Portugal. This isolation period seems to have developed an inventive sense in the inhabitants that allowed them to manually produce

the objects, tools and equipment necessary for survival. The development of Brazilian handicraft originates from this ingenuity.

The Indians from the northeast were skilful with plant fibres, feather art and body painting, and pro-duced beautiful clay utensils. The Africans, who up to the middle of the 19th century formed the majority of the population, were unrivalled in woodcrafts.

A mixed Brazilian identity was formed from this cultural hotpot, distinguished by its originality and diversity, with nuances of sensuality, tolerance, spiritualism and love for festivities.

The Rosenbaum Collection assembles an expressive facet of this national creativity, and has been gradually augmented through research and discoveries.

Lots of **ex-votos** were inherited from popular Portuguese Catholicism. **Ex-votos**, a Latin word that means “proceeding from the vow”, are religious objects. Still abundant in the northeast of Brazil, they are placed in churches by the devotees of specific saints. Generally made of wood, they are crafted by artisans, artists or even the devotee him- or herself, given in fulfilment of a wish or in gratitude for a favour: the restoration of health, the improvement of life or the removal of a threat.

Brazilian Indians make wooden benches of unparalleled beauty. Some are so extraordinary that it would be appropriate to call them functional art, instead of handicraft.

Page 104
DESIGN IN PROGRESS

Marcio Kogan As an architect he is used to the chaos of building sites and draws inspiration from it to improvise seating for the builders to have a quick lunch or a cigarette siesta. As robust as the builders the tables and chairs have actually been used dur-ing the building process. From the dynamics of the construction sites Marcio Kogan started to design furniture by re-using wasted industrial scraps. These constructivist pieces have a hands-on character that can be considered as urban craft.

Hugo França The sculptural furniture of Hugo França is opulent and organic at once somehow visually explaining their innate Brazilian nature. These monumental artistic pieces are not just culture but also a robust manifest against deforestation and the abuse of wood in general. His concern is not to waste wood but to reuse the wonderful living material taken from debris of forestall and urban debris, somehow reincarnating the tree in its finalized form, guided by the growing principle. Gently sculpting with a minimal intervention, listening to the tree.

Rodrigo Edelstein He comes from a family that produces filter materials; at first he decided to join the family business but recently he has started to learn new ways of using these semi-transparent mate-rials, becoming an emerging designer in his own right. He was brought up with the culture of recycling and therefore Rodrigo Edelstein collects discarded metal lockers and classical wooden Thonet chairs to update

and embellish with leftovers from the production process of his parents’ company.

Zanine His roots are modern – born from a famous designer (Jose Zanine Caldas) and taught by another illustrious master (Sergio Rodrigues) – and he naturally continues the organic modernist-Brazil-ian design language. He has absorbed his upbringing while becoming a gifted designer himself, deciding early on not only to design but also to produce and distribute his own massive monumental works. The robust presence of his creations creates a climate of trust and serenity.

Paula Juschem She comes from the south of Brazil and became an accomplished illustrator using the naive popular language from outsider art native to her region. Paula Juchem travelled to Europe where she met her husband, became a mother and managed to translate her drawings in ceramics, using her expression on tabletop and tiles. Famous for her unbridled imagery, she now continues to illustrate in three dimensions with vases turned in her studio back in Brazil.

SuperLimão An eclectic body of work is defined by the architects and designers from SuperLimão, a studio consisting of four men and a dog. Their work is thrown together, using local materials and existing features to be transformed and given new function. Their main handwriting is in the façades of their pro-jects, exploring daring new skins. The humour they display through an improvised aesthetic shows that, for them, design is like playing with toys. Contagious!

Carol Gay She is young and talented; a child of her time and country that loves to investigate the use of existing materials that she polishes as if they are precious. She uses tape, hosepipe, funnels and the inner tubes of tyres. The rubber material links back to its Brazilian heritage and represents her organic obsession in design. Carol Gray sees her work as a form of archaeology, rekindling the memory of an object by giving it new meaning.

Leo Capote He likes to change the utility of an object, transforming its function like Duchamp trans-formed meaning. Everyday items inspire him since he was a baby born to a family that runs a hardware store, also a place where the Campana brothers like to hunt for new materials. They invited young Leo Capote to become one of their disciples and so he has turned into the accomplished designer he is today. His unique work is based on the art of assembling, bringing small parts together as a whole.

Rodrigo Almeida The idea of recycling matter runs deep in the Brazilian psyche, reflected by the assemblage aesthetic found in the favelas’ make-do mentality. He employs materials with new processes, folding technical textiles into form, braiding ropes into objects and painting wood into totems. Rodrigo Almeida turns this obsession into a new art form: no longer recycling but reincarnating materials, giving found matter a new life and new meaning; a spiritual component imbedded in the process.

Bruno Freire His lamps, tables and chairs look and behave like spiders, giving these objects a strangely familiar feeling. Bruno Freire designs ana-

tomical artefacts that might just decide to walk out of the room by themselves. The tantalizing creatures are manufactured with articulation in their joints that permits them to modify their posture. Oficina Polvo, as the studio is called, speaks volumes of his research in organic living organisms and the multiplication of modular objects.

Carlos Motta As a former cabinetmaker, he is a craftsman that continues modernist heritage. As a surfer he is concerned with the Brazilian environment and his designs are therefore evident forms of stark simplicity. His study of Finnish furniture making taught him how to mould wood, lending organic quali-ties to his otherwise robust monumental forms. Carlos Motta deeply cares for the planet and for others, sharing profits with everybody involved and making use of raw materials from renewable sources.

.ovo Just like the story of the chicken and the egg, what comes first and what follows: functional construction or the conceptual core? Studio Ovo has a history of crossbreeding design, hiding surprises within the construct, making the pieces go-with-the flow. Poufs, shelves and couches are malleable and transformable nomadic pieces to be taken on the road. Ovo scrambles their references into an amal-gam of materials like steel, iron, wood and textiles. Playing a game of hide and seek.

Page 116
HAPPINESS IS THE LONGING FOR REPETITION

An apple a day keeps the doctor away and helps people sustain their energy. The recurrent apple is a guarantee for a healthier life and an energetic existence. The apple that each day is picked, stored, transported and displayed at the market is a bankable unit of food and pleasure, the mouth-watering peeling ritual a fundamental repeat to be reckoned with.

The market is an ancient place at which to do business and exchangein goods, trade foods and barter services, a place that is built up from scratch at dawn and dismantled again to leave the market square echoing and empty at night, ready to host a dance or to improvise a demonstration. Each morn-ing, the same sounds emerge from the semi-dark city centre with the wood poles being unloaded, the iron hooks being fastened, the canvas unrolled and stretched, the human voices telling jokes to wake up their lazy brains and slowly embrace the day ahead. Rhubarb, rhubarb, rhubarb, everyday the same day, everyday working for peanuts, everyday with a smile because this is the rehearsal of what life is all about.

Hot chocolate and coffees are served, helping early birds to get ready for the day, while they are busy piling up their stands with a rhythm of fruits and nuts, grains, corn and vegetables. The towering constructions of watermelons and pineapples are a feast for the eye and a recurrent enticement for the mothers and fathers doing their daily shopping. The reproduction of these overpowering visual attractions is what defines the market; an exact

replication of the generosity of the harvest, the abundance of the gifts from the earth. The repeti-tive patterns are loud and almost psychedelic, a kaleidoscope of colours and images that make your head spin and your stomach rumble. After all, eating is an agricultural act and a way to pay homage to the land, the labour and the love the people involved bestow upon it. We are all like peas in the same pod as far as food is concerned, snugly gathered at a long dinner table celebrating these goods from nature.

People go bananas over the pretty stalls that are lined up like soldiers in a gentle war for our attention; like cherry-pickers, we layer green merchandise into our baskets and shopping bags, carefully selecting palm harts and asparagus, comparing apples with oranges once and again.

As cool as cucumbers, the merchants are gently smiling, trying to convince their customers of the freshness and greatness of their wares, dangling a carrot before their discerning noses. Their staccato voices are hooting in a choir of passion for their goods. In unison they seem to chant: “why so glum, sugar plum?” Their skill of praising the produce from the land is handed down from father to son to grand-son, another linear form of repetition, the family united like garlic on a string.

I personally don’t give a fig about bell peppers but must admit that their almost human curvaceous forms are awe-inspiring. Just like the reflection of the exuberant environment around them, mirrored in the fiery red of their shiny leather-like skins. You must be nuts if unable to grasp the true beauty of these fruits and vegetables, since they are sometimes displayed in almost indecent, opulent and erotic ways.

Visitors will come each day to purchase fresh products to present to their loved ones at home, another repetitive task that is the best moment of the day. Flip-flop – a walk, a drink, a talk, or an in depth discussion about the quality of the spring on-ions. Flip-flop – a walk, a drink, a talk and yet another diligent discussion about the autumn grapes. After all, food is very much a hot potato today. Often nuttier than a fruitcake, the buyers will feel and smell and pommel the merchandise to secure the best and rip-est specimens, in order to stay in their salad days as long as they can, hoarding nuts and berries and other anti-oxidants to guarantee the survival of the fittest (and healthiest).

Yet while concerned with health issues, there is one domain that escapes all reason, where everything is peaches and cream when it comes to embracing sweet, overripe fruits and ice creams and patisseries. If you cannot allow a dessert from time to time you must be a pea-brained person. Sugar is vital to keep the family tradition in place, indulging in undulated happiness as a daily regi-men. Might you use your melon for a split second, you would argue and understand that life itself is a bowl of cherries and needs to be celebrated with joyful dignity. After all when life gives you lemons, make lemonade.

Page 128

TO SHAKE THINGS UP

Sometimes a figure of human imagination, sometimes an explanation. Other times wishful thinking or even the truth. The giant.

Nothing is ever what it seems. Not even a huge giant who is merely that, a creature of more than ordinary size. Charismatic giant dolls exert a grand fascination amongst carnival-goers. One wonders why the giant dolls – measuring up to four metres in height – are so gigantic?

Giants, once upon a time prehistoric creatures associated with chaos and wild nature, have constantly been in conflict with the ruling gods. In mythology the giants are troublemakers, stirring up the heavens and the earth. Fulfilling the indispensable part of the antagonist, since without an adversary, the role of the ally is quickly erased and stories turn into nothingness. Remember Goliath as the giant warrior being defeated by the young David, the purpose of the story identifying the little one as the true future king of Israel. In Hinduism’s great epic literature, the **ramayana**, the main opponent, has giant blood in his veins and a brother as tall as a mountain! Thus, giants are actually measuring tools, giving simple humans outsized character qualities.

Giants have been present since the beginning of time. **Gigantes** were the children of the sky Uranus and the earth Gaia, notably known for their great strength and aggression. But the Olympian gods fought the giants, and they were killed and buried beneath the earth, also explaining the phenomena of volcanic activity and earthquakes. Forever present even after death, with an evident function – to shake things up. Mythology and legends also tell us about the giant as a historically large human, possibly illuminating how civilisations could build gigantic buildings, pre-empting the construction of skyscrapers. Folkloric tales from across the European continent also argue that giants had to exist, since what else could explain the large stone walls and monuments that we now know are the remnants of Roman constructions...

Somehow in the constant movement of time, the giant’s reputation went from bad to worse, more and more often seen as a monster. A stupid, violent monster. Eating humans, especially children. (What a harsh excuse to make your children brush their teeth...). Yet as society became more complex, these creatures of prodigious size also started to be appreciated as intelligent and friendly, with gods and giants not being able to resist each other, even creating bonds through marriages. Specimens of extraordinary size, manifesting a magnified version of humans. Blatantly exemplifying the good and the bad within. Reminding humans that chaos theory makes an attractive balance. Even love.

Folkloric stories turned into fairy tales and giants became chuckling mountains, dressed in green pine trees, or as huge old-looking creatures with oversized noses and sparkling jewellery in precious stones and metals. The capricious giant Rūbezahl lived in Giant

Mountains, which now forms part of the Czech-Polish border. He is or was a mountain spirit with magical powers, first heard of five hundred years ago. If one was good to him, he was friendly too, yet if one disdained him, his revenge would be relentless. A character known to be both roguish and respectable, stubborn and flexible; also showing that opposites attract as an important law of nature. Like the yin and the yang, the giant proves it all.

South America is no exception to these stories about giants. Misunderstood and naïve, they are gold-loving and kidnap children as play mates. There are numerous tales about how bravery will gain the fine friendship of a giant, if the giant does not feast upon you first! The nature of myths, legends and fairy tales is always to be allegorical, narrating the human state of the world. Giants have been offering comfort and explanation. As an antagonist, or simply as a reflection of the contradictory human psyche. There are even some archaeologists that claim to have found evidence of giant fossils... Bear in mind that living on a big foot was never a negative verdict, rather the opposite. Suggesting that living large means living to the fullest, embracing the highs and the lows; whatever the hegemony.

The giant still exists among us. As giant dolls in different Latin festivals and others all over the world. From Catalonia to New Orleans and from India to Brazil, dating back to the 15th and 16th centuries. Depicting archetypes from town, more often human-like rather than a fantasy figure; a tradition born in Catholicism with the making of immense saints for religious processions. According to stories told by one priest, the statues first arrived in Belém do São Francisco and in 1919, the first giant doll, Zé Pereira, walked down a slope in Olinda, soon to be accompanied by his beautiful lover Vitalina. After that, others came, such as the well-known Midnight Man (he fronts the parade), the Midday Woman, the Afternoon Boy and others that command the carnival streets.

The **bonecos gigantes** are a reminder of all things human. Indifferent, whether the dolls are accurately decorated according to tradition or dressed by famous fashion designers of today. One contemplates how the dolls’ largeness helps enhance traits and persona, making them tangible. Standing steadily on the ground with big feet, reaching tall toward the skies. It is intriguing how, even today, these large figures fascinate and scare us at the same time. Definitely here to shake things up.

Page 136

BEACHWEAR BOTANICAL

Beach culture stretches right across Brazil, a holiday-everyday lifestyle as far-reaching as the country’s 7,491-kilometre coastline. The omnipresence of a lively current makes surfing a national pastime, from Rio Grande do Sul to Amapà in the north. **Surfistas** with long hair, tattoos and sun-kissed freckles ride waves year-round, while others have popularised kite-surfing, capoeira and volleyball on the sand.

Young and old spend their days at the beaches, a multi-coloured panorama of umbrellas, towels and swimwear representing the diverse people that make Brazil so unique. Shirtless skateboarders and back-packed bikers skim along the oceanfront in Rio de Janeiro and fitness enthusiasts refine their physiques at beachside gyms. Attractive waifs with wavy locks are admired in their strategically placed triangle bikinis, accessorised with flip-flops and shades.

In Rio de Janeiro, an exciting swell of fashion brands are making waves around the world, as buoyant as Roberto Burle Marx’s mosaic that paves the Copacabana shore. Influenced by the coast’s distinctive sun-blessed light, garments and accessories are brightly-patterned, with hibiscus, amaryllis and trumpet flowers just some of the vibrant motifs decorating the botanical bikinis, board shorts and bloomers that have become a major trend.

Native flowers are abloom in prints, mixing bougainvillea, frangipani and anthuriums with red jasmine, passion flowers and orchids too. Dyed in the intensity of fruit and petal colours, shirts and blouses are unbuttoned while turbans and kerchiefs are tied, using coral, seaweed and stone to imagine new organic jewellery. With the world’s burgeoning interest in **Carioca** style set to flourish, this tropical tide will continue to influence international fashions for the summers to come.

Page 148

ORCHIDS

Orchids, bromeliads, flowers, exotic birds and the dense Brazilian forest filled the imagination of 19th century artists from around the world that, facing months of sea travel in precarious conditions, spared no efforts to take a closer look at what they only knew through reports and botanical illustrations. The American painter Martin Johnson Heade was one of them, as were Rugendas and Hércules Florence. A member of the Hudson River School, Heade was impressed with what he found, and portrayed the light and colours of the country’s exuberant fauna and flora with impeccable brush strokes. Infatuated with hummingbirds, the motive of his travels, Heade surrendered to Brazil’s exuberant nature and created works of art of impressive and timeless beauty.

Page 148

ENCHANTED GARDEN

She is a woman like many others. Simple, tanned by the sun of Redondas Beach in Ceará, and hardened by the tough daily life of a small fishing village that subsists on lobster fishing. Considered exotic by the community, this native anonymous artist made a work of art out of her house. With an artist’s soul, armed with paint and brushes, she transformed the walls into a big canvas, where she printed a snippet from nature; as if, in the event of it taking possession of the landscape, it could redeem paradise lost, creating an enchanted garden for everyone.

Page 152

PENELOPE:
ON UNRAVELLING TIME

On the opposite side of the loom, the threads run wild, a matrix of blood red yarns envelops the exterior gardens, confounding our perception of space and time. Merging the religious with the architectural and the enigmatic, the artist is deeply interested in abstracting narration. She conceals as much as she reveals, representing complex legends with elaborate textile creations. This exhibition by Tatiana Blass is again a storied installation.

Borrowing its name from Greek mythology, from Homer’s Odyssey, the story of the chaste Penelope is a tribute to the power of love and the praxis of weaving. For twenty years, Penelope kept her suitors at bay while weaving and undoing, weaving and unraveling a shroud to avoid being married by her father to another man, waiting for her lover and husband Odysseus to return from war.

Built to adorn the Morumbi Chapel in a luscious part of São Paulo, Blass displays a large pedal-loom at the altar and attached an intricately woven, giant red carpet that extended to the courtyard. The colour red is chosen to signify both power and nobility, as recounted in the famous legend.

Blass’ installation aims to connect the internal and external worlds of belief through a web of tangled wool by which it is unclear whether the carpet is in the process of being woven or being unravelled. A mystery never revealed, as goes the tale of Penelope.

Page 154

MULTISENSORY IMMERSION

When words need to be spoken out loud, a country’s story can be very well told by its people. However, if not a sound is to be heard, let its nature speak for itself. In this way, each of the senses needed to capture life spread as wide as your eyes. The smell of rain; the movement of wind; the touch of mud. The live colours that get along with one another and the others that can only exist in contrast.

Sometimes the communication between such elements of nature does not happen by mere chance. And this is where human nature comes to express itself inspired by its surroundings. It comes not only to work together but to serve, to nurture the land and share. To nurture nature.

Just like a seed, an idea born in the late 1980s grew strong and has branched out to become one of Brazil’s greatest botanical sites, as well as one to hold and showcase some of the finest collections of contemporary art: Instituto Inhotim, founded by Bernado de Mello Paz.

Officially, the centre was opened to the public in 2006 when its infrastructure of services was created, but the inauguration of the project took place in 2004 through a large-scale event where the most important people from the art world were present.

It was pretty much like going to bed with a dream and waking up with a project! A project that combined nature and culture; a perfect mix of landscape design and contemporary art. Beautiful gardens showing the true colours of Brazil through its trees, flowers, birds and butterflies. Plant species that were introduced to Bernardo by his friend Roberto Burle Max (1919-1994) – the famous painter and landscape designer who first influenced the design of the gardens around Inhotim.

Inhotim is located in the district of Brumadinho in the state of Minas Gerais, 60 kilometres from the capital Belo Horizonte; its name is derived from the place where the cultural centre is located. Inhotim used to be a small village where people farmed the land, completely isolated from civilization. Bernardo started buying the land at Inhotim in the mid-1980s with the idea of building a weekend country house where he could place his modern art collection. Ten years later, influenced by many contemporary artists and friends, he changed the focus of his collection and started paying close attention to the contemporary art scene. Under the advice of Tunga – a famous Brazilian artist, renowned also internationally – Bernardo started collecting works from the 1960’s to the present. This turning point led to the creation of a new place, a new institution, a new Inhotim!

Far beyond conventional contemporary museums, Inhotim is an open-air museum, which offers artists the opportunity to create and produce works of large scale and complexity. A true spatial relationship between art, architecture and nature, presenting artists with unique conditions of inspiration!

Esteemed international artists are very well represented at Inhotim from Adriana Varejão to Matthew Barney, passing by Jorge Prado, Olafur Eliasson, Paul McCarthy, Chris Burden and Doris Salcedo, among many others. At present, more than 200 artists are part of the museum’s collection. Pavilions and sculptures are very well placed in an area of approximately 4 million square metres, with gardens filled with a variety of plants and flowers. An area that embraces one of the largest botanical collections in the world with tropical species and forest reserves which are part of the Atlantic Forest Biome.

All this is Inhotim, a place which invites the public to have a unique experience; a place of multisensory immersion in the contemporary art world!

Page 164

CAMPANA CULTURE

When five hundred meters of bright red rope are wound like **tagliolini** around a metal structure, one ponders whether the object before us is in fact a sculpture or a meticulous display of artisan craft—it is however a chair.

Hundreds of wooden chips that look like off-cuts and discarded planks from a lumber workshop are a domestic installation resembling a futuristic sketch – it is however a house.

Ninety meters of upholstered fabric that twist like a giant serpent into a new form may seem to originate from a kindergarten, an undiscovered

jungle, or indeed another planet—it is however a couch.

Multiple inexpensive sheets of plastic are rolled tightly together into a delicious multi-coloured giant sushi—it is however a table.

This is design and it comes from the world of Campana, a place where chaotic creativity is distilled into potent and explosive creations that have animated the design scene over the past decades in the same way that the Campana brothers themselves have ignited seminars, exhibitions and workshops with their gregarious Latin energy and sense of humour.

The work of Fernando and Humberto Campana speaks an international language of transformation and reinvention, of pluralism and hybridization. Although the brothers travel profusely, it is their native Brazil that enkindles their unique ideas with concepts, prototypes and editions developed in their laboratory and studio in São Paulo, a city that is a spectacular collage of juxtaposed extremes, an accumulation of urban by-products as numerous as they are violent, colourful, boisterous and engaging.

Yet it is important to know that the boys grew up in the countryside, where a barefoot Humberto built rock pools by hand and Fernando discovered his innate talent for architecture when constructing tree houses. The neighbouring forest floor stimulated a wealth of imagination for the children; a sense of imagination still present in their current and at times naïve approach to form. The foreign movies they grew up watching in the 1960s and 70s were eye-opening windows to the world. Fernando once dreamed of becoming an astronaut while Humberto’s attachment to the indigenous population was embedded in his heart early on. Such childhood differences between the brothers light-heartedly illustrate a recipe of contrasts inherent to their philosophy; in this case, a merging of techno and ethno and later the fusion of technology and craft, the tension between order and chaos, the measured application of form and colour and the embracing of the natural as well as the synthetic. It’s not surprising that their resulting body of work is concerned with defining the transient space between city and country, where the frontiers between urban and rural are becoming blurred, resulting in a greener and slower city and a wired and contemporary countryside.

The two brothers decided to become designers at a time of rapturous change in Brazil; the delayed arrival of post-modernism in a post-dictatorship country on the eve of a post-minimalist decade, a moment of abolishment mirroring the end of communism and the deconstruction of clothes explored by avant-garde Japanese and Belgian fashion designers. While business and expansion in Brazil were not concerned with preserving local flavour or a folkloric identity, the Campanas caught wind of the growing of an ecological movement and the emerging arts and crafts revival that reacted to the information revolution. The more virtual the world was becoming, the more tactile it would have to be. Consumers of the future would be interested not only in industrial objects, but also by handmade ones, and designers were

starting to investigate how serial production could be rendered unique at the same time.

The birth of autonomous form became a new discipline in design. Craft has since positioned itself to become one of the major movements of the future. Fear of a boring global market and the virtualization of society inspires designers like the Campanas to offer work that is linked to the important humanization of the making process. Craft is able to speak of personalization, collaboration, the sharing of ideas and the return of production to our doorstep, through flourishing cottage industries and local workshops. This mantra has been taken on by the Campanas who in turn influenced many other young Brazilian designers that consider them as masters, and like them, they too have set up shop to design, produce and distribute their own pieces. This practice promotes the survival of endangered handicrafts that have been passed on for centuries among generations; conceived for evermore educated consumers that will soon expect that sustainable ideologies are invisibly ingrained into production processes.

The Campanas started to work together long before other siblings, twins, couples and groups teamed up in the recent mood for collective creation. A prophetic brotherhood that heralds the comeback of family values and the power of the individual within the context of a group. Their working together seems effortless; they actually finish each other's sentences in the same way they complete each other's ideas in a fusion of thoughts. Although they become one in work and word they are distinctly different and complementary, each bringing valuable assets to their studio and creative development. Theirs is a distinctly contemporary creative process.

Design in the future will be universal as well as individual; the local will feed back to the global and will animate world brands to become fervently interactive and reactive. As the unofficial ambassadors of Brazil, the Campanas have continually embodied this movement, working with artisan specialists to bring hand-made techniques with Brazilian charm to products exported and produced around the planet. The brothers speak passionately about these experiences, acknowledging a communal sense of creation and the improvised and emotional freedom that these collaborations bring to their work. This relinquishing of the designer's ego that is typical of their open mentality is the beginning of a new phase for design. Others will follow.

Perhaps it was this visionary sense of freedom that curator Paola Antonelli sensed when she invited the young and relatively unknown Campanas to exhibit together with design master Ingo Maurer. This sizzling coupling of creative forces at MoMA's 1988 exhibition demonstrated how the designers shared the use of innovative or unconventional materials and optimistic wit. The show was an important introduction of the brothers' work to an international audience. And it was this improvised sense of fantasy that Edra's art director Massimo Morozzi recognized when he picked up the phone to call the Campanas about their work, before embarking on a courageous

commitment to represent their talent; taking huge commercial risks at each step and requiring dedicated production programmes that had to be designed from scratch. And the Campanas use of glamorous materials such as plush velvet, polished mirror, golden rope, shimmering fabric, faux fur and alligator-printed leather reflects the shine of the times prominent at the turn of this century.

The realization that we have to cease destroying our planet has made young designers adamant to produce sustainably and locally, thus creating fewer polluting proposals and turning to timber, fur, skin, textile, ceramic and glass. Getting in touch with the more animistic side of man, archaic inspirations have fostered a new aesthetic of bold organic form and natural materials dancing to a shamanistic rhythm. The Campanas' **Prived Oca** chandelier that was commissioned for Swarovski by Ilse Crawford in 2003 was an incarnation of how the brothers have been early observers of this return to primitivism and fetishism from within Brazil; itself a centre of ancient rituals and blended cultural extracts from Africa and Europe, combined with its own indigenous heritage.

Digging deeper into the landscape, the Campanas have incorporated organic inspirations from the rainforest into the shapes of their chairs and seating. **TransPlastic** was first shown at London's Albion Gallery in 2007, a seminal series of morphing silhouettes woven from Brazilian wicker that illustrate the power of nature to take over and destroy all culture; reclaiming territory back with a vengeance from an overwhelming industrial expansion. The Campanas have also integrated geological crystals and minerals in the **Diamantina** and **Cristalina** works that are an extension of the same collection; these crystalline structures that carry spiritual values could have been discovered on one of the many short sabbaticals the brothers take at remote deserts, lost volcanic lakes and secluded forests, yet they were sourced through an inspiring dealer located not far from the designers' studio in the heart of the urban metropolis.

Though travel and adventure are important to both brothers to inform themselves and rest from their super-nomadic existence, it is the hectic inner city and its jungle of juxtaposed rags and dolls, tools and crates, fences and colourful plastics that represent the major anthropological values in their work so far. The found object as a source for creation. A street vendor's kiosk filled to the brim with teddy bears becomes a design icon of our time, illustrating our dire need for tactility and tenderness; doll souvenirs from the streets of northern Brazil are collected to become another iconic chair, representing the bustle of multicultural society but also reflective of human suffering and struggle; history makes us ask whether it represents a container of refugees, victims of a tsunami or slaves being transported? And the layered multi-coloured displays of textile and ribbon found at the market have become a recycled piece of furniture fit for our interiors; recycling being part of their idiom since the beginning and taking on more sophisticated applications as their careers progressed.

This constant source of improvised life, such as

that found in the **favelas**, is like music to their ears; bringing movement to their bodies that like to dance, extreme values to their eyes that like to wander, and taken as a token of dignity and desire for change on the world stage. Like their Italian namesake (Campana means "bell") and their ingenious collaboration with Venini that was commissioned by Murray Moss, the brothers truly ring bells in our minds, provoking joy while also installing awe and reflection—representing the world as one global **favela** while fighting fear, industrialization and poverty. The Campanas embody an exciting melting pot of a chaotic culture ready to boil over and spill.

Page 172 THE GREAT MOTHER

During the full moon, when the sea is tinted silver, it is said that a beautiful woman, with long black hair, ruby red lips, full breasts, drops pearls from her hands while she sings ballads. She is Yemanja, Queen of the Ocean, Orisha of fresh and seawater, the great mother, the feminine energy that takes care of her children and protects homes and families.

Yemanja arrived in Brazil in the heart of the African slaves, and here she lost her dark mermaid aspect and took on the features of a beautiful girl, with fair skin and blue eyes as deep as the colour of the sea. Her name comes from the Yoruba expression **Yéyé omo ejá**, meaning "mother whose children are like fish".

Owner of all heads, also know as Janaína, Marabô, Maria, Mucunã, Princess of Aiocá, Dandalunda, Inaé or Ísis, Yemanja is worshiped in Brazil in both Umbanda and Candomble cults. The two religions have similarities and differences, and are often confused.

Umbanda is a religion of African origin, with streaks from other religions such as Catholicism, Spiritism and Indigenous roots. The Orishas are worshiped differently by the Candomble. The medium receives light entities that are spiritual guides such as the caboclo, a person of mixed Indigenous Brazilian and European blood and the Old Black Man, representing spirits of old slaves who died in captivity after being beaten or flogged by their masters. These counselors embody the energy from nature to strengthen the spirit in a religion that is associated with peace, wisdom, charity, complicity and love.

Candomble also came from Africa and is divided into nations of origin, such as the Yoruba Nation and Djedje from the Dahomey region. People from different nations and beliefs were sent together to Brazil, and here the Orisha common to all nations prevailed. In Candomble, the mediums are taken over by Orishas that rule their lives, like Oshun, Ogoun and Iansan, men and women called "horses" that are prepared to receive the Orishas, that rule their lives and strengthen their spirit. Consultation is done through the cowrie-shell divination, there is no embodiment and there is no communication with the spirits.

Umbanda and Candomble have in common their Afro-Brazilian origins and the **atabaque**, which is the Afro-Brazilian hand drum that is played at festivities to awaken the entities and to set the rhythm for dancing.

The patron saint of fishermen and lovers is celebrated in Bahia on February 2nd. However, during two weekends in December, in Praia Grande, São Paulo, approximately two hundred groups from **terreiros** (places of worship) all over the state gather to worship the Goddess of Water, in an authentic celebration full of symbolisms. During these days, each **terreiro** brings its followers and **atabaques** and sets up tents on the beach, used as temples in homage to thank Yemanja. The night is dominated by the transcending sound of the drums, by the transformative dancing of the believers, by the insistent prayers and by the incandescent lights of millions of candles.

On the next morning, boats loaded with flowers and gifts for the Orisha are taken out to sea. Yemanja is known to be very vain and likes mirrors, perfumes, jewellery, makeup, soap, hairbrushes and combs for her mermaids' long hair, and flowers, many flowers. The devotees believe that when the sea returns the small boats, it is a sign that the Goddess of Water did not accept their gifts.

The most moving aspect of the Praia Grande celebration, which has been taking place for several decades, is the simplicity, the variety of people of all ages that are there moved by faith to be thankful for the passing year and dedicate the next one to the Mother of all People.

After living for a quarter of a century in Italy and with a foreigner's point of view, photographer Ruy Teixeira went down to Praia Grande to accompany José Bassit, a photographer famous for registering religious celebrations in Brazil. They stayed in a small hotel by the beach to witness the festivity. He was moved by the purity of what he saw and captured his vision. The flowers returned by the sea, a solitary woman paying her homage, elegantly dressed as an Old Black Man, the sound of the **atabaques** that quicken the heartbeat, the altars on the beach for Eshu, the Orisha that links the material and the spiritual, the simplicity and ingenuity of the offerings. "If I had to define the Yemanja celebration that takes place on the shores of Praia Grande, I would say that the best words would be dignity, pride, devotion and elegance", summarizes Ruy Teixeira.

Page 182 WHITE SPIRITS

In a hot and tropical country white textiles offer the soul a moment of cool to collect one's soul and to meditate on the meaning of needle and thread..... Layering laces open doors of ancient grace Needlework suggest friendship and love Stitching represents endurance and vision

Page 188 CHEST OF STORIES

Melancholy rages in the skies of Serra da Canastra, where sceneries never cease to delight

The Portuguese word **canastra** means a type of chest, and is also the name of that part of our back that best supports heavy weights. In Serra da

Canastra in Minas Gerais, the weight of life and death alternate like a swaying seesaw. On one end, splendid nature and an abundant past borne by the land. On the other, obliviousness, ruins from a neglected world. Like decayed chests bearing witness to a glorious past. During the summertime, chaotic skies hover over these fragments of time and their blue is torn by tumultuous clouds, shading pastures, animals and people with their eyes gazing out windows and their thoughts up above. Deep in the mountains that protect the source of the São Francisco River, the **Old Chico** is still a child, but already understands his or her solitary and immense destiny ahead.

Page 198 TREES ABLOOM

Hundreds of tropical tree species exhibit tasty fruit and flowers that deserve special attention

Native to the state Maranhão, the poet Gonçalves Dias was amongst the first to exalt the beauties of Brazilian geography in his **Exile Song**. In a land abundant with palm trees, where the thrushes sing, there is plenty of space for trumpet trees and jacarandas to flower. Far from the imposing aesthetics of the African baobab or the delicacy of the Japanese cherry tree, these Tupinambá species sparkle with unique colours – from lilac to canary yellow, passing through pink and the candour of white.

Thanks to its continental dimensions, Brazil reveals exclusive biomes such as **caatinga** (scrubland), mangroves, Atlantic Forest, **cerrado** (savannah), **pantanal** (wetlands) and pampas (plains).

In these areas, mainly in spring (between September and December), hundreds of trees sprout with elegant flowers – and it is exactly because of this detail that the local fauna is so admired. Here, even the legumes exhibit at least a few petals, such as the **Monjoleiro** and the **Pau-de-Papagaio**, the latter loaded with small seeds that strike the eye like sumptuous bouquets.

Not even the lack of water in the most arid regions of the country hinders the enchantment that unfolds amongst the golden cluster of **Amburana cearensis**, known locally as **Cerejeira-rajada**. In this landscape, it is also worth taking a closer look at the cashew trees and their minute pink flowers. In the south, attention is divided between the **Araucaria** and the **Ficus**. However, the variety is so immense that it is impossible not to mention **Peroba**, **Carapanauba**, **Urucum**, Brazilian orchid tree and Brazilwood – that guaranteed the country's name and portions of gold to the former Portuguese colony. And it was thanks to this species of a slender silhouette and red interior that Brazil's promising history began.

Page 202 TRANSPORTABLE LANDSCAPES

"Every state of mind is a landscape", wrote Fernando Pessoa. This claim would be custom made for the art by Marga Puntel, from Rio Grande do Sul, were it not for the century that separate poet and artist. In

Transportable Landscapes, the artist seeks to renew the relation between spectator and landscape, creating micro nests of leaves and flowers, photographed on the palm of a hand. The images incite reflections about man and environment, consumption and waste and life and death through the processes of decay. Reflections also on the grown-up versus the child, toying with scale and perception. With its clear horizontal construction and through its saturated colours these works communicate a feeling of welcome.

Page 206 BARREN LIVES

A long drying process based on water droplets stole the vital fluids from these flowers. In their final breath, still endowed with rare beauty, they nestle on skin, waiting for a final poem.

There is beauty in flowers that wilt with time, abandoned somewhere in a vase. Beauty that gains lushness beside a woman's fair skin.

Would a woman be capable of returning life to flowers? Or is there a breath of ancient beauty in dry flowers?

Page 212 SOLIDARY ROSES

Although they lack the perfume and lushness of real flowers, plastic arrangements watch over the deceased with the beauty of an eternal work

Flowers in hanging baskets and those paying tribute to the deceased are one and the same; roses and carnations unexpectedly unified in a mission to rupture the absurd atmosphere that surrounds the living and the deceased in a moment of disconnection. Research published in July 2013 by the US National Academy of Science revealed the discovery of the oldest grave decorated with flowers in the history of humanity. According to archaeologists, the flower remains – residues identified as **Salvia judaica**, a type of mint – are almost 14,000 years old and ascertain that the tradition of taking flowers to the deceased is even older than predicted by previous assumptions.

Flowers decorate our tombs and sometimes unexpectedly appear in cement cracks between graves, like a scream breaking an infinite silence. The deceived ones wilt, lose colour and fill the air with the merciless scent of perennial things. Blooms for the deceased have a different perfume. The desire for eternal life or detachment from all that is lost over time – such as our own existence – has replaced traditional flowers with fake arrangements that decorate forgotten mausoleums with plastic petals.

The inanimate essence of imitation flowers may not be evident at first glance and it is even likely that traditionalists disapprove. However, their beauty lies in what they transmit in terms of human complicity. Determined to spend years resting alongside another inert body, they show no signs of fatigue, unlike their living stem and leaf peers. They relinquish nature's freshness and pounding beauty in return for eternal life, so eagerly pursued by mankind.

Page 218

INSTRUMENTS OF FAITH

Brazil results from the mixture of three great cultures: Indigenous, the original people from the land; European, the Portuguese and later others that came in search of gold and other riches; and African, the slaves captured to work in mines and on the great farms. Syncretic since it was discovered on 22 april 1500, the multiplicity of ethnic, cultural and religious streaks that emerged from this fusion have amalgamated to the point of blending into one single element: Being Brazilian.

This fusion of religions and faiths survived the Catholic Church and the acculturation attempted by the Jesuits and other missionaries and converted itself into a tangle of faiths that ended up existing in harmony. The official Catholicism imposed by the colonizers coexisted with popular forms of Catholicism, with Candomblé, Umbanda, Protestantism, Islamism, and, more recently, with Judaism, Buddhism and Hinduism, in a balance of cultural antagonisms.

Faith is inherent to human beings. Mankind needs to believe in something greater, something divine. Brazilians are born people of faith. They believe in the supernatural, fear ghosts and disembodied spirits, and at the same time attend mass and Umbanda cults to take offerings to Yemanja or lansen. The evidence of this fusion is present in the small devotional altars found in many homes. An eclectic collection of animistic and mystic artefacts that represent the tumultuous spiritual life of Brazilians. A carnival of belief systems enriching the soul in a simple everyday place.

Page 226

OPENING DOORS

The door is a passageway that has been imbued with symbolism for millennia. Archaeologists have uncovered doors dating back 5,000 years and its earliest cultural illustration is in hieroglyphic art.

A door is both an entrance and an exit, an opportunity gained or one possibly lost. Open doors mean open communication, while shutting them creates a divide between us and the unknown. A door's peephole can imply a need to see the outside world, an invitation to explore new horizons in life, to peer at what the other side holds. The door is a symbol of reception, its doorbell or knocker indicative of a home that welcomes its visitors. Doors signal our status, from a humble wooden farm door to an elaborately panelled and painted townhouse porch. Today, virtual doors grant us digital entry to limitless possibilities online.

In dreams, doors are thought to represent new beginnings or experiences but can also suggest the barriers between emotions, whether or not they are locked. The back door of a house relates to one's family and keeping secrets. And Freud believed that doors depicted sexual organs, from the keyhole to the handle and knob, which represented the sexual act itself. Yet doors also evoke vulnerability, hiding the dangers that can lurk behind closed doorways; bad

omens from which we need to be protected. In voodoo culture, they are used as message boards on which to declare a threat or ward off the evil eye. As portals between dimensions, doors are gateways through which spirits and energies transition. Some doors are enchanted or have guardians that need to be passed.

In the Bible, doors appeared in the Book of Job and were mentioned as early as Genesis - incidentally emerging at the same time as sin. In liturgy, they denote deliverance and are a passage through which the righteous shall enter. The gates to Heaven, Jannah or the Afterlife are the last of cosmological doors; an opening through which one cannot return, and most probably would never want to.

Page 230

ANCESTRAL LANDSCAPES

Panoramic vistas have recently been revived in our interiors, as murals, wallpapers and photo-printed panels, as well as in fashion with animated images appearing on garments, textiles and accessories. By braiding textures, colours and lush vegetation together, the romantic viewer-consumer is invited to narrate his or her own tale - telling stories and imagining fantasy from the depths of the forest or the expanse of the plains.

The ethnographic thread running through Laura Lima's art links us to landscape, grounding our nomadic roots in the earth, regardless of where we are from. Part ancestral memory, part futuristic setting, Lima's masks absorb us into a dreamed up world where new concepts and languages flow, a land where possibilities are open and exciting; allowing us to be both spectators and participants in the Commedia dell'Arte of her alternative reality. All the while connected to the passage of time.

Page 238

THE PINEAPPLE PRINCIPLE

After it was encountered and catalogued by Christopher Columbus in 1493, it was the sugary pineapple that bridged the divide between Brazil and Europe. As a messenger and symbol of welcome, the sugary fruit was to become the ideal pacifier between the new Americas and the influential courts of old Europe; and the Portuguese were the first to import the fruit from Brazil.

Indigenous to southern Brazil along the Paraná River, the **Ananas comosus**, as the fruit is named in scientific circles, was already planted, harvested and genetically altered by the native peoples that strived to take away its wooden pieces and make the fruit just a delight of sultry juice. Hence the conical construction of the fruit became a sign of generosity in Brazil as well as in Europe, triggering an important fashion for pineapple motifs in painted stucco, carved wood, embroidered cushions and printed wallpapers and textiles; considered an eternal emblem of hospitality. The pineapple is from the family of the Bromeliads, a plant lineage that develops a generous spiral of circling leaves into a rosette that often takes on

variations of colour as if they are blushing. The proud king of fruits, crowned by an impressive feathery headdress, has governed with its sweet sap the fruit and juice trade around the world. The tough leaves are long with quite a prickly edge, the flowers that arise from the rosette each have their own sepals, which become juicy and fleshy and grow into its armoured pseudocarp form.

Once the Europeans discovered the pineapple's delight, by the 17th century they rapidly took action. They were looking for gold, hunting for minerals and searching for rare plants to do business, so they continued expansion and trade by starting ananas plantations in their own tropical and subtropical colonies; thus the ananas became a famous fruit and flavour all over the world, from India to the Philippines to Hawaii and Africa.

Used in desserts, ice-creams, cocktails and savoury foods like curry and the occasional sole Picasso, the canned pineapple became a staple of the family household, taking hold in the early decades of twentieth century America, representing the essence of all that was exotic. Together with the pink flamingo and banana leaves, the yellow fruit became a favourite motif of American Déco, as seen in murals from Palm Springs to Miami. Later on, the pineapple was present on loud Hawaiian shirts, plastic ice buckets and cross-stitched cushions adorning bamboo furniture. A bit kitsch, the pineapple motif was once again featured in interiors, a darling of decor and vintage design.

The contemporary use of the pineapple is in the making and top chefs and cocktail designers are conspiring to bring back its sugary taste to sushi, salads and soups, in patisseries and mixers with vodka and Pastis. The textile industries are developing pineapple fibres that somehow seem to emulate the majestic floating qualities of silk organdie, but with an ecological identity. One day **ananas** might even become a new biofuel or building component...

This third wave of ananas-ism is definitely on its way, detected at the recent interior and textile fairs of Europe. Suddenly, this historical symbol of hospitality seems to come back in many guises, in crochet and in paper, as lamps and amphora, on curtains and in fashion. With its hopeful golden shine, this imperial Bromeliad seems to represent the revival of the world's economy and symbolise the arrival of a more mannered and altruistic society. Saying welcome to you once more.

Page 240

LIKE A PHOENIX. ANCESTRAL WISDOM FERTILISES HOPE FOR PEOPLE FORGOTTEN BY TIME

In the outback, in very dry places, the stories are like **mandacaru** flowers. When they blossom, it is a sign of imminent rains. Life sprouts, after months and months of drought. The stories told there are like these dry flowers. They were always there. However, just as flowers need water, stories need to be told in order to live.

Once upon a time, many, many years ago, a forbidden love was born in the outback, together with the rain. A farmer called João Barbosa fell in love with Maricó, a cook. From this forbidden love, a story was born. From the story, a place called Varzea Queimada, in the interior of the state of Piauí, in the heart of the semi-arid region, with a population of eighthunderd people, all of them related and descendent from this first very strong love. This story was lost in time and the memory of a strong, brave and creative people, guardians of ancient knowledge and handicraft techniques that survived the centuries, and like a phoenix dried up and faded.

Like the **mandacaru** flowers that are revived by water, Varzea Queimada was recently revived by a dream and BY the will to transform BY the love of visionairy outsiders able to resurrect the dream.

In a church with no priest, with a goat nibbling on the newest creations, the local artisans construct contemporary miracles with their own hands. They plunge deep into the soul and culture of the ORIGINS that make up the population, its history and its loves-tories, transforming all this energy and information into new design which is revealing the brazilian soul. and forecasting its future.

Varzea Queimada was reborn from its own story, from that forbidden love, from the mixture of races, from ancestral wisdom and from the certainty that the future is in their own hands. In the community, the men work with latex while the women weave the straw.

Page 246

PLAYING DOLL

The child in us remembers our umbilical connection with a bit of blanket or a snippet of terrycloth. Inseparable! The archetypical doll is just a piece of cloth that is eventually knotted into a make-believe human form. The cuddle doll is manufactured to forever clench the baby's thirst for love and tenderness, and to address again and again the maternal intuition in us, igniting a desire for instinctive matter like skin and wood. The doll will often be made as a crude and rudimentary object with wild and fetishist clothes and authentic detailing, making it a collectable example of craft.

Dolls are effigies of the human being that are often used as children's playthings yet these same puppets may also have magical and religious ceremonial values. There is no defined line between the ritual doll and the cuddling toy, introducing a spiritual dimension to the children's world to be experienced from the beginning. The figurines are often used in education, narrating history as carriers of cultural and folkloric heritage, speaking of a local identity and actively sustaining craft and couture.

Playing doll is the first moment in life when a sense of style and fashion emerges, when the child can project his or her personality and inner-self, free of parental constraint. It is a moment of happiness when all choices are not yet fully made, when everything is still possible. When creativity is unrestrained and blooming. The creation of a rag doll made from a patchwork of recycled materials can be seen as an act of self-

defence and a defiance of environmental conditions. Born in poverty and neglect, some children know how to dress a stick, how to stitch a dress, or how to quilt a doll, constructing hopeful scenarios for their future, often coming out of a need for refuge and comfort. An innate skill forces young people to represent the self and their dreams and aspirations. As a mirror image, the doll is dressed up and down, and up again, to enact the aspirations of its owner, representing regional taste and handicraft. Artistic dolls of all origins made from wood, ceramics or textiles speak of an important movement towards the revival and sustainability of the made by hand as passed from generation to generation, from mother to child.

Piercing eyes embroidered on pale skin and a small bodice with crossed bullet belts narrate a fierce and violent past while a ragdoll with long and sluggish legs is combines stripes and squares reminiscent of a frugal upbringing, chubby hands and Rastafarian curls ornate a figurine dressed in a pinafore and exuberant floral patterns, serving delicious recipes of colour and pattern; a toy woman dolled up in dresses. Like a mannequin the dolls are dressed in gowns with short sleeves, apron dresses and plunging necklines with perfect details like cascading gathers and panniers to animate these inanimate toys. All fashions taken from the traditional clothes of rural villages.

Archaic and millennial rag dolls from all regions of Brazil inspire fashion to go back to its indigenous roots and use home grown materials in a rudimentary manner, with moulded shapes and without reserve, introducing fashions for all identities and of all ages, gathered in printed cottons and woven checks, patchwork and chiffons, washed-out jacquards and mended laces. Learning how to embrace the original ingredients of dress, as handed down through centuries, as a way to rediscover the history of clothes and to redefine the DNA of Brazilian fashion design. Dolls' garments and dollhouse textiles are the only elements in the toy world that are not made to measure, and therefore the scale of wovens and prints often give an oversized impression. In order to look like a doll, fashion will have to look for gigantic graphic patterns that give an optimistic and happy effect to clothing. Playing with scale and pattern within an original-style.

Where the plus rhymes with the minus and the abstract supports the narrative, where the local reaches out to the global and where the past expresses the future. Where the child is omnipresent. That is to say, the child in us.

The mission of project “Mãos do Meu Brasil” (My Brazil's Hands), directed by fashion consultant Chiara Gadaleta Klamic, is to take fashion to artisan communities, and bring the communities into the market. “Mãos do Meu Brasil” uses natural and recycled materials, and generates income and new opportunities for communities in need.

Page 258

MARACATU

“It beats strong bringing happiness

the sun shines with great splendour to show how it is done (encore) the maracatu from the Nago Nation”

Page 260

NOVA ESPERANÇA, A VILLAGE THAT LIVES BY ITS NAME

Simplicity, respect, love and union are some of the main principles of the Yawanawás, a people who live and protect the forest, connect with the men and animals's spirits that live in the trees and other worlds through their headdresses, are able to find a cure in nature and energy in animals, to receive wisdom through their dreams.

In this untouched photographic essay made during the **saiti** festival, common people from various ancestries were painted with the **kenês** that adorn the Yawanawá Indians to confirm and profess the faith of this people living deep within the Amazon region that we are all alike.

The original **kenê** drawings, with impeccably fine lines, are made with bits of wood or matchsticks and sewing thread and form both geometrical and animal figures such as butterflies, snakes or fish that symbolize the contact between man and nature and man and ancestral forces.

The colours that come from small gourds result from the use of **urucum**, a small fruit that renders a lacquered red colour, **jeninapo**, that has a darker tone and sticks to the skin, and **cipá**, a tree resin that is mixed with charcoal to produce the intense black. They are used to paint the faces and bodies of the indigenous people and their guests at **uni**, a festivity during which **ayahuasca** is consumed and participants dance, sing and invoke ancestral spirits.

The Yawanawá people live in Nova Esperança, a native village on the banks of River Gregório. They all but lost their culture when the white men arrived in the region and tried to change their lifestyle and rituals. Had it not been for a contract for the production and commercialization of **urucum** signed with an international cosmetics company, the economy of the region would have collapsed. And the AGT (We Can Transform) contact, a non-profit organisation founded and directed by the designer Marcelo Rosenbaum, who is passionate about the survival of the cultural diversity of his beloved Brasil. With his trained eye his is able to detect the crafts and products that have the strenght and content to reach other people and markets.

It is the Yawanawá festival that takes place every year in the village to perpetuate the Yawanawás' habits and customs that would otherwise have disappeared that helps visitors to join and understand other cultures, use other colours, enjoy other foods. To give voice to the Yawanawás and bring this ancestral culture closer to Western culture is the dream of the indian chief Biraci Brasil Yawanawá, who intend to keep this alliance with the white people, because everyone believes that the planet cure is into the forest.

BLOOM
a horti-cultural view
abril 2014

CONCEPÇÃO E DIREÇÃO DE ARTE
Lidewij Edelkoort

EDITORIA-CHEFE
Lili Tedde

DIREÇÃO DE ARTE E STYLING
Sergio Machado

FOTOGRAFOS

Brice Vandermeeren, Edouard Fraipont, Eduardo Ortega, Ella Dürst,
Everton Ballardin, Daniel Costa, Daniel Klajmic, Ita Kirsch, Jérémy
Souteyrat, João Ávila, Laura Lima, Lucas Moura, Luis Claudio Marigo,
Marie Taillefer, Marcos Lopes, Marga Puntel, Renata Mein, Rogerio
Cavalcanti, Romulo Fialdini, Ruy Teixeira, Tatiana Cardeal,
Simone Blauth, Valentino Fialdini

STYLING
Chiara Gadaleta Klajmic, Drica Cruz (abá mgt)
Heleno Manoel, Paulo Martinez, Sergio Machado

EDITORES
Maiá Mendonça and Philip Fimmano

TEXT
Allex Colantonio, Cynthia Garcia, Li Edelkoort, Maiá Mendonça,
Maria Clara Vergueiro, Marcelo Rosenbaum, Marcos Lopes,
Marianne Piemonte, Marques Casara, Patrícia Favalle, Petra Dokken,
Philip Fimmano, Roberto Burle Marx, Roberto Ruggiero, Waldick Jatobá

REVISOR
Claudio Eduardo Nogueira Ramos

TRADUÇÃO
Julie Cleaver Malzoni e Anthony Sean Cleaver

DESIGN
Mariola Lopez Mariño,
AB/C Anthon Beeke Collective

CAPA
diretor de arte Sergio Machado, fotografia Marie Taillefer,
assistente de fotografia Erwan Fichou, florista Even Paris

PRODUÇÃO
Ana Bravo, Ana Laura Villega, André Phergon, Cintya
Misobuchi, Fernanda Wally, Lucius Vilar, Virginia Lamarco

GRAFICA
Ipsis Gráfica e Editora

PROJETO CULTURAL
Totalcom Comunicação
Expressões de Arte - Bloom Brasil - Pronac 129824

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA
Flavio Enninger | Quattro Projetos
www.quattroprojetos.com.br

Dados Internacionais
de Catalogação na Publicação (CIP)

E22b Edelkoort, Lidewij
Bloom Brasil / Li Edelkoort. - 1. ed. - Porto Alegre : Totalcom
Comunicação e Eventos, 2014 .
288. : il., fots. color. ; 22,5 x 28,5 cm.

Ensaio fotográfico da natureza e cultura do Brasil.
ISBN ????

1. Ensaio fotográfico - Brasil. I. Título.

CDU 77(81)

Bibliotecária Responsável: Denise Pazetto CRB-10/1216



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

Ministério da
Cultura

